

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE DOUTORADO**

# **A BUSCA DA INTEIREZA DO SER**

**Formulações Imagéticas para uma Abordagem  
Transdisciplinar e Holística em Saúde e Educação**



**Mauro Luiz Pozatti**

**Orientadora:  
Profa. Dra. Dinorá Fraga da Silva**

**Porto Alegre, março de 2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE DOUTORADO**

**A BUSCA DA INTEIREZA DO SER**  
**Formulações Imagéticas para uma Abordagem**  
**Transdisciplinar e Holística em Saúde e Educação**

**Mauro Luiz Pozatti**

Trabalho apresentado como requisito ao título de Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

**Profa. Dra. Dinorá Fraga da Silva – UFRGS**

Banca Examinadora:

**Profa. Dra. Cleoni Maria B. Fernandes - UNISINOS**

**Profa. Dra. Rosa Maria F. Martini – UFRGS**

**Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrósio – USP**

**Porto Alegre, março de 2003**

## SUMÁRIO

<b>I - Percurso Reflexivo</b>	<b>01</b>
A – A caminhada	02
B – A reflexão	09
C – Questões orientadoras e etapas da formulação teórica	12
<b>II - Visão de realidade</b>	<b>15</b>
A – A percepção da realidade	16
B – Visões compartilhadas de mundo	22
C – Uma nova física e as antigas tradições	26
D – Visão integrada da totalidade	33
E – Consciência e realidade	45
F – Modalidades da consciência humana	51
<b>III - Formulações imagéticas para a inteireza do ser</b>	<b>58</b>
<b>IV - Desenvolvimento da consciência humana</b>	<b>86</b>
<b>V - Saúde e educação</b>	<b>108</b>
A – Ações de saúde para a inteireza do Ser	109
B – Ações de educação para a inteireza do Ser	118
<b>VI - Conclusões: inferências possíveis</b>	<b>130</b>
<b>VI - Bibliografia</b>	<b>134</b>



A meus pais, Américo e Célia Pozatti pelo incentivo e por acreditarem em mim.

À minha companheira, Lúcia D. Torres, pela parceria durante todo o processo da tese.

A meus filhos, Fabrício, Matheus e, agora também, Ariel, por existirem.

## **AGRADECIMENTOS**

Entre os muitos que quero agradecer, por me acompanharem nesta jornada e aceitarem o aprofundamento das idéias contidas nesta tese, estão os companheiros do Movimento Guerreiros do Coração. Em especial, os primeiros que realizaram o Curso da Inteiraza do Ser: Alexandre Magno, Luis Henrique Garcia, Luis Jacques Saldanha, Luis Carlos Niemczewski, Luis Fernando Guterres, Marco Antonio Fortunato, Marco Aurélio Caminha, Paulo Lipp e Wilson Leipnitz, por acreditarem na proposta.

Aos aprendizes da Formação Holística de Base e do Curso Cuidar do Ser, os alunos da Escola de Educação Física e do curso de Farmácia da Ufrgs, por me ouvirem e, através de seus questionamentos, me auxiliarem a depurar estas idéias.

Aos professores Dr. Pierre Weil, Dr. Harbans Lal Arora, Dr. Amitt Goswami, Dr. Stanley Krippner e Dr. Ubiratan D'Ambrósio por terem me ouvido e estimulado a realizar este doutoramento.

À Craig Gibsone pela apresentação do mapa transcultural e por ter-me ensinado a valorizar o ritual de uma maneira sagrada.

À todos os amigos da Unipaz-Sul pelo apoio e, particularmente, aos participantes do primeiro Núcleo de Apoio Acadêmico: Cilúlia Machado, Ivone Tigre, Neusa Armelini e Miriam Rosa, pelo estímulo dado aos primeiros acordes desta tese.

À meus colegas do Tawa – Núcleo de Saúde e Educação: Solange Silva, Lourdes Garcia, João Lauda e Margareth Osório pelo apoio, compreensão, cuidado... e paciência.

Especialmente, quero agradecer a minha orientadora Profa. Dinorá Fraga da Silva, pelo seu apoio irrestrito as minhas mais estranhas idéias e sua provocação permanente para o aprofundamento e clarificação das mesmas. Tem sido uma mestra que ilustra o que pode ser uma autêntica universidade.

À minha querida companheira Lúcia, com quem, no dia-a-dia da construção desta tese, pude confrontar, debater, aprofundar, perceber os paradoxos, criar e, ainda assim, compartilhar, profundamente, a busca da inteireza do Ser.

Agradeço ainda a todos os clientes, amigos e colegas que, de uma forma ou de outra, me auxiliaram no percurso desta tese.

## **RESUMO**

Esta tese trata-se de um recorte a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo autor, nos últimos vinte anos, nas áreas de educação e saúde, sendo uma teorização de sua prática, orientada por uma visão transdisciplinar e holística. Esta formulação encontra-se expressa numa linguagem verbal (textos verbais) e não-verbal (formas e cores), gerando formulações imagéticas sobre a inteireza do Ser. Reconhecendo a existência de significação entre diferentes níveis de realidade, esta tese gera formulações imagéticas que permitem significações isomórficas entre estes níveis, através do chamado mapa da inteireza do Ser. Tal mapa constitui-se em uma forma de observar o desenvolvimento da consciência humana, permitindo a proposição de ações de saúde e educação visando à inteireza do Ser em cada ciclo vital numa abordagem transdisciplinar e holística. Trata-se de uma síntese transcultural.

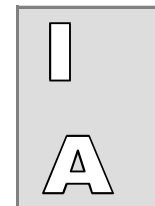
## **SUMMARY**

This thesis consists in a composition made with works developed by the author, in the last thirty years in areas as education and health, comprising the theorization of his practice guided by a transdisciplinary and holistic vision. Such content is expressed in verbal (written texts) and non-verbal languages (forms and colors), creating image formulations about the “Being integrity”. Assuming the existence of signification among different reality levels, the thesis creates image formulations, which admit isomorphic significations between these levels, via the “Being integrity map”. Such map represents a way of observing the human being conscience development. It allows the proposition of health and education actions with a view of achieving the Being integrity in each vital cycle, always considering a transdisciplinary and holist approach. The thesis deals about a transcultural synthesis.

# A busca da Inteireza do Ser

I

## Percurso Reflexivo



## A caminhada

“É absolutamente necessário explorar a infinita capacidade de deslumbramento da consciência humana para ser possível reencantar o mundo.”

Basarab Nicolescu

A presente tese é um recorte a partir dos trabalhos que desenvolvi, nos últimos trinta anos, nas áreas de saúde e educação, sendo uma teorização da minha prática. Nascendo de uma empiria, ela representa uma formulação, enquanto proposta teórica, orientada por uma visão transdisciplinar e holística, a ser desenvolvida no corpo deste trabalho.

No início dos anos setenta, passei a interessar-me por temáticas que me falavam de um olhar diferente da vida, como o livro *Despertar dos Mágicos*<sup>1</sup>, textos da Revista Planeta, de outras organizações e culturas, tais como os Rosacruz, os Incas e os Maias. Pouco depois entrei para a Medicina e logo isto ficou “para trás”.

Nos idos de 1978<sup>2</sup>, preocupava-me a discussão política no Centro de Estudantes da Medicina e a dificuldade de colocarmos em prática aqueles belos discursos.

<sup>1</sup> Powels, L. Bergier, J. O despertar dos mágicos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998. 27ª. Ed.

<sup>2</sup> Pozatti, M.L. e Pozatti, J.M.C. Bases para a organização de uma comunidade na busca de melhores condições de vida. Arq. Med. Prev. Porto Alegre. 2:p-6-14, Ago-Set. 1980.

Para fazer algo, reuni-me com alguns colegas e formamos o GUSP – Grupo Unido de Saúde Pública, vinculado ao Departamento de Medicina Social da UFRGS, iniciando atividades de saúde comunitária na Vila Augusta, em Viamão-RS<sup>3</sup>.

Esta atividade alterou o rumo de minha vida: passei a perceber as falhas do meu conhecimento médico, uma vez que, na prática, não tinham o resultado esperado porque haviam sido desenvolvidas para outras concepções de mundo (financeiras, hospitalares, internacionais, etc).

Na comunidade, aprendi a utilizar ervas medicinais, simpatias e benzeduras; a organizar movimentos comunitários em prol da saúde; a ensinar com o coração (era o que de melhor podia fazer) e aprendi a amar aquelas pessoas.

A experiência do GUSP envolveu alunos de diversos cursos - Medicina, Farmácia, Enfermagem, Serviço Social, Arquitetura e Educação - permitindo-me uma primeira experiência de convívio transdisciplinar profundo. De 1978 a 1986, realizamos pelo menos uma reunião semanal para estudos, vivências e organização de trabalhos. Naquela época, esboçamos alguns princípios que passariam a acompanhar-me pela vida a fora: viver em comunidade, colocar em prática as nossas crenças, educação horizontal e transversal, coerência e ética.

No final da década de 70, escrevi, em cooperação com uma colega do GUSP, uma monografia sobre a utilização de parteiras tradicionais em áreas de periferia urbana e rural, sendo premiados num concurso nacional promovido pelo então INPS (Instituto Nacional de Previdência Social).

---

<sup>3</sup> Alcantara, A.G. et alii. Vila Augusta: uma experiência de Análise Transacional em Saúde Comunitária. Arq.Med.Prev.Porto Alegre. 1(3):19-25.Out-Dez.1980.

Naquele momento, muitos profissionais da saúde estavam buscando novas maneiras de levar “saúde para todos até o ano 2000”.<sup>4</sup> Este era o lema mundial adotado e defendido na época. Era o tempo da Atenção Primária de Saúde, de Alma Ata, das tecnologias apropriadas. O sonho da Medicina Comunitária.

Formei-me em 1980 e, neste mesmo ano, já como professor da Faculdade de Medicina da UFRGS, na Vila Augusta, passei a atuar, também, junto com outros professores da UFRGS, em projetos multidisciplinares periurbanos da Universidade, como o Pericampus, na Vila Jardim Universitário – Viamão, e o Projeto Itapuã, na zona rural, sempre orientando estudantes e residentes médicos. Nestes projetos, experienciei diferentes maneiras de agir, utilizando distintas tecnologias: fitoterapia, dinâmica de grupos, parcerias com benzedeiros locais, técnicas da psicologia humanista, planejamento participativo, treinamento de agentes comunitários. Paralelamente, realizei especializações em Análise Transacional, Educação Superior e Formação em Psicoterapia, além de ter feito muita psicoterapia pessoal, participando, inclusive, de um grupo terapêutico específico para homens.

Foram quase dez anos de muito aprendizado; porém, apesar da utilização de tecnologias de baixo custo nas comunidades trabalhadas, apropriadas, revolucionárias até, continuavam as doenças, os hábitos insalubres e a saúde buscada só melhorava enquanto havia recursos financeiros. Depois que estes escasseavam, a situação voltava ao que era anteriormente ou até piorava.

As pessoas das comunidades em que trabalhávamos reuniam tal quantidade de conhecimentos sobre saúde (muito úteis na falta de recursos) que me propus a realizar um mestrado para organizar seu conhecimento de uma forma acadêmica, de tal modo que fosse aceito pela Universidade. Porém, durante o

---

<sup>4</sup> OMS. Conferência Internacional de Atenção Primária em Saúde. 1978.



desenvolvimento do Mestrado em Educação<sup>5</sup>, uma percepção de que havia algo de novo a ser apreendido passou a se fazer mais presente.

Neste período (1986), fui eleito chefe do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina, quando então passei a conviver mais de perto com a formação médica, seus pressupostos e seus agentes. Pouco depois, passei a fazer parte da Coordenação do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, atuando fundamentalmente como gestor de serviços de saúde, afastando-me por completo da atividade de saúde comunitária.

Percebi, nesta época, que estávamos buscando novas técnicas e métodos de cuidados para a saúde sem, entretanto, modificarmos o paradigma vigente. A visão de mundo e o paradigma médico eram os mesmos, dentro e fora do hospital. Trabalhávamos em um sistema de saúde e, quando voltávamos para casa, participávamos de outro sistema de saúde, repleto de tecnologias caras; além disso, nós mesmos éramos profissionais da saúde carentes de cuidados com a nossa própria.

Com mais aportes sobre a formação do médico e atuando dentro da gestão de serviços de saúde pude ter outro olhar sobre o que todos dizíamos que queríamos e praticamente não tínhamos força para mudar: serviços de saúde e formação médica adequada. Depois de muitas reuniões, só maquiávamos mudanças e mantínhamos tudo tal como estava.

Paralelo a todo este movimento e muito próximo a mim, estavam sendo divulgadas informações sobre verdadeiras revoluções e transformações em todos os níveis do conhecimento. Na Ciência, os aportes da Física Quântica colocando em xeque toda a nossa visão de Universo concreto, material, mecânico. Os aportes da Psicologia Transpessoal, demonstrando a existência de outras

---

<sup>5</sup> Pozatti, M.L. Paradigmas Médicos e Práticas Médicas – Análise de suas influências em um estágio de Medicina Comunitária da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS-PPGEDU, 1990.

realidades e dimensões do Ser; os aportes de Prigogine<sup>6</sup> e Shelldrake<sup>7</sup> mostrando outras formas de ver a vida; da Informática construindo redes, interligando consciências. Tradições Sapienciais sendo corroboradas, em seus fundamentos e ensinamentos, pelos estudos da Ciência, da Filosofia e da Arte, e, todo este conhecimento integrando-se, construindo outras formas de significação do Universo.

Passei a perceber que nossa visão de mundo, com sua maneira de viver e com suas tecnologias, estava ameaçando cada um de nós, a sociedade, os outros habitantes deste planeta, o próprio planeta e o Universo. Apesar da contribuição e da dedicação dos que trabalhavam pela saúde e por uma educação libertadora, pouca coisa estava se conseguindo mudar.

No meio deste turbilhão (chefia, coordenação, mestrado e leituras) propus à minha orientadora, Dra. Rute Baquero, mudar completamente minha linha de pesquisa. Queria olhar os paradigmas que fundamentavam a prática médica – desconfiava que estavam mudando, e ela aceitou. Pouco tempo depois, apresentei a dissertação. A banca aprovou, provocando-me a aprofundar a temática.

Nesse trabalho, percebi que o conceito de saúde estava começando a passar de “um estado de completo bem-estar físico, psíquico e social, e não apenas a ausência de doença” para algo em direção a uma “experiência de bem-estar, resultante da interação harmoniosa entre aspectos físicos, psíquicos, sociais, ambientais e espirituais<sup>8</sup>”.<sup>9</sup> O corpo, a mente, a sociedade, o meio-ambiente e o espírito estavam passando a fazer parte da humanidade novamente e esta, por sua vez, estava intimamente conectada com o manifesto e o imanifesto da totalidade. Uma totalidade que passou a ser percebida como uma grande teia onde, em cada nó da rede, existia consciência e onde conjuntos de complexidade

---

<sup>6</sup> Prigogine, I. *El nacimiento del tiempo*. Buenos Ayres: Tusquets. 1991.

<sup>7</sup> Shelldrake, R. *Sete experimentos que podem mudar o mundo*. São Paulo: Cultrix. 1999

<sup>8</sup> Espiritual aqui está significando o transcendente; o imanifesto; aquilo que está além da dimensão humana, porém, que é percebido por esta através de seus efeitos.

<sup>9</sup> Pozatti, M.L. *Ibid.* 1990

crecente desta teia possuíam consciência diferente dos nós que a constituíam. Além disso, tanto a parte manifesta da rede quanto a imanifesta tinham consciência, uma interferindo na outra.

Este conjunto de conhecimentos estava tornando-se conhecido como **visão holística da realidade**.

Em 1989, conheci e iniciei a Formação Holística de Base, junto à Universidade Holística Internacional - UNIPAZ, em Brasília, onde passei a ter contato com cientistas, artistas, membros das tradições sapienciais, filósofos, todos trazendo uma mesma mensagem: somos parte de uma incomensurável totalidade, todos somos um. A Formação Holística de Base, ainda hoje, possui como propósitos a busca da inteireza do Ser, o desenvolvimento de uma cultura de paz, a expansão da visão holística ao maior número possível de pessoas. Com uma metodologia profunda, que unia hologia e holopraxis<sup>10</sup>, Pierre Weil e Roberto Crema, junto com outros da mesma estirpe, estavam propondo um outro mundo possível, um mundo de paz.

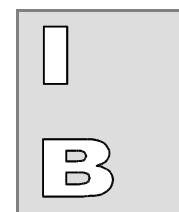
Neste mesmo período, buscando aproximar-me de meus filhos, realizei um ritual com trabalhos para uma nova masculinidade (1992) com Craig Gibsone, um australiano, antigo morador da Comunidade de Findhorn (Escócia). Craig apresentou-me um mapa da tradição nativa americana, que, integrado ao conhecimento prévio, passou a desvelar-se a mim através de leituras, meditações e sonhos, esclarecendo-me sobre a totalidade, sobre o universo, sobre o ser humano e sobre educação e saúde.

---

<sup>10</sup> A visão holística da realidade, para efeitos pedagógicos, possui dois fundamentos distintos e complementares: a **hologia** e a **holopraxis**. A hologia consiste no corpo de conhecimentos teóricos, de cunho explicativo e/ou descritivo, produzido através da Ciência, da Arte, da Filosofia e das Tradições, que leva à abordagem holística do conhecimento. A holopraxis é o conjunto de métodos que levam à vivência transpessoal e holística. Tais processos proporcionam vivências de caráter inefável, pois se situam na dimensão humana de transcendência cujo significado escapa à representação na linguagem comum e no raciocínio lógico. Nestas ocasiões é possível experienciar a indiferenciação de dois aspectos: o espacial representado pela idéia de limites entre sujeito-objeto e o temporal representado pela perda da noção de linearidade do tempo. A mente está centrada no aqui e agora. Sem essas vivências a visão holística permanece na compreensão meramente intelectual. A holopraxis, como conjunto, possibilita um caminho na direção da sintonia com o transpessoal desencadeando o fluir da energia, que se expande às demais dimensões constitutivas do ser humano. (Manual da Formação Holística de Base – Unipaz-Sul)

Em 1992, percebi algo de novo no ar: minha vida entrou num caos. Separei-me de um casamento de 16 anos; sai do HCPA, passei a dar aulas na Faculdade de Educação Física; iniciei a exercer a psicoterapia como profissional em consultório privado. No ano seguinte, em 1993, iniciei a implantação de um grupo de estudos da abordagem holística em saúde na UFRGS (chamado *Holos Saúde*). E, em 1994, iniciei um trabalho com homens, na busca de sua inteireza, chamado *Guerreiros do Coração*. Este processo rendeu muitas leituras, intuições, reflexões e a vontade de implantar um Campus da Unipaz no sul do Brasil. Em 1995, este campus tornou-se uma realidade. Tanto no desenvolvimento dos *Guerreiros do Coração*, quanto na Unipaz-Sul, aquele mapa ancestral passou a fazer sentido de modo cada vez mais intenso, até o ponto de colegas sugerirem a realização de um doutorado com esta temática e aqui estou.

## A reflexão



Esta reflexão biográfica anterior tornou-se necessária para esclarecer alguns pontos fundamentais desta tese: ela é o resultado purificado e aprofundado desta caminhada. Durante este período de quase trinta anos, vivenciei questões sobre saúde e educação que hoje me permitem voltar a olhar com entusiasmo para as possibilidades que temos em nossas mãos: a de contribuirmos com um novo mundo para as próximas gerações. Um mundo em que possam aprender a conviver, a amar a si mesmos e aos outros; que possam conhecer e realizar um mundo de paz por serem conscientes de que são inteiros e parte da totalidade.

Na realização desta tese, tornou-se claro para mim que a visão transdisciplinar e holística transcendia a visão antropocêntrica e materialista vigente; porém, não a excluía em sua totalidade. Ao contrário, integrava-a numa dimensão superior, onde a consciência humana continuava sendo percebida como individuada, e, ao mesmo tempo, fazendo parte de dimensões com maior complexidade. Nesta visão, todas as dimensões fazem parte da mesma totalidade. É uma visão integradora que acolhe os subsídios das diferentes tradições, das diferentes disciplinas da ciência, das artes e das escolas de filosofia, buscando as interações entre suas fronteiras, complementando-se com os diferentes caminhos oferecidos.

Esta forma de olhar o mundo sugere que a humanidade pode tomar consciência da inteireza em múltiplas totalidades. Para isso, necessita harmonizar-se, curando as fragmentações geradas no passado, cuidando das futuras gerações,

acolhendo a si mesma, aos outros seres do planeta e ao próprio universo como partes do mesmo Ser.

Na busca de sua inteireza, a humanidade necessita de ações de saúde e educação, mas, agora, reorientadas por uma ótica transdisciplinar e holística. Neste processo de reorganização, as ações desenvolvidas através dos diferentes caminhos do conhecimento, trilhados pelos ancestrais, poderiam ser utilizadas, integradas e harmonizadas ao contexto atual, preparando a transformação emergente da consciência humana.

Para que esta ótica possa atingir o maior número de humanos, é necessário que seja divulgada de uma forma simples e de fácil compreensão, sem, no entanto, perder sua riqueza e complexidade. A busca desta maneira simples e sintética, vem movimentando mentes privilegiadas do conhecimento atual.<sup>11</sup>

Nesta caminhada, percebi que esta simplicidade poderia ser obtida através de uma formulação potente, um poderoso símbolo da inteireza do Ser, que pudesse ser identificado por humanos de diferentes culturas e conhecimentos e que esta seria a integração de diferentes formulações semelhantes entre si, as quais foram criadas por distintas culturas e caminhos do conhecimento, e que vem sendo utilizados com nomes e formas diferenciadas. Neste momento, signifiquei o mapa como uma formulação integradora de saúde e educação.

Percebi, também, que este mapa era uma chave transcultural, uma cartografia simbólica; uma espécie de “pedra roseta” transdimensional que permitia vislumbrar a inteireza do Ser em cada dimensão e entre dimensões. E que esta “pedra roseta” transcultural, poderia, dependendo da forma em que fosse estruturada, mostrar uma linguagem informacional complexa. Funcionando como um elo transdisciplinar, transcultural e holístico, o mapa poderia ser utilizado para

---

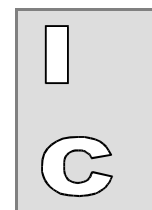
<sup>11</sup> Laszlo, Erwin. Conexão Cósmica. Petrópolis: Vozes, 1999.

observar a saúde e a educação, bem como poderia ser um instrumento de reorganização da consciência ao entrar-se em dimensões não usuais do Ser.

Ao integrar diferentes abordagens, percebi uma maneira de desdobrar este mapa, o que poderia oferecer caminhos para àqueles que buscam a inteireza tomarem consciência de sua vinculação à totalidade.

Este é um conhecimento antigo e novo, ao mesmo tempo. Antigo porque há milênios vem sendo descrito, novo porque para a humanidade atual, enquanto coletividade, está sendo possível conhecê-lo e utilizá-lo. E este conhecimento da inteireza do Ser é de fundamental importância para que se possa garantir um futuro para as próximas gerações.

## Questões orientadoras e etapas da formulação teórica



Como vimos, esta tese se orienta pela relação bidirecional entre a minha experiência profissional em educação e saúde e as leituras e reflexões feitas, que me possibilitaram, ao longo dos anos, teorizar sobre a prática.

Caracteriza-se, quanto ao método, como uma **formulação teórica**, ou seja, geração de conhecimento que se expressa tanto numa linguagem verbal (textos verbais) como numa linguagem não-verbal (formas e cores). Esta formulação segue um **percurso** segundo critérios de seqüencialidade e simultaneidade, de maneira **isomórfica**<sup>12</sup>. Vai do abstrato e simples, assumido nesta tese como o conceito de totalidade, ao complexo e manifesto – as manifestações em qualquer nível da consciência humana. Reconhecendo neste processo, a existência de significação entre diferentes níveis de realidade, esta tese proporá formulações imagéticas que possam permitir significações isomórficas entre estes níveis – **transemiose**<sup>13</sup>, aqui chamada de **mapa da inteireza do Ser**. Tal mapa será utilizado como referencial para a consciência, na busca da inteireza do ser e, a partir daí, constituir-se-á numa contribuição às ações de saúde e educação, numa abordagem transdisciplinar e holística. Esta metodologia visa garantir a harmonia interna, a coesão e a coerência da formulação teórica a ser proposta.

Esta tese não pretende se constituir como uma abordagem hipotética-dedutiva porque não tem a tomada de posição comumente utilizada na ciência moderna,

<sup>12</sup> Greimas, A.J. Dicionário de semiótica. São Paulo: Cultrix. 1989.

<sup>13</sup> Transemiose – entendido aqui como processo de significações entre diferentes níveis de consciência, onde um sistema de significação se transforma em forma de expressão ou conteúdo para outro nível, possibilitando, assim, a interação de sistemas de significação em diferentes níveis de consciência.



onde o pesquisador propõe um quadro teórico de referência para ser utilizado em pesquisas teóricas ou empíricas como contribuição para a comunidade científica. Igualmente não existe a pretensão de criar formulações absolutas e, tampouco, constituir-se numa pesquisa empírica.

Apresentando-se como um espaço científico para aprofundamento das reflexões, proposições teóricas e organização da experiência vivida, este trabalho desenvolver-se-á orientado pelas seguintes questões:

- 1 – A visão transdisciplinar e holística da realidade torna possível uma formulação teórica sobre a inteireza do Ser?
- 2 – O mapa da inteireza poderia ser uma formulação imagética que permitisse a compreensão de caminhos para a busca da inteireza do Ser?
- 3 – Um mapa da inteireza poderia gerar, através de formulações imagéticas, ações de saúde e educação para a busca da inteireza do Ser?

Buscando responder estas indagações, no capítulo II, apresento o estudo resultado das indagações do percurso: seus pressupostos e seus conceitos básicos. Observa-se como a realidade esta vinculada às visões de mundo compartilhadas pela consciência humana. Assinalam-se, também, os diferentes olhares de como a humanidade vem formulando, em diferentes épocas e estilos, as interações entre os caminhos de conhecimento.

No capítulo III, passo a formular imageticamente, uma série de mapas que permitem explicitar, sinteticamente, a busca da inteireza do Ser.

No capítulo IV, através destes olhares imagéticos, busco enfocar a consciência humana através de seus ciclos de desenvolvimento. Apresento, também, uma visão interativa entre unidade e totalidade da consciência, através de modalidades distintas, mantendo a existência da humanidade enquanto entidade.

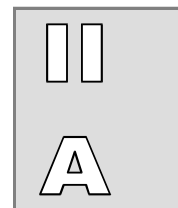
No capítulo V, busco delinear o processo saúde/doença e uma visão das metodologias terapêuticas e de ações educativas a partir das formulações imagéticas, possibilitando gerar ações de saúde e de educação na busca da inteireza do Ser.

No capítulo VI, retomo as questões de minha experiência, integrando-a com os estudos e as formulações realizadas. Realizo uma finalização desta tese reunindo os tópicos principais e apresentando o que considero as principais contribuições do estudo ao tema proposto.

# A busca da Inteiraza do Ser

II

## Visão de Realidade



## A percepção da realidade

Quando se fala em realidade é usual se pensar na existência de uma mesma realidade objetiva, concreta, palpável porque esta é a realidade percebida pelos nossos sentidos.

Através de nossos sentidos percebemos o mundo conhecido; com eles colhemos impressões sobre o que nos rodeia e, a partir daí, as interpretamos segundo padrões de significação (hábitos) que nos foram legados. A repetição contínua destes padrões nos permite compartilhar e manter um mesmo mundo, uma mesma realidade. Aprendemos, desde pequenos, a focalizar alguns padrões perceptíveis pelos cinco sentidos e aglutiná-los em conjuntos de significados, utilizando a cultura que conhecemos.

Através da visão, percebemos formas, cores e luzes. As luzes percebidas são freqüências diversas captadas por um sistema que as transforma em ondas, em pacotes de luz, as quais são reorganizadas a partir de uma interpretação de acordo com o sistema de crenças do observador. A audição nos permite captar outro tipo de freqüência de onda que, enviada ao cérebro, passa por um processo de decodificação (sistema de crenças do receptor) permitindo a interpretação da experiência e gerando significação. O tato também segue o mesmo referencial: ondas captadas por sensores são levadas ao cérebro e interpretadas como "macio, duro, seco, frio", e significadas. O mesmo se refere ao paladar e ao odor. Ou seja, todos os sentidos captam diferentes tipos de freqüência de ondas que, interpretadas através de sistemas e padrões de percepção, permitem a sensação de continuidade e objetividade da realidade percebida.

Neste sentido, a realidade objetiva percebida pode ser o resultado das interpretações de ondas focalizadas, realizadas através das memórias acumuladas por milhões de humanos, os quais aprenderam a criar e dar nome às imagens, sons, cheiros, paladar e tato, gerando, então, os sistemas de crenças compartilhados sobre o mundo conhecido, o que, por sua vez, gera novas memórias.

Para que a realidade torne-se objetiva, concreta, estável, tridimensional, necessita ser compartilhada por indivíduos de uma mesma espécie que, através de seus sentidos e seus padrões de experiência, significam de um modo semelhante um mesmo espectro de ondas. Isto cria uma visão de mundo compartilhada e coletivizada, permitindo a intensificação de frequências focalizadas, gerando uma realidade objetiva comum, manifesta, materializada num espaço. Porém, para que esta realidade compartilhada se mantenha constante e manifesta, necessita de uma quarta dimensão: a dimensão do tempo.

Vejamos. A vida da humanidade é percebida num tempo de existência entre o nascimento e a morte. A experiência do tempo vivido é de que ele flui do passado, passa pelo presente e vai em direção do futuro, e que isso acontece independentemente de cada percebedor. Esta percepção gera um certo “sentido” de tempo, onde ele *parece* ser semelhante aos cinco sentidos; no entanto, este sentido de tempo é derivado de uma reflexão da experiência temporal e, não, da experiência imediata com o tempo, uma vez que é dependente da interação de vários fatores: concentração na atividade, condicionamento físico, uso de drogas, temperatura, meio-ambiente, idade, entre outros.

Esta experiência vivida começa na infância, onde, de acordo com Whitrow<sup>14</sup>, o aprendizado da noção de tempo inicia com as expectativas, frustrações e necessidades entre o que o bebê quer e o tempo que leva para atingi-lo. Mais tarde, com o desenvolvimento da linguagem, a criança passa a exercitar uma

---

<sup>14</sup> Whitrow, G.J. O tempo na história. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1993.p.

determinada ordem ou seqüência de significados compartilhados para comunicar-se e, com isso, também adquire uma percepção temporal ampliada.

Através do convívio com as memórias familiares e com as do seu grupo social, em combinação com suas próprias experiências, a criança começa a desenvolver uma memória, onde a consciência do tempo toma mais corpo e, mais tarde, abarca fenômenos, experiências, com pensamentos de ordem e duração, formando a idéia da existência de um tempo único. Aos poucos, este tempo torna-se tão concreto que, aquilo que a pessoa observa, percebe com um “sentido do tempo” histórico. Ou seja, quando relacionamos o momento recente com experiências passadas ou expectativas futuras, experienciamos uma sensação de duração temporal.<sup>15</sup>

Essa construção histórica pessoal de tempo sintetizada no parágrafo anterior pode ser, também, aplicável à humanidade. Em nossa visão atual, a história de nossos ancestrais inicia-se numa época em que, tal como uma criança, eles observavam o tempo enquanto intervalos para caçar, comer ou esconder-se na caverna. Aos poucos, foram observando o mundo exterior e desenvolvendo a linguagem, possibilitando uma visão mais permanente de mundo.

Tempos mais tarde, nossos ancestrais passaram, também, a celebrar ritos de passagem tais como os de solstícios e equinócios, nascimento, casamento e morte, iniciação por faixas etárias, realizando estes ritos em determinados momentos porque viam o tempo do mundo e das coisas como sistematicamente retornando a um ponto de partida, iniciando tudo outra vez, num mundo cíclico, imutável. Os ritos eram celebrados como uma forma de criar e manter a permanência do mundo, atualizado-o a cada ritual, criando uma ordem nele, um *cosmos*. Para Sheldrake<sup>16</sup>:

“Uma característica geral de todos esses rituais reside no fato de que eles são intensamente conservadores. Para funcionarem adequadamente,

---

<sup>15</sup> Ibid. p.

<sup>16</sup> Sheldrake, R. O renascimento da natureza. São Paulo: Cultrix. 1993. p. 172.

supõe-se que devem ser executados da maneira correta e habitual... Em virtude dessa participação ritual, o passado torna-se presente. Os participantes são ligados a todos aqueles que já partiram – os ancestrais, e finalmente ao momento da criação primordial que o ritual comemora”.

Numa fase seguinte, nossos ancestrais iniciaram uma lenta modificação na percepção temporal, que já era visual e falada, através do registro histórico, com a linguagem escrita. Como refere Whitrow<sup>17</sup>:

“De fato, a própria linguagem introduziu inevitavelmente um elemento de permanência num mundo evanescente. Pois, embora a fala seja em si mesma transitória, os símbolos sonoros convencionados da linguagem transcenderam o tempo. No nível da linguagem oral, entretanto, a permanência dependia exclusivamente da memória. Para obter um maior grau de permanência os símbolos da fala oral tiveram que ser convertidos nos símbolos espaciais da fala escrita. Os primeiros registros escritos eram simples representações pictóricas de objetos naturais, como aves e animais...Essa conversão de símbolos sonoros no tempo em símbolos visuais no espaço foi o maior passo singular na busca da permanência”.

Com a ampliação do processo civilizatório, os povos passaram a observar e organizar os ciclos, criando formas de registro do tempo. Com a interação entre os povos, houve a necessidade da sincronização de eventos entre diferentes culturas e uma busca cada vez mais apaixonada pelo registro e controle do tempo passou a acontecer<sup>18</sup>.

Nos últimos quatrocentos anos, temos tido um aprimoramento contínuo na forma de determinar o tempo. Isto levou a uma tal organização que influenciou profundamente a construção de uma forma de conhecimento – a Ciência – a qual, no seu modo clássico, encarava o tempo como absoluto, fluindo linearmente do passado em direção ao futuro.

Além de ser aplicada à humanidade, esta maneira de olhar o tempo gerou, no último século, uma teoria evolucionista da vida, quando, então, passamos a

---

<sup>17</sup> Whitrow, G. 1993. op.cit. p.36.

<sup>18</sup> Whitrow, G. 1993. op.cit.

estender o “sentido de tempo” histórico para todo o planeta e, pouco depois, para todo o Universo. Conforme Sheldrake<sup>19</sup>:

“A teoria evolucionista da vida, juntamente com a escala de tempo, geológica, dividida em eras e em períodos, estende esse sentido de desenvolvimento histórico a toda a biosfera. A própria Gaia está em desenvolvimento, e a qualidade do tempo é hoje muito diferente da do período pré-cambriano (a era dos micróbios) ou do período cretáceo (a era dos dinossauros); o que pode acontecer agora é muito diferente do que poderia ter acontecido nessas épocas. Desde a década de 1960, o sentido de tempo histórico foi estendido a todo cosmos, um vasto organismo em desenvolvimento com idade cerca de quinze bilhões de anos, ainda crescendo e se desenvolvendo”.

Então, a partir das impressões captadas através de seus sentidos (incluindo o tempo percebido) e da comparação realizada com os hábitos (padrões, crenças) estabelecidos e compartilhadas pelos membros de sua espécie que o antecederam na existência, a realidade poderia ser conceituada como sendo a significação que a consciência de um determinado indivíduo faz a partir da focalização em um determinado espectro de ondas de possibilidades, escolhendo uma entre as muitas possibilidades existentes. Na percepção de Amitt Goswami<sup>20</sup>:

“Mas – insisti teimosamente – suponhamos que definimos consciência como o agente que afeta objetos quânticos para lhes tornar o comportamento apreensível pelos sentidos. Esta última palavra despertou-lhes a atenção. Inicialmente, expliquei que os objetos quânticos eram ondas que surgiam e se espalhavam por mais de um lugar e que a consciência poderia ser a agência que focaliza as ondas, de tal modo que podemos observá-las em um único lugar.”

Esta significação de realidade, compartilhada pelos indivíduos humanos, torna-se vital para a continuidade, automanutenção da espécie; torna-se uma “guardiã” da existência, nas palavras de Castaneda.<sup>21</sup> Porém, também, esta visão de realidade conserva os indivíduos em si mesma, aprisionando-os numa única visão, intensa, transformando-se em carcereira daqueles que a compartilham.

A partir deste ponto de vista podemos inferir a existência, tanto de muitas combinações do espectro de ondas, como também, de outras possibilidades para

<sup>19</sup> Sheldrake, 1993.op.cit. p.174.

<sup>20</sup> Goswami, A. O Universo Autoconsciente. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos. 1998.

<sup>21</sup> Castaneda, C. Porta para o infinito. Rio de Janeiro: Record. 1974.



a significação das mesmas, o que permitiria a existência de tantas realidades quanto às possibilidades de percepção.

Basarab Nicolescu, físico romeno, em seu excelente livro “O manifesto da transdisciplinaridade” confirma sobre a possibilidade da existência de vários níveis de realidades<sup>22</sup>:

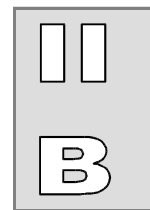
“O maior impacto cultural da revolução quântica é, sem dúvida o de colocar em questão o dogma filosófico contemporâneo da existência de um único nível de Realidade. Deve-se entender por *nível de Realidade* um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais: por exemplo, as entidades quânticas submetidas às leis quânticas, as quais estão radicalmente separadas das leis do mundo macrofísico. Isto quer dizer que dois níveis de Realidade são *diferentes se*, passando de um ao outro, houver ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade). A *descontinuidade* que se manifestou no mundo quântico manifesta-se também na estrutura dos níveis de realidade. Isto não impede os dois mundos de coexistirem. A prova: nossa própria existência. Nossos corpos têm ao mesmo tempo uma estrutura macrofísica e uma estrutura quântica.”

Na medida em que podem existir diferentes realidades e que estas dependem das visões de mundo, vamos observar como ocorrem estas visões de mundo e como são compartilhadas.

---

<sup>22</sup> Nicolescu, B. Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo. Triom. 1999.

## Visões compartilhadas de mundo



As significações compartilhadas que os seres humanos, enquanto indivíduos e enquanto sociedade têm realizado sobre o universo conhecido e suas formas, possibilitam a tomada de consciência de uma realidade e sua experimentação e, a partir daí, permitem a construção de um conhecimento consensual sobre a mesma.

Tal conhecimento possibilita a ação humana nesta realidade e, na medida em que isto acontece, novos conhecimentos e significações são gerados, respondendo às perguntas sobre a constituição do universo, sobre a vida, sobre a consciência, garantindo a sobrevivência e a continuidade da espécie humana.

A humanidade, ao desenvolver e utilizar uma visão de realidade em sua existência, atua sobre esta mesma realidade, modificando-a, e, neste processo, modifica a si mesma, a sociedade, o planeta e o próprio universo. Conforme Capra<sup>23</sup>,:

“Nós, seres humanos, partilhamos um mundo abstrato de linguagem e de pensamento por meio do qual criamos juntos o nosso mundo”.

Com o tempo, a visão de realidade utilizada cristaliza-se, não explicando mais a realidade presente, a qual é sempre mutante. A medida em que o conflito entre a realidade explicada pela visão e a realidade presente aumenta, uma tensão insustentável aparece, favorecendo que uma nova visão de realidade surja. Quando as transformações na humanidade, na sociedade, no planeta e no universo atingem um novo padrão de coerência que responde às necessidades da realidade presente, ocorre uma transformação na visão de mundo humana.

<sup>23</sup> Capra, F. A teia da vida. São Paulo: Cultrix. P. 213

Durante sua evolução, a humanidade desenvolveu diferentes caminhos para poder compreender o vasto mundo que a cercava, testando e desenvolvendo cada um deles. Nos últimos séculos de sua existência, quatro caminhos tornaram-se mais distintos: a arte, as tradições sapienciais, a filosofia e a ciência. Em diferentes momentos da história da humanidade um desses caminhos predominou em relação aos demais. Nos últimos quatrocentos anos, o domínio foi da ciência enquanto método de conhecer a realidade. A ciência obteve um enorme sucesso em sua explicação sobre o mundo a partir de seu foco centrado na matéria, e, nos últimos séculos, tornou-se hegemônica em relação aos demais caminhos.

Porém, quando esta visão científica aprofundou-se na complexidade subatômica e no macrocosmo, a explicação mecanicista, realizada a partir do século XVI, já não respondeu mais às questões formuladas, promovendo a busca de uma nova visão de mundo. Na percepção de Laszlo<sup>24</sup>:

“Com a quebra do átomo no final do século XIX, e do núcleo atômico no início do século XX, foi fragmentado muito mais do que uma entidade física. O edifício inteiro da ciência natural clássica foi abalado. Os experimentos físicos do início do século XX demoliram a visão de que a realidade era construída de átomos indivisíveis, mas os físicos não podiam colocar nenhum conceito comparavelmente coerente e significativo em seu lugar.” P. 37

Esta visão científica do mundo, também conhecida como paradigma cartesiano, mecanicista, newtoniano ou reducionista, emergiu num terreno fértil, pós-renascimento, época das grandes navegações, ocupando um vasto espaço entre os caminhos do conhecimento humano<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Laszlo, E. 1999. op.cit. p. 37.

<sup>25</sup> Capra, F. O ponto de Mutação. São Paulo. Cultrix. 1986.op.cit.

Esta visão tornou-se tão forte como método de explicar a realidade a partir da matéria, que se chegou a pensar, nos últimos quatrocentos anos, que nada mais houvesse além da realidade sólida, concreta. Passou-se a acreditar num espaço e num tempo absoluto que, vindo do passado, passava pelo presente e dirigia-se ao futuro<sup>26</sup>.

A matéria, densa, limitada, passou a ser a explicação de tudo. Organizada em níveis de complexidade crescente passou, inclusive, a explicar processos abstratos, não-materiais, sutis, como a mente e a consciência. O observador e o observado tornaram-se diferentes e separados. As visões de mundo que antecederam o método científico passaram a ser desclassificadas como explicação do mundo e da realidade percebida.

Nesse andar, o caminho científico vinculou-se à tecnologia, desenvolvendo-se tanto, que se tornou difícil separar um do outro. A partir da aliança entre visão científica, tecnologia e hegemonia política, o mundo pode ser conquistado e desvendado em seus segredos mais íntimos, permitindo um avanço sem precedentes na lida do homem com a realidade objetiva, o que, segundo Basarab Nicolescu, trouxe conseqüências desastrosas:

“O Universo foi subitamente dessacralizado e sua transcendência jogada nas trevas do irracional e da superstição. A Natureza oferecia-se ao homem como uma amante, para ser penetrada em suas profundezas, dominada, conquistada.”<sup>27</sup>

O pensamento, base da visão científica, acabou tornando-se a ferramenta fundamental e, praticamente, a única maneira aceita de se perceber a realidade, a qual, também, passou a ser singular, consensual, mensurável e óbvia. Esta visão tornou-se a única verdade possível, com seus resultados sobejamente

---

<sup>26</sup> Capra, F. 1986. op.cit

<sup>27</sup> Nicolescu, B. 1999. op.cit. p.17.

conhecidos, entretanto os aspectos sombrios somente agora se tornam manifestos, como também nos lembra Nicolescu<sup>28</sup>:

“Todo conhecimento, além do científico, foi afastado para o inferno da subjetividade, tolerado no máximo como ornamento ou rejeitado com desprezo como fantasma, ilusão, regressão, produto da imaginação. A própria palavra “espiritualidade” tornou-se suspeita e seu uso foi praticamente abandonado. A *objetividade*, instituída como critério supremo de verdade, teve uma conseqüência inevitável: a *transformação do sujeito em objeto*. A morte do homem, que anuncia tantas outras mortes, é o preço a pagar por um conhecimento objetivo”.

Este desenvolvimento expansivo da visão científica cristalizou-se, fragmentando-se e gerando uma necessidade cada vez maior de uma nova explicação de mundo. O matemático William W.Tiller<sup>29</sup> descreve assim sua percepção deste momento crucial:

“O atual *establishment* científico tornou-se, de algum modo, fossilizado, em virtude de sua atual visão de mundo, achando-se travado numa perspectiva da realidade que já não é mas útil. Essa circunstância conjuntural começou a limitar o crescimento da espécie humana, e enfatizou tanto o seu sentido de especialização, de separação, de materialidade e funcionamento mecânico, do tipo computacional, que hoje ela se encontra efetivamente a se auto-exterminar. Seu sentido de totalidade e propósito sofreu severa fragmentação, na medida em que nossos egos se deleitaram com o poder individual criado pela posse do conhecimento científico físico. Precisamos desesperadamente, achar um caminho de volta para a totalidade.”

---

<sup>28</sup> Nicolescu, B. 1999. op.cit. p.18.

<sup>29</sup> Tiller, William W. in Bentov, I. *Á espreita do pêndulo cósmico*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p, 10.



## Uma nova física e as antigas tradições

No fim do século passado e dentro da própria ciência, surge um indivíduo que ampliando seu olhar e focalizando-o em direção ao desconhecido, alcançou um patamar superior, onde vinculou matéria e energia. Albert Einstein, em 1905, publica sua teoria da relatividade, onde refere que a matéria e a energia são semelhantes, apresentando-se apenas com o diferencial do movimento ( $e=mc^2$ , ou seja, energia = massa X velocidade da luz ao quadrado)<sup>30</sup>. Ou seja, a partir da visão da ciência sobre a realidade, Einstein nos mostrou que a matéria, percebida como sólida, é constituída da mesma substância sutil da energia, contribuindo, ao que se conhece como física quântica, ou visão quântica do mundo.<sup>31</sup>

A matéria, objeto fundamental na análise da ciência, continuava, igualmente, sendo percebida como concreta, objetiva e independente do observador<sup>32</sup>, passando a ser vista, também, como um padrão de interferência de energia<sup>33</sup> que dependia do observador. Com isso, toda a nossa visão de mundo anterior já não servia mais:

A partir destes novos aportes, passamos a ter consciência de que as bases do mundo material e de toda a lógica que o sustentava já não eram suficientes para explicar a realidade percebida. O mundo material passou a ser visto como formado por substâncias não-materiais: os elétrons passaram a apresentar propriedades duais (eram ao mesmo tempo onda e partícula) e, apesar de separados espacialmente, estavam em comunicação permanente e instantânea,

<sup>30</sup> Gerber, R. Medicina Vibracional. São Paulo: Cultrix, 1997.

<sup>31</sup> Goswami, A.. 1998. op.cit. p. 44.

<sup>32</sup> Laszlo, E. 1999. op.cit.

<sup>33</sup> Gerber, R. 1988. op.cit. p.50.

além da velocidade da luz. O fóton dividia-se em duas partículas (matéria e antimatéria), as quais moviam-se em direções opostas (pósitron e elétron) e que, o momento presente não era perceptível, sendo um não-tempo.

Mais ainda: passamos a saber que, quando ultrapassamos os níveis usuais de percepção (cinco sentidos), e percebemos além dos nossos sistemas consensuais sobre a realidade, indo aos níveis mais profundos da matéria, encontraremos não partículas, mas ondas movimentando-se pela totalidade, as quais tomam forma de acordo com o sistema de crenças do observador<sup>34</sup>.

Aprendemos que a diferença entre a matéria e a energia parece ser a frequência de onda e que, a partir do princípio da coexistência não destrutiva<sup>35</sup>, ondas de frequências diferentes podem vibrar no mesmo espaço e ao mesmo tempo, não havendo conflito entre ambas (vide ondas de rádio AM e FM). Portanto, matéria e energia podem ser consideradas integrantes da mesma totalidade em seus constitutivos fundamentais.

Para compatibilizar estes novos conhecimentos com as experiências percebidas pelos sentidos usuais e pelo “sentido” de tempo, diversas hipóteses, formulações, teorias e percepções estão sendo realizadas e experimentadas (Laszlo<sup>36</sup>, Nicolescu<sup>37</sup>, Prigogine<sup>38</sup>, Toben e Wolf<sup>39</sup>). Entre elas destacamos:

- o tempo absoluto cartesiano e o tempo einsteniano não são os únicos. A partir de sua teoria sobre estruturas dissipativas, Prigogine<sup>40</sup> sugere que, de acordo com a perspectiva utilizada:

---

<sup>34</sup> Laszlo, E. 1999. op. cit.

<sup>35</sup> Gerber, R. 1987. op. cit.

<sup>36</sup> Laszlo, E. 1999. op. cit.

<sup>37</sup> Nicolescu, B. O Manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom. 1999.

<sup>38</sup> Prigogine, I. 1991. op. cit.

<sup>39</sup> Toben, B. e Wolf, F.A. Espaço-tempo e além. São Paulo. Cultrix. 1982.

<sup>40</sup> Prigogine, I. 1991. op. cit. p. 84.

“Comprovamos que os fenômenos irreversíveis conduzem a novas estruturas e, desde o momento em que aparecem novas estruturas como conseqüência da irreversibilidade, já não nos está permitido crer que somos os responsáveis por aparecer a perspectiva do antes e do depois. Agora temos uma visão de tempo distinta: já não podemos pensar, com Einstein, que o tempo irreversível é uma ilusão”.

- o universo conhecido tem, necessariamente, outras e diferentes realidades temporais, como, por exemplo, os níveis microfísico e o macrofísico:

“Nosso nível macrofísico caracteriza-se pela irreversibilidade (a flecha) do tempo... A flecha do tempo está associada à entropia, ao crescimento da desordem. Por outro lado, o nível microfísico caracteriza-se pela invariância temporal (reversibilidade do tempo)”.<sup>41</sup>

- existe um nível da Realidade que está além do tempo, um *não-tempo*, atemporal, não dual:

“O instante presente é o tempo vivo. Ele pertence ao campo do Sujeito, mais precisamente, ao campo do que liga o Sujeito ao Objeto. O instante presente é, estritamente falando, um não-tempo, uma experiência da relação entre Sujeito e Objeto e, neste aspecto, ele contém em si, potencialmente, tanto o passado como o futuro, a totalidade do fluxo de informação que atravessa os níveis de Realidade e a totalidade do fluxo de consciência que atravessa os níveis de percepção. *O tempo presente é verdadeiramente a origem do futuro e a origem do passado*”.<sup>42</sup>

- existe a necessidade de outra lógica, diferente da lógica mecanicista onde “A é diferente de não-A, sem possibilidade de existir algo diferente”.<sup>43</sup> Lupasco trouxe a lógica do terceiro incluído, a qual, a partir da percepção de Nicolescu sobre diferentes níveis de realidade, permite que pares de opostos sejam observados como integrantes de uma totalidade, ao mesmo tempo, num outro nível mais complexo de realidade:

“A compreensão do axioma do terceiro incluído – *existe um terceiro termo T que é, ao mesmo tempo, A e não-A* – fica totalmente clara quando é introduzida a noção de “níveis de Realidade”... Se permanecermos num único nível de Realidade, toda manifestação aparece como uma luta entre dois elementos contraditórios (por exemplo: onda A e corpúsculo não-A). O

<sup>41</sup> Nicolescu, B.1999. p. 27.

<sup>42</sup> Nicolescu, B. 1999.op.cit. p.110

<sup>43</sup> Nicolescu, B. ibid.p. 32



terceiro dinamismo, o do estado T, exerce-se num outro nível de Realidade, onde aquilo que parece desunido (onda ou corpúsculo) está de fato unido (quantum), e aquilo que parece contraditório é percebido como não-contraditório...A lógica do terceiro incluído não elimina a lógica do terceiro excluído: ela apenas limita sua área de validade... A sabedoria popular exprime algo muito profundo quando nos diz que *um bastão sempre tem duas extremidades*”.<sup>44</sup>

Ao se comparar os resultados científicos com os obtidos pelos caminhos da Filosofia, da Arte e, principalmente, pelas antigas Tradições Sapienciais da humanidade, percebeu-se indícios que todos apontavam para a possibilidade de uma visão semelhante. Muitos pesquisadores passaram a buscar a articulação de uma mesma linguagem, onde as diferentes abordagens estivessem integradas e em ressonância, apontando para uma visão de mundo enquanto totalidade. Esta visão compartilhada de mundo, conhecida como visão transdisciplinar e holística, ao desenvolver-se, propôs uma significação diferente, onde o mundo é percebido como uma totalidade de infinitas realidades possíveis. Para o físico David Bohm<sup>45</sup>:

“Em última instância, o universo inteiro (com todas as suas ‘partículas’, incluindo aquelas que constituem os seres humanos, seus laboratórios, instrumentos de observação, etc.) tem de ser entendido com um único todo indiviso, no qual a análise em partes existentes, separadas e independentemente não possui qualquer status fundamental”.

A visão de uma totalidade de todas as realidades possíveis, de todos os espectros possíveis pode ser nominada como visão holística. Segundo o Dicionário Michaelis<sup>46</sup>, é a

“compreensão da realidade em totalidades integradas onde cada elemento de um campo considerado reflete e contém todas as dimensões do campo, conforme a indicação de um holograma, evidenciando que a parte está no todo, assim como o todo está na parte, numa inter-relação constante, dinâmica e paradoxal”.

O holograma é uma fotografia tridimensional, cuja chapa, se for picotada em inúmeros pedaços e ao projetarmos em cada um deles um raio laser, cada parte manifestará a imagem total fotografada, reafirmando a antiga tese de que o todo está nas partes e a parte está no todo.

<sup>44</sup> Nicolescu, B. 1999. op.cit. p. 32

<sup>45</sup> Bohm, D. A totalidade e a ordem implicada. São Paulo: Cultrix, 1992.p. 230

<sup>46</sup> Dicionário Michaelis

Esta visão também está sendo conhecida como Transdisciplinar. Conforme Basarab Nicolescu<sup>47</sup>:

“A *transdisciplinaridade*, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é a *compreensão de mundo presente*, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.” 46

Estas percepções atuais estão em sintonia com as percepções das tradições sapienciais de muitos povos. De maneira semelhante, praticamente todas percebem uma totalidade e diferentes níveis de realidade, dando-lhe nomes diferentes para isso. Alguns exemplos:

Na citação abaixo, temos a oportunidade de ver uma síntese do pensamento oriental realizada por mestre Susuki, citado por Wilber<sup>48</sup>, em que:

“No começo, que, na verdade, não é começo nenhum... a vontade quer conhecer-se, a consciência desperta e, como despertar da consciência, a vontade cinde-se em duas partes. A vontade total e completa em si mesma é agora, simultaneamente, *atora (sic)* e observadora. O conflito se torna inevitável; pois a *atora* quer libertar-se das limitações sob as quais foi obrigada a se colocar em seu desejo de consciência. Num sentido, foi-lhe permitido ver mas, ao mesmo tempo, há alguma coisa que ela, como observadora, não pode ver”.

Entre os povos norte-americanos, Jamie Sams, da Nação Sêneca, informa que a fonte original da criação é chamada, por eles, de *Grande Mistério*, o qual

“vive em tudo, é tudo, engloba tudo na criação ... e dentro desta infinita criação, existe um núcleo vibracional, ou uma fonte de energia primária, que denominamos *Grande Espírito* ou princípio criativo. O *Grande Mistério* e o *Grande Espírito* são completos em si mesmos, únicos e independentes um do outro.”<sup>49</sup>

Já Kaka Werá Jecupé, índio brasileiro, ao estudar a tradição oral Guarani, nos informa que

<sup>47</sup> Nicolescu, B. Op.Cit. p.46

<sup>48</sup> Susuki, D.T. in Wilber, K. Espectro da Consciência. São Paulo: Cultrix. 1990.p. 26

<sup>49</sup> Sams, Jamie. Cartas do Caminho Sagrado. São Paulo: Rocco, 1995. p.301.

“Ñande Ru Tenondé, embora seja uma expressão que significa literalmente “Nosso Pai Primeiro”, é um dos vários nomes que se atribuem à Suprema Consciência, cujo corpo é o espaço imanifestado e cuja essência manifestada é o ritmo, o Espírito-Música, ou o Grande Som Primeiro, também vislumbrado pelos grandes pajés como a Eterna Música, geradora de vidas.”<sup>50</sup>

Whitrow cita um trabalho de Whorf<sup>51</sup> com os índios Hopi, onde desvelou que os mesmos não usam conceitos de espaço e tempo, mas, sim, de dois outros estados básicos que designou como “objetivo” e “subjetivo”, os quais incluem nossa noção de passado, presente e futuro. Whitrow<sup>52</sup> esclarece estes estados básicos:

“O *estado objetivo* compreende tudo o que é ou foi acessível aos sentidos, sem que se façam distinções entre presente e passado, embora tudo o que chamamos futuro seja excluído. O *estado subjetivo* compreende tudo que consideraríamos mental ou espiritual, inclusive o que para nós é futuro, que os hopi julgam em grande parte predestinado, pelo menos em essência. Inclui também um aspecto do presente, a saber, o que está começando a ser revelado ou feito. O estado objetivo inclui todos os intervalos e distâncias e, em particular, as relações temporais entre eventos que já ocorreram. O estado subjetivo, por outro lado, não compreende coisa alguma correspondente às seqüências e sucessões que encontramos no estado objetivo.”

O que é muito semelhante com a percepção do antropólogo Carlos Castaneda<sup>53</sup>, referida em seu livro *Portas para o Infinito*, sobre que os ensinamentos de Don Juan, um índio Yaqui:

“Todos os seres humanos tem dois lados, duas entidades separadas, dois complementos que começam a funcionar na hora do nascimento: Tonal e Nagual. Tonal é o organizador do mundo (guardião que se transforma em guarda). É tudo o que somos. É tudo o que tem nome. Começa no nascimento e termina com a morte... O Nagual é a parte de nós para a qual não existe descrição – nem palavras, nem nomes, nem sensações, nem conhecimento. As coisas do nagual só podem ser presenciadas pelo corpo, não a razão”.

<sup>50</sup> Jecupé, Kaka Werá. Tupã Tenondé: a criação do universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

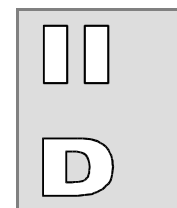
<sup>51</sup> Whorf, B.L., Language, Thought and Reality, org. J.B. Carrol, Cambridge Mass, MIT Press, 1956, p. 57-64. in Whitrow, G. 1993. op.cit.

<sup>52</sup> Whitrow, G. *ibid.* p. 21

<sup>53</sup> Castaneda, C. 1974. op.cit.

A percepção, tanto pela ciência atual quanto pelas antigas tradições sapienciais, indica a existência de uma totalidade e diferentes níveis de realidade. Talvez seja possível buscarmos uma maneira de integrarmos estas diferentes significações de uma mesma totalidade.

## Visão integrada de totalidade



Semelhante a tríade observada por Einstein (energia, massa e velocidade da luz), muitas visões de mundo utilizam-se de tríades em sua explicação da totalidade.

Quando observamos diferentes fontes de conhecimento, percebemos a importância das tríades desde o início do conhecimento humano. Conforme os estudos de Jung<sup>54</sup>:

“No estágio primitivo do pensamento humano já apareceram *tríades divinas*. A organização em tríades é um arquétipo que surge na história das religiões e que provavelmente inspirou, originariamente, a idéia de tríade da Trindade cristã”.

Na religião cristã, observamos a Santíssima Trindade, onde há uma parte de Deus densificada, incorporada, somatizada que é o *Filho*. Há uma parte sutil, onipresente, profunda que é o *Pai* e uma parte que transita entre o denso e o sutil, produzindo informações, que é o *Espírito Santo*. O Filho é Deus, o Pai é Deus e o Espírito Santo é Deus, porém só existe um *Deus, uma só totalidade*.

“Com efeito, o Pai, em seu estado original, de uno, não era uma realidade determinada nem determinável, nem podia ser ou chamar-se “Pai”, no verdadeiro sentido do termo. Mas sua encarnação no Filho torna-se Pai e, concomitantemente, *determinado e determinável*. Tornando-se Pai e Homem, revela o mistério de sua divindade na esfera do humano... O filho procede do Pai, tendo ambos em comum a atividade vital do Espírito Santo que é aspirado pelos dois, segundo a definição cristã. Por ser um terceiro elemento comum entre o Pai e o Filho, o Espírito significa uma eliminação da dualidade, de “dúvida”, no Filho. Ele é, realmente, o terceiro elemento que completa a tríade e reconstitui a *unidade*.”<sup>55</sup>

Também na tradição do Hinduísmo<sup>56</sup> há uma tríade: *Brahma, Vishnu e Shiva* que são um em *Brahman*. Outra maneira de designar esta tríade é através do

<sup>54</sup> Jung, C. Interpretação psicológica do dogma da Trindade. Rio de Janeiro: Vozes, 1983, p.1.

<sup>55</sup> idem, p.24.

<sup>56</sup> Wilber, K. 1990. op.cit.

Taoísmo onde há o *Yang*, denso, masculino; o *Yin*, sutil, feminino<sup>57</sup> e o *Tao*, o caminho entre ambos e, todos são um<sup>58</sup>.

Também na visão atual de Transdisciplinaridade, referida por Nicolescu<sup>59</sup> percebe-se uma tríade - *observador, o observado e o fluxo de informações que circula entre ambos* - como partes da mesma totalidade:

“Um modelo transdisciplinar da Natureza deve integrar todas estas características novas do universo físico. De acordo com o modelo transdisciplinar da realidade, podemos distinguir três aspectos maiores da Natureza:... 1) a Natureza Objetiva, ligada às propriedades naturais do Objeto Transdisciplinar (ciência); 2) A Natureza Subjetiva, ligada às propriedades naturais do Sujeito Transdisciplinar (tradições) e 3) a Trans-Natureza, ligada à comunidade de natureza entre o Objeto Transdisciplinar e o Sujeito Transdisciplinar”. A trans-Natureza diz respeito ao Sagrado. Ela não pode ser abordada sem a consideração simultânea dos dois outros aspectos da Natureza. ...esta estrutura ternária ...que define a Natureza Viva”.

Estas percepções são semelhantes ao que Wilber<sup>60</sup> nomeou como Kosmos (holos, theosfera), o qual indica a integração, numa totalidade, dos domínios da *matéria* (fisiosfera), da *mente* (noosfera) e da *vida* (movimento, biosfera). Também Pierre Weil, em sua Teoria Fundamental, descreve a realidade última, a totalidade, como constituída de uma tríade: matéria, informação e vida<sup>61</sup>.

Fritjof Capra<sup>62</sup>, ao buscar desenvolver uma “estrutura teórica unificada e sistemática para a compreensão dos fenômenos biológicos e sociais”, integra três idéias básicas para conformar vida:

“A síntese se baseia na distinção entre duas idéias sobre a natureza dos sistemas vivos, que chamei de “ponto de vista dos padrões” e “ponto de vista da estrutura”; e na integração dessa duas idéias por meio de uma terceira, “o ponto de vista dos processos”. Em específico, defini o *padrão de organização* de um sistema vivo como a configuração das relações

<sup>57</sup> Koss, M. Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo:

Escrituras Editora, 2000

<sup>58</sup> Novak, P. A sabedoria do mundo – textos sagrados sobre as religiões universais. Rio de

Janeiro: Nova Era. 1999. p.163

<sup>59</sup> Nicolescu, B. 1999.op.cit. p.65.

<sup>60</sup> Wilber, K. Breve historia sobre todas las cosas. Barcelona: Kayrós, 1997.

<sup>61</sup> Weil, P. A mudança de sentido e o sentido da mudança. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2000. p, 171.

<sup>62</sup> Capra, F. As conexões ocultas – ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 83.

entre os componentes do sistema, configuração essa que determina as características essenciais do sistema; a *estrutura* do sistema como a incorporação material desse padrão de organização; e o *processo vital* como o processo contínuo dessa incorporação.

Obviamente estes diferentes termos não significam a mesma coisa, porém é possível observar que, por distintos caminhos, chegou-se a perceber de uma maneira semelhante, *uma totalidade constituída pelo movimento entre os aspectos sutis e densos da mesma*, utilizando diferentes nomes para significar isso.

Por exemplo, como refere o físico Lal Arora<sup>63</sup>, ao utilizarmos os termos “energia”, “matéria” e “velocidade da luz” para a formulação de Einstein, ainda estamos no plano da matéria. Torna-se necessário, então, a utilização de diferentes palavras para expressar a mesma significação de totalidade encontrada em diferentes visões de mundo. Isto possibilitaria a aproximação destas significações sem desqualificar as concepções de cada visão de mundo, porém, utilizando um referencial semelhante para integrá-las. Neste sentido utilizo as palavras **denso**, **sutil** e **movimento** para significar estes três constitutivos inerentes da totalidade.

Podemos significar como **denso** aquilo que é percebido como matéria; aquilo que foi somatizado, focalizado, incorporado, aquilo que é perceptivo, sensorial. O **denso** pode, também, ser chamado de *soma* ou *corpo*. Nesta perspectiva, a matéria se formaria a partir de uma redução da frequência da onda, congelando-a, podendo ser percebida através de um conjunto de padrões de interferência holográficos e usualmente conhecidos como *elementos*<sup>64</sup>. Ao tomar uma forma, entre infinitas possibilidades, o *denso* torna-se incompleto, porém consistente, estruturado, limitado e manifesto. Esta percepção se aproxima do conceito de

<sup>63</sup> Lal Arora, Harbans. Qualificação da Tese. 2001.

<sup>64</sup> Elemento: cada uma das substâncias básicas ou primordiais das quais, segundo os filósofos da Antiguidade grega, se compunha o universo físico. Remonta a Aristóteles a doutrina de quatro elementos (fogo, ar, água e terra). Dic. Michaelis.

“ordem explicada”. utilizado por David Bohm<sup>65</sup>, no sentido do verbo latino *plicare* que significa dobrar:

“... ordem explicada, que é hoje dominante na física, e na qual as coisas estão desdobradas, no sentido de que cada uma ocupa apenas a sua própria região particular do espaço (e do tempo), exteriormente às regiões pertencentes às outras coisas”.

O **sutil** com seus sinônimos de *campo, força, forma, padrão, modo, hábito, paradigma*, constitui-se das infinitas possibilidades da onda, sendo percebido através de seus efeitos e por isso, é completo, imanifesto, inconsistente e de difícil localização. O *sutil designa* aquilo que *escapa à vista, ao tato; que tem penetração de espírito*<sup>66</sup>, aquilo que está *im-plicado*, na terminologia de Bohm<sup>67</sup>. Pode ser perceptível enquanto padrões de onda, também chamado arquétipos, os quais são, para Jung<sup>68</sup>:

“fatores e temas que agruparam os elementos psíquicos em determinadas imagens (que denominamos arquetípicas), mas de um modo que só pode ser conhecido pelos seus efeitos. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam as dominantes estruturais da psique em geral, assemelhando-se ao sistema axial dos cristais que existe em potência na água-mãe, mas não é diretamente perceptível pela observação”.

**Movimento** significa uma mudança de lugar ou de posição; o deslocamento ativo; uma dança, uma vez em um sentido e outra no sentido oposto<sup>69</sup>. O *movimento* ocorre entre o denso e o sutil, entre a forma e a não-forma. O movimento transforma, modifica (muda o modo), gera significação: quando o movimento é interrompido, ocorre um colapso da onda quântica, possibilitando um processo de significação, uma tomada de consciência, integrando significado, significação e experiência, conforme a formulação imagética 1.

<sup>65</sup> Bohm, D. 1992. op.cit. p. 234

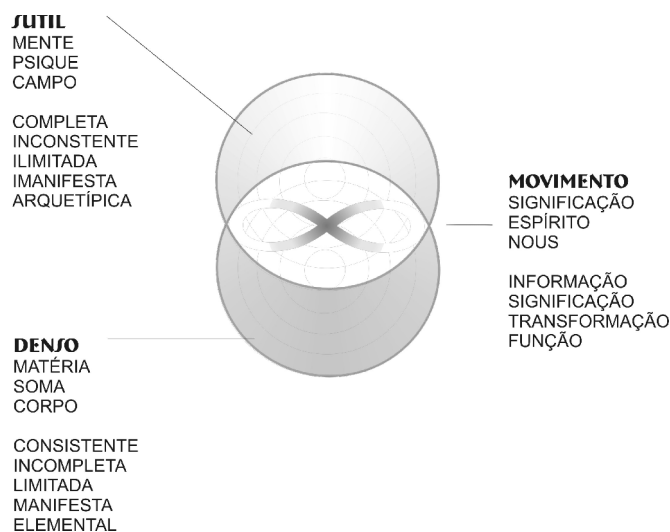
<sup>66</sup> Dicionário Michaelis

<sup>67</sup> Bohm, D. 1992. op.cit. p.234

<sup>68</sup> Jung, C. 1983, op.cit. p.36.

<sup>69</sup> Dicionário Michaelis





### Formulação Imagética 1<sup>70</sup>

#### Constitutivos

É possível que aquilo que percebemos como realidade seja um determinado conjunto de ondas que, quando colapsadas (estabilizadas), aparecem tal como um holograma, o qual se torna consciente ao compararmos com significados previamente aprendidos.

Talvez um exemplo possa auxiliar: podemos emitir ondas que formam um som contínuo com a vogal: “aaaaa...”, e, quando criamos descontinuidades (colapsos) neste som, poderemos criar sons que tenham significado consensual para um determinado grupo de indivíduos: a ... ro ... sa ... é ... lin ... da. Esses pequenos colapsos permitem a produção de um conjunto de significados, produzidos por sistemas humanos de significação numa dada comunidade lingüística no caso do exemplo citado.

Neste sentido, então, denso, sutil e movimento são aspectos da mesma onda quântica que foi modificada, transformada ao movimentar-se.

<sup>70</sup> Algumas Formulações Imagéticas foram inseridas no texto, em escalas de cinza, para criar uma imagem de apoio ao mesmo. As demais estão apresentadas em seqüência e a cores no próximo capítulo.

Observamos que, em diferentes caminhos do conhecimento, existe a percepção semelhante de uma totalidade em que os três aspectos (denso, sutil e o movimento entre eles) são inerentes e constitutivos da mesma. Por outro lado, para que esta totalidade, também referida como *vacuum quântico*<sup>71</sup>, *Deus*, *Brahman*, *Grande Mistério*, *Rã Tupã Tenondé*, entre tantos outros nomes, possa tornar-se manifesta, necessita da constituição de um quarto aspecto.

Autores de diferentes áreas do conhecimento informam sobre a quaternidade e seu vínculo com a manifestação. Entre eles, Guénon<sup>72</sup> informa que:

“... o quaternário, sempre e em toda a parte, foi considerado como o número da manifestação universal. Portanto, ele indica a esse respeito, o próprio ponto de partida da “cosmologia”, enquanto que os números que o precedem, ou seja, a unidade, o binário e o ternário, referem-se estritamente à “ontologia”.

Também Jung<sup>73</sup>, em seu estudo sobre o dogma da Trindade refere que:

“A união de *um* único par de contrários só conduz a uma *triade bidimensional*:  $p^2 + pq + q^2$ . Esta grandeza como simples plano não é real, mas apenas imaginada. Na realidade são necessários dois pares de contrários, isto é, um quatérnio (a saber:  $p^3 + p^2q + pq^2 + q^3$ ), para representar uma realidade corpórea. Encontramos aqui – embora sob uma forma velada – o dilema do três e do quatro, a que se alude nas palavras iniciais do *Timeu*”.

Fritjof Capra<sup>74</sup>, por exemplo, agrega uma quarta perspectiva às perspectivas de estrutura, padrão e processo para esclarecer o processo vital, a qual permite uma explicação para o domínio do social - o significado:

“uma expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva, que contém uma multiplicidade de características inter-relacionadas. A plena compreensão dos fenômenos sociais, portanto, tem de partir da integração de quatro perspectivas – forma (padrão), matéria (estrutura), processo e significado”

<sup>71</sup> Goswami, A. 1998. op.cit.

<sup>72</sup> Guénon, René. Os símbolos da ciência sagrada. São Paulo: Pensamento, 1992, p. 91.

<sup>73</sup> Jung, C.1983. op.cit. p. 10.

<sup>74</sup> Capra, F. 2001.op.cit. p.84

A astrofísica, ao estudar o macrocosmo também observa a existência de quatro forças universais com que o universo é formado: a gravitacional, o eletromagnetismo, a força nuclear forte, a força nuclear fraca. Toda matéria e toda energia interagem com estas quatro forças fundamentais<sup>75</sup>.

“A força da gravidade é precisamente da magnitude que permite que as estrelas possam se formar e existir por um período longo o bastante para gerar energia suficiente para a vida se desenvolver em planetas adequados. O valor da força nuclear forte é precisamente aquele que o hidrogênio pode transmutar em hélio e depois em carbono e todos os outros elementos indispensáveis à vida. A força nuclear fraca tem o valor exato que permite aos átomos serem expelidos nas supernovas – tornando-se assim disponíveis para a próxima geração de estrelas construir os elementos mais complexos que são indispensáveis à vida. A força nuclear fraca também tem precisamente o valor que faz com que a gravidade faça do hidrogênio e não do hélio o elemento dominante no cosmos – permitindo deste modo que as estrelas brilhem por um tempo longo o bastante e que a água se forme em quantidades suficientes para que a vida se desenvolva em alguns planetas”.

O mesmo poderia ser dito quando observamos o microcosmo do DNA, onde encontramos quatro bases que formam os aminoácidos que constituem todos os organismos conhecidos (timina, guanina, adenina e citosina). A própria percepção de Einstein, em sua fórmula conhecida ( $E=mc^2$ ), pressupõe, também, quatro qualificações: energia, matéria, e velocidade= tempo e espaço.

Igualmente, nas Tradições Sapienciais encontramos autores como Jamie Sams<sup>76</sup> que nos remete à visão das quatro direções cardinais como os “quatro escudos” – do leste, oeste, norte e sul e sua significação simbólica. Jamie nos lembra igualmente a existência de quatro raças humanas conhecidas: vermelha, branca, amarela e negra, e que nós estamos integrando essas raças e seus conhecimentos nos dias atuais. Cada uma das raças traz o seu conhecimento, sendo, possível sua integração, a qual contribui para o chamado quinto mundo da paz e cria as condições para que as próximas gerações vivam nessa frequência.

Kaká Werá Jecupé<sup>77</sup> nos informa a percepção do quatro segundo os Guaranis:

<sup>75</sup> Laszlo, 1999. op.cit. p.72

<sup>76</sup> Sams, J. 1995. op.cit.

<sup>77</sup> Jecupé. K. 2001. op.cit. p. 37.

“A tradição revela que a natureza repete até hoje a dança da criação macrocósmica para que possamos guiar-nos de acordo com seu ritmo e sua harmonia. São quatro os cantos expressos a partir de Tupã Tenondé....os quatro cantos do movimento da criação são revelados por meio dos ciclos da natureza, desde que os ventos começaram a soprar desse espaço-tempo primeiro, gerando um inverno, um outono, uma primavera e um verão.”

Estas diferentes visões nos remetem a percepção de que, para que uma determinada realidade se manifeste, são necessárias quatro particularizações da totalidade e neste sentido, para observarmos a manifestação da realidade num plano humano, poderemos conceber cada um dos constitutivos da totalidade (**d,m,s**) singularizados em quatro particularizações.

O constitutivo denso é particularizado nos quatro elementos que são conhecidos há milênios pela humanidade: *ar, fogo, água e terra*<sup>78</sup>. Jung<sup>79</sup>, grande entusiasta do estudo sobre o quaternário, busca no Timeu, de Platão, a seguinte referência sobre os quatro elementos:

“Assim Deus colocou a água e o ar no meio, entre o fogo e a terra, e dispôs os elementos uns em relação aos outros, o mais exatamente possível na mesma proporção, de tal sorte que aquilo que o fogo é para o ar, o ar o fosse para a água, e aquilo que o ar é para a água, céu ao mesmo tempo visível e palpável. Por este processo, e quatro, foi gerado o corpo do mundo, harmonizado pela proporção, de onde resulta também sua consciência amistosa: unido estritamente em si e consigo mesmo, ele não pode ser dissolvido por nenhuma outra força que não a do seu próprio autor”.

O sutil pode ser particularizado como campos energéticos, ou arquétipos básicos, conhecidos transculturalmente como *visionário/a, guerreiro/a, mestre/a e curador/a*<sup>80/81</sup>.

78 Arrien, A. O caminho quádruplo: trilhando os caminhos do Guerreiro, do Mestre, do Curador e do Visionário. São Paulo: Ágora, 1997.

79 Jung, C. 1983. op.cit. p, 10.

80 Moore, D. e Gillette. Rei, Guerreiro, Mago e Amante. Rio de Janeiro: Campus. 1993.

81 Arrien, A. 1997. op.cit..

O movimento, particularizado através dos aspectos das funções de consciência *pensamento, intuição, sentimento e sensações*<sup>82</sup>, como Jung<sup>83</sup> definiu a manifestação da consciência.

“Por esta razão há também quatro aspectos psicológicos de orientação psíquica, além das quais nada de fundamental se pode dizer. Para orientarmos psicologicamente, precisamos de quatro funções: a primeira diz-nos se existe alguma coisa; a Segunda indica-nos em que consiste esta coisa; a terceira nos diz se tal coisa nos convém ou não, se a queremos ou não, e uma Quarta diz-nos de onde provém tal coisa e qual o seu destino”.

Podemos ver estas interações na FI 2 abaixo:



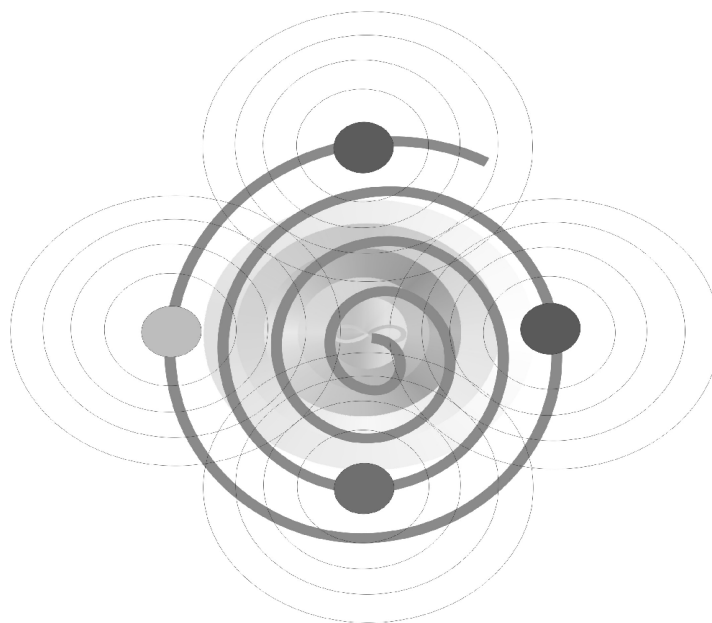
Quando estas particularizações interagem entre si, geram diferentes possibilidades de manifestações. Liz Greene<sup>84</sup>, analista junguiana e astróloga, ao estudar relacionamentos, refere sobre à integração entre as funções da

<sup>82</sup> Greene, L. Relacionamentos. São Paulo: Cultrix, 1988.

<sup>83</sup> Jung, C. 1983. op.cit. p. 55.

<sup>84</sup> Greene, L. 1988. op.cit.

consciência – pensamento, sentimento, intuição e sensação e os quatro elementos: água, terra, ar e fogo. Jean-Yves Leloup<sup>85</sup>, monge dominicano e hesicaste, lembra a integração possível entre os quatro caminhos do conhecimento – arte, ciência, filosofia e tradições sapienciais e as funções da consciência junguianas já citadas. Outros analistas junguianos, como Robert Moore e Douglas Gillette<sup>86</sup>, descrevem as interações possíveis entre os quatro arquétipos do homem – o guerreiro, o rei, o mago e o amante, que permitem o desenvolvimento harmônico de um ser humano. Também, os estudos de Arrien<sup>87</sup> demonstraram que diferentes culturas integram as quatro direções cardinais, os quatro elementos, os quatro arquétipos, com quatro instrumentos, quatro animais, etc., gerando o que ela chamou de “mapa transcultural”, com semelhanças em todas as culturas estudadas.



Formulação Imagética 3  
Estabilização

A harmonização destas quatro particularizações entre si permite a percepção de uma quinta particularização que estabiliza a onda quântica. Esta quinta particularização representa o equilíbrio e a harmonia das demais; representa a

<sup>85</sup> Leloup, J.; Weil, P e Crema, R. O espírito na saúde. Petrópolis: Vozes, 1997

<sup>86</sup> Moore, R. e Gillette, 1993. op.cit

<sup>87</sup> Arrien, A. 1997. op.cit.

mudança, a transformação, a transcendência, a passagem para outros níveis de realidade.

A quinta particularização tem semelhanças com o quinto estado da matéria, conhecido como Condensado Bose-Einstein, o qual é gerado pela vibração em uníssono dos quatro estados conhecidos – sólido, líquido, gasoso e plásmico,

Segundo o Dicionário de Símbolos<sup>88</sup>, o cinco representa o “centro da harmonia e do equilíbrio... representando as cinco formas sensíveis da matéria: a totalidade do mundo sensível”. Citando Allendy<sup>89</sup>, o mesmo dicionário nos informa que:

“Cinco é o número da existência material e objetiva. O psicanalista e a tradição maia se encontram aqui., bem como as tradições orientais, para fazer de cinco o signo da vida manifestada. Sendo um número ímpar, ele exprime, não um estado, mas um ato. O Quinário é o número da criatura e da individualidade.”

Quando nos voltamos para o conhecimento advindo das Tradições Sapienciais temos, por exemplo, os estudos de Pierre Weil<sup>90</sup>, em sua tese de doutoramento em psicologia, sobre a simbologia da Esfinge (a qual é um outro tipo de mapa transcultural). Neste trabalho, podemos perceber as partes componentes da esfinge, os elementos e algumas funções da consciência: corpo de touro – sensações; tórax de leão – emoções; asa de águia – pensamento; serpente no centro da testa – intuição; e, a cabeça humana - consciência, integrando a todos.

Resumindo, torna-se possível reconhecer, integrando os diferentes caminhos do conhecimento, a existência de semelhanças de concepções sobre a totalidade, e também, seus constitutivos: uma tríade aqui denominada de denso, sutil e movimento; as particularizações destes constitutivos, manifestando uma determinada realidade, em número de quatro, aqui denominadas de elementos

<sup>88</sup> Chevalier, J. e Gheerbrant, A. Dicionário de Símbolos, Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 241.

<sup>89</sup> Allendy, René. Le symbolisme des nombres. Paris, 1948, in Chavalier, J. e Gheerbrant, A. 1962.op.cit. p. 245.

<sup>90</sup> Weil, P. Esfinge – estrutura e símbolo do homem. Belo Horizonte:Itatiaia, 1977.

(terra, fogo, ar e água), arquétipos (visionário/a, guerreiro/a, mestre/a e curador/a) e, funções da consciência (pensamento, intuição, sentimento e sensações ) e suas interações, que, quando harmonizadas no quinto, podem permitir a transcendência harmônica da consciência para outras realidades.



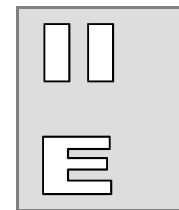
Formulação Imagética 4

Mapa Transcultural

Estas percepções geram as perguntas sobre quem transcende? Quem existe em cada realidade? Que nome dar a estas entidades que, ao mesmo tempo são inteiras e parte da totalidade? No próximo capítulo estas questões serão abordadas a partir de uma percepção transdisciplinar e holística.



## A consciência e a realidade



Observamos que vários caminhos do conhecimento referem sobre uma totalidade energética, uma vacuidade, onde tudo é um vazio criativo ou um *vacuum* quântico. E nesse *vacuum* quântico, não há separatividade, tudo é o todo. Porém, a totalidade pode manifestar-se em níveis de complexidade crescente que vão do infinito ao infinito. Estes níveis são holoárquicos, ou seja, neles, entidades de complexidade diferentes podem manifestar-se, gerando a consciência de realidades distintas. Cada nível holoárquico percebe o nível de realidade correspondente á sua freqüência.

Esta consciência de realidade é gerada pelos colapsos ou descontinuidades na onda quântica, ao movimentar-se entre o denso e o sutil. Dito de outra forma: é como se o colapso (a descontinuidade) gerasse duas situações diferentes: algo que observa e algo que é observado, um sujeito observador que vê um objeto observado. Ou seja, cria-se uma dualidade, a qual aparece, então, como algo denso (observado) e algo sutil (observador). E, no movimento descontínuo entre eles, ocorre o processo de significação, uma tomada de consciência através da criação de significados. Por exemplo: olhamos, tocamos a nós mesmos e percebemos um corpo denso, um corpo que está isolado, separado do resto. Porém, isto faz parte da ilusão da separatividade<sup>91</sup>, pois ambos, observador e observado, fazem parte da mesma totalidade.

Uma parte de nós necessita perceber-se separada do observado e isso acontece por utilizarmos um modo de conhecer sígnico, em que os sistemas lingüísticos são os maiores ordenadores, logo, instrumentos de significação e tomada de consciência no mundo. Este modo de conhecer a realidade, por separar sujeito e

<sup>91</sup> Weil, P. O sentido da mudança e a mudança de sentido. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

objeto, torna-se fragmentário, uma vez que não nos é possível perceber a totalidade da qual somos parte.

Wilber<sup>92</sup> deixa clara a sua posição sobre este tema:

Nossas palavras, nossas idéias, nossos conceitos, nossas teorias e até nossa linguagem cotidiana, são todos *mapas* do mundo real, do “território” ...em resumo: nossa concepção comum do mundo como um complexo de coisas que se estendem no espaço e seguem umas às outras no tempo não passa de uma mapa convencional do universo – não é real....Por conseguinte, os quadros simbólicos, dualistas e convencionais são sutis falsificações da própria realidade que procuram explicar”.

Porém, parece haver um ponto onde os caminhos do conhecimento convergem: há uma Realidade una e indivisível e nossa interpretação da mesma é fragmentária, pois ocorre depois da experiência, depois do momento presente. Don Juan descreve a Castaneda<sup>93</sup> este processo da seguinte maneira:

“O mundo não cede a nós diretamente, a descrição do mundo se interpõe. Assim a bem dizer, estamos sempre um passo afastados e nossa experiência do mundo é sempre uma recordação da experiência. Estamos constantemente recordando o instante que passou, que aconteceu. Recordamos, recordamos, recordamos.

Para Silva<sup>94</sup>, um processo de significação como conscientização (processo semiótico) existe quando há uma mediação entre a experiência vivida e uma reflexão sobre esta, gerando sistemas conceituais de significação, permitindo a tomada de consciência de uma determinada realidade, tornando-a manifesta e consciente.

O processo semiótico, então, torna consciente o fluxo de informação que ocorre tanto entre um nível de percepção e outro (*intersemiose*), quanto entre níveis de realidade (*transemiose*); porém, a maneira como significamos nossa experiência depende, também, do nível de *consciência* em que estamos no momento. É necessário um acordo entre estas “dimensões”, que, na verdade, são três

<sup>92</sup> Wilber, K. 1990.op.cit. p. 36 e 268.

<sup>93</sup> Castaneda, C. 1974.op.cit.

<sup>94</sup> Silva, D.F. Anotações de sala de aula. Pós-Graduação em Educação. UFRGS.1999

aspectos de uma única e mesma realidade. Talvez a lógica do terceiro incluído possa descrever a existência destes três processos simultâneos de significação. (Nicolescu <sup>95</sup>):

“Ao fluxo de informação que atravessa de maneira coerente os diferentes níveis de Realidade corresponde um fluxo de consciência atravessando de maneira coerente os diferentes níveis de percepção ... um fluxo de informação transmite-se de maneira coerente de um nível de Realidade a outro nível de Realidade de nosso universo físico. A lógica do terceiro incluído pode descrever a coerência entre os níveis de Realidade”

Com o aprofundamento dos estudos sobre os processos de significação, integrando Ciência, Arte, Filosofia e Tradições Sapienciais, talvez possamos encontrar padrões que nos permitam fluir entre diferentes níveis de consciência.

Estas realidades podem ser criadas por entes autoconscientes, percebedores de um determinado espectro de ondas, através da estabilização das particularizações de campos (arquétipos), funções e elementos, criando padrões hologramáticos, que se repetem por hábitos, permitindo a manifestação de uma determinada realidade.

Estes entes são totalidade e parte de algo maior ao mesmo tempo. Para esta dualidade, Arthur Koestler cunhou o termo **hólon**, que é uma combinação de *holos*, visão da totalidade (real), com *ontos* (ente, realidade). Ou seja, hólon significa entidades existindo numa mesma realidade e vinculadas à totalidade:

“uma entidade que é, ao mesmo tempo, totalidade e parte de uma outra totalidade. Por exemplo: uma partícula subatômica é, em si mesma, um hólon. O mesmo ocorre com uma célula, com um símbolo, com uma imagem ou com um conceito”.<sup>96</sup>

Para existir, um hólon precisa equilibrar-se em torno de quatro impulsos: a individuação, a comunhão, a autodissolução e a autotranscendência. Wilber refere que cada hólon busca manter sua totalidade e sua identidade porque, caso contrário, deixa de existir e, neste sentido, deixa de ser individuado. Ao mesmo tempo, porém, ele é parte de outra totalidade maior, necessitando estar

<sup>95</sup> Nicolescu, B. 1990.op.cit.p. 51 e 56.

<sup>96</sup> Wilber, K. 1997. op.cit. p. 42.

continuamente adaptando-se como parte integrante desta (exemplo das moléculas unidas em torno de uma célula). Se fracassar nesta missão, acaba desagregando-se e desintegrando-se nos hólons menores que o compõem. Esta tendência à autodissolução tem a sua contraparte na tendência à autotranscendência, que, segundo Wilber<sup>97</sup> é:

“um insólito processo de ir mais além de onde anteriormente encontrava-se, incorporando ao que era, componentes assombrosamente novos, através de saltos quânticos, descontinuidades e mutações criativas”.

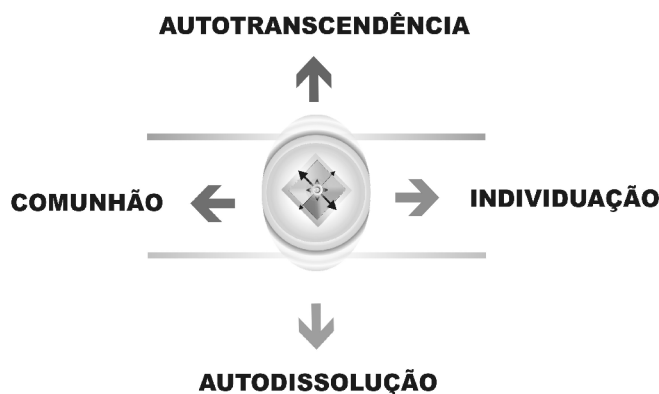


Fig. 1  
Impulsos do Hólion  
Adaptado de Ken Wilber

Os hólons podem ser percebidos como organizados em níveis de complexidade crescente – *holoarquia* - (ex. partícula – átomos – moléculas – células - órgãos, e assim por diante), onde “a totalidade de um determinado nível da hierarquia forma parte da totalidade própria do seguinte nível”.<sup>98</sup> Cada um destes níveis de complexidade crescente de hólons, inclui e transcende o que o antecede:

“E nesta transcendência, os conglomerados se convertem em totalidades; na inclusão, as partes são igualmente aceitas e integradas, unidas em uma totalidade e um espaço compartilhado que os libera do “lastre” de ser um mero fragmento. A evolução, portanto constitui um processo de transcendência e inclusão.”<sup>99</sup>

<sup>97</sup> Wilber, K. *ibid.*, p.46

<sup>98</sup> Wilber, K. *ibid.*, p.52

<sup>99</sup> Wilber, K. *ibid.*, p. 55

A partir desta percepção de holoarquias, Wilber realizou um profundo estudo sobre mapas “transculturais”, evidenciando a existência de quatro holoarquias distintas, que, em interação, se aplicam aos aspectos interiores e exteriores, individuais e coletivos de cada hólón, criando um conjunto de quatro holoarquias diferentes, indivisíveis: os quatro quadrantes do Hólón<sup>100</sup>.

“ Não é possível reduzir nenhum destes quadrantes a outro sem violentá-los ou distorcê-los. ...Não se trata de que um hólón determinado exista em um ou outro destes quadrantes, se não de que cada hólón comparta estes quatro quadrantes, estes quatro aspectos. É como um diamante que tivesse quatro faces, quatro caras. Quatro é o número mínimo que devemos utilizar para compreender qualquer hólón”.<sup>101</sup>

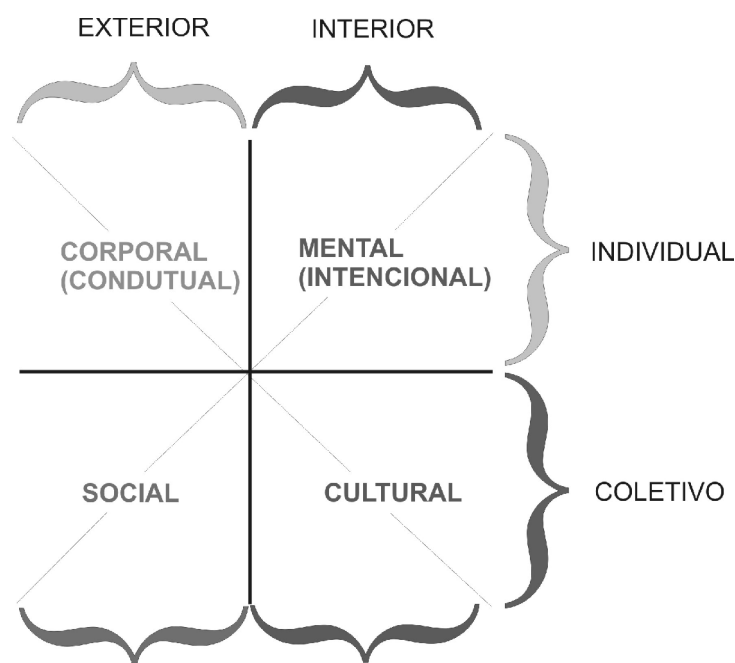


Fig.2  
Quadrantes do Hólón  
Adaptado de Ken Wilber

Podemos encontrar, no quadrante que integra o **exterior e o individual**, a holoarquia de descrições sobre os aspectos manifestos, externos, densos, objetivos, empíricos em que os hólons podem ser percebidos pelas sensações

<sup>100</sup> Wilber, K. *ibid.*, p.107

<sup>101</sup> Wilber, K. *ibid.* p. 118

(somático, comportamental, corporal). No quadrante que integra o **interior e o individual**, a holoarquia de descrições sobre a experiência profunda, íntima, subjetiva, dos hólons: “a aparência do profundo visto desde dentro”<sup>102</sup> envolve a descrição dos aspectos sutis, mentais, intencionais dos mesmos. No quadrante que integra **interior e coletivo**, encontramos a holoarquia referente ao “conjunto de significados, valores e identidades interiores que compartilhamos com aqueles que participam de uma comunidade similar a nossa”.<sup>103</sup> Relaciona-se com a visão de mundo que compartilhamos coletivamente, com os aspectos culturais de um hólón e, no quadrante que integra **exterior e coletivo**, a holoarquia a qual estão organizadas as formas materiais e institucionais externas à comunidade (seu fundamento tecno-econômico, seus estilos arquitetônicos, seus códigos de escrita e os tamanhos de suas populações), a qual associa-se com o fundamento social da visão de mundo, significando, então, qualquer componente objetivo, concreto e material, e especialmente, o componente modo de produção (tais como recolector, hortícola, agrário, industrial, etc.) e as estruturas geopolíticas (idéias, estados, federações mundiais)<sup>104</sup>. Ainda sobre os hólons, Wilber refere que

“um hólón responde – de fato, só pode responder – àqueles estímulos que caem dentro de seu espaço, que se ajustam a sua visão de mundo. Qualquer outra coisa é como se não existisse para eles”.<sup>105</sup> (1998, p.117)

Observou-se a existência de hólons humanos e sua semelhança entre si, porém, sabe-se que há muitas e diferentes formas de ser humano. No próximo capítulo abordaremos o que chamei de modalidades da consciência humana.

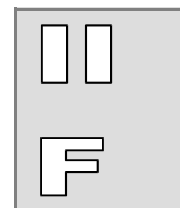
---

<sup>102</sup> Wilber, K. *ibid.* p. 114

<sup>103</sup> Wilber, K. *ibid.* p. 116

<sup>104</sup> Wilber, K. *ibid.* p. 116

<sup>105</sup> Wilber, K. *ibid.* p. 117



## Modalidades da consciência humana

Ao focalizar minha intenção sobre a consciência humana encontrei uma série de conceitos diferentes sobre os seres que constituem a humanidade (leia-se homens e mulheres), marcados ora por uma determinada visão de mundo ora por outra; muitas vezes carregados de ideologias, sentimentos de mágoa, desrespeito e relações de poder.

Através da revisão de uma série de autores (Scott<sup>106</sup>, Louro<sup>107</sup>, Wilber<sup>108</sup>, Gerber<sup>109</sup>, Nicolescu<sup>110</sup>, Grof<sup>111</sup>, Castaneda<sup>112</sup>), diferentes em suas abordagens da realidade, percebi que existem novas e interessantes visões possíveis a respeito dos seres humanos.

Já observamos que, a partir do momento em que a humanidade desenvolveu a linguagem oral, visual e escrita, também desenvolveu uma noção de realidade. Esta é a visão de realidade que tem permanecido hegemônica nos últimos quatrocentos anos e validada pelos nossos cinco sentidos, ao observarmos a realidade exterior a nós. É uma noção que gera ordem, organiza um cosmos, traz a ilusão de seqüência, de continuidade e de entropia. É semelhante ao que Grof<sup>113</sup> chamou de *modo hilotrópico* (orientada para a matéria) – análogo, também, ao *tonal* de Castaneda, o *modo objetivo* dos Hopi e ao modo *profano* para Mircea

<sup>106</sup>Scott, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade. Vol 20 (2), julho/dezembro, 1995.

<sup>107</sup>Louro, G. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. Porto Alegre: Educação e Realidade. Vol 20 (2), julho/dezembro, 1995.

<sup>108</sup> Wilber, K. 1997. op.cit.

<sup>109</sup> Gerber, R.. 1997. op.cit.

<sup>110</sup> Nicolescu, B. 1999 op.cit.

<sup>111</sup> Grof. S. A aventura da autodescoberta. São Paulo: Summus, 1997. op.cit.

<sup>112</sup> Castaneda, C. 1974. op.cit.

<sup>113</sup> Grof, S. 1997. op.cit.

Eliade<sup>114</sup>. Esta noção é um modo de consciência comum a boa parte da humanidade atual.

Porém, existe um outro modo de consciência a que Grof chamou de *modo holotrópico*, o qual permite circular por diferentes níveis de realidade e é semelhante ao *nagual* de Castaneda, o *modo subjetivo* dos Hopi ou o *modo sagrado* de Eliade. Estas diferentes realidades são aparentemente caóticas quando observadas de um ponto de complexidade menor (modo hilotrópico). Entretanto, podem ser percebidas como claras, simples e organizadas se o observador utilizar um modo de significação que entre em ressonância com as mesmas.<sup>115</sup>

Assim, como vimos anteriormente, a totalidade movimenta-se entre o denso e o sutil. A totalidade e suas diferentes realidades podem ser significadas pelo ser humano através do modo holotrópico de consciência. Contudo, ao observarmos a realidade humana no modo hilotrópico, podemos perceber dois modais de consciência, conhecidos, usualmente, como os modos masculino e feminino, presentes em “quantuns” distintos em homens e mulheres.

O masculino representando um modo focalizado, racional, de percepção e, o feminino representando um modo expansivo, sensível de percepção da realidade. Os seres humanos utilizam ambos os modos de percepção para significar a realidade humana.

Esta dualidade gera oposições aparentemente contraditórias, as quais podem ser representadas, a semelhança da imagem do deus romano Jano, com duas faces olhando, ao mesmo tempo, tanto para uma percepção focalizada quanto para a teia de padrões que formam este foco<sup>116</sup>.

---

<sup>114</sup> Eliade, M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil. s/d.

<sup>115</sup> Nicolescu, 1999, op.cit.

<sup>116</sup> Krippner, S. & Dillard, J. Dreamworking. Beary Limited: New York, 1984.p.62.



## A PERCEÇÃO DE HOMENS E MULHERES

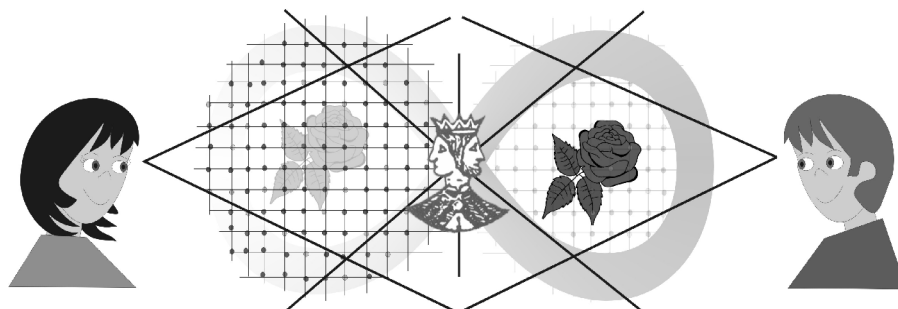


Fig.3  
Modais da consciência humana

Quando o processo de significações for dirigido à realidade humana (modo hilotrópico) podemos chamá-lo de processo intersemiótico; quando for dirigido a diferentes níveis de realidade, incluindo a realidade humana (modo holotrópico) podemos chamá-lo de processo transemiótico.

Assim como temos dificuldades para observar a onda e a partícula ao mesmo tempo, também temos, com estes dois modos de percepção, algo que dá a impressão de serem contraditórios. Quando, porém, observamos a realidade humana a partir de um nível de maior complexidade, talvez possamos percebê-los como forças opostas e complementares de uma mesma realidade. E isto é possível através da *lógica do terceiro incluído*<sup>117</sup>, proposta por Lupasco e clarificada por Nicolescu<sup>118</sup>, onde a dualidade é um todo quando percebido num nível de maior complexidade.

<sup>117</sup> Nicolescu, B. 1999.op.cit.p.32

<sup>118</sup> Nicolescu, B. ibid. p.33

Esta outra lógica permite que possamos aceitar, por exemplo, que a oposição binária homem/mulher, construída pelas civilizações humanas que nos antecederam não gerou polaridades contraditórias antagônicas, mas, sim, complementares. Quando unificadas num nível de maior complexidade, pode-se perceber a humanidade enquanto uma totalidade: homens e mulheres como uma única espécie.

Provavelmente, para a apreciação da experiência humana, os que nos antecederam acabaram codificando modalidades de significação que permitiram a criação de identidades distintas para os seres humanos – as identidades de homens e de mulheres, gerando valores e significando experiências diferentes para cada um deles e, com isto, organizando as sociedades e sua reprodução, tanto individual como coletiva.

Ao realizarem estes sistemas de significação, as culturas tiveram de “*assegurar (criar a ilusão de) uma coerência e (de) uma compreensão mútua na identificação de gênero*”<sup>119</sup>, suprimindo ambigüidades e elementos de oposição, de tal modo parecessem diferentes.

Parece que estas diferenças foram criadas para fins de organização e reprodução (social e biológica), sendo mantidas para viabilizar a continuidade da espécie humana. Louro<sup>120</sup>, refere, citando Eagleton, que, estas oposições binárias, são polaridades interdependentes, derivadas uma da outra, com suas oposições sendo criadas socialmente e percebidas como esferas independentes, porém sendo mais íntimas e interrelacionadas do que parecem.

Atualmente, está ocorrendo um processo intenso (em alguns segmentos acadêmicos) que busca desconstruir estas oposições e suas supostas identidades, porém, com isso, poderemos acabar, também, por desconstruir outras distinções entre homens e mulheres e, com isto, correremos o risco de

---

<sup>119</sup> Scott, J. 1995. op.cit. p. 82.

<sup>120</sup> Louro, G. 1995.op.cit. p.143.

inviabilizarmos a sociedade, a cultura, a psique e a vida humana enquanto espécie. Talvez seja necessário um outro olhar, mais amplo, sobre as diferenças entre homens e mulheres, corrigindo deformações antigas, atualizando e harmonizando-as, até porque:

“Uma parte do problema é que, se bem que os papéis masculinos e femininos podem ser redefinidos e remodelados, não é possível, em modo algum, modificar as características próprias dos homens e das mulheres. Em tal caso, o excesso de zelo em tentar equilibrar as diferenças existentes entre o masculino e o feminino nos estaria levando também a erradicar as diferenças existentes entre os homens e as mulheres”<sup>121</sup>.

Em outras palavras homens e mulheres referem-se a **oposições modais da consciência humana**. Quando olhamos homens e mulheres como hólons humanos, percebemos que ambos são individualidades e, em cada hólón humano, mesclam-se os tons e cores de cada indivíduo, de acordo com sua constituição biológica, psíquica, cultural e social, que, juntos, fazem parte de um ser mais complexo – o ser humano.

Na construção da realidade humana, estabeleceram-se estruturas de poder, sendo que os homens, ao valorizarem o seu modo de significação acabaram por impor sua versão da “verdade”, gerando todo um sistema opressivo e desarmônico, e isto vem levando-nos a um perigoso processo de autodestruição da humanidade.

A reversão deste processo, ao fortalecer o outro modo de significação, retirando o poder daquele, também poderá levar ao mesmo desequilíbrio. Faz-se urgente e necessário um processo de harmonização entre as modalidades de significação, onde homens e mulheres sintam-se “*empoderados*”.

Para fazer esta harmonização e proporcionar este *empoderamento*, precisamos, hoje, resgatar valores humanos, principalmente o do respeito entre humanos e transcender a polarização, não a excluindo, contudo. E isso só será possível através de uma nova visão de mundo, do aprendizado das modalidades de

<sup>121</sup> Wilber, K. 1997, op.cit. p. 18.

significação e de valores transcendentais, incluindo o amor à humanidade e ao planeta para que se possa chegar a um relacionamento harmônico da espécie na busca da inteireza do ser.

Homens e mulheres necessitam reconhecer que estão na mesma nave Terra e que é chegado o momento de um acordo sobre o rumo que queremos seguir e que isto não pode levar muito mais tempo. A espécie corre riscos de extinção. Necessitamos recriar nossos laços, relacionando-nos de uma maneira mais consciente e harmônica, com paz, não-violência, verdade, amor e ações corretas<sup>122</sup> (valores humanos tão esquecidos atualmente).

“Ademais, estimo que seja este o grande desafio do século XXI: fazermos o novo pacto de gêneros, uma nova aliança homem-mulher, superando a guerra secular dos sexos. Mais e mais não nos definimos pelo sexo, mas pelas qualidades pessoais. Juntos na diferença de homem e mulher, podemos construir uma humanidade una, diversa e fecunda nessa diversidade. Precisamos conscientizar tal visão, transforma-la num projeto político, torná-la verdadeiramente a nova utopia que poderá dar sentido a uma humanidade emergente finalmente orientada pela colaboração e buscando convergências na diversidade”<sup>123</sup>.

Resumindo o exposto sobre modalidades da consciência podemos dizer:

- que homens e mulheres são hólons humanos que se percebem como em oposição.
- que esta nova visão informa que hólons humanos “vêm” o mundo através de dois modos de consciência: hilotrópico e holotrópico.
- que o modo holotrópico percebe o sagrado, o “eu divino”, o nagual os constitutivos (denso e sutil) em diferentes realidades.
- que o modo hilotrópico percebe os constitutivos denso e sutil através de suas qualidades conhecidas como masculino e feminino.
- que todos os hólons humanos se movimentam entre o modo hilotrópico (denso/sutil) e o holotrópico (masculino/feminino) em momentos diferentes de sua existência.

<sup>122</sup> Martinelli, M. Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996

<sup>123</sup> Boff, L. Tempo de Transcendência. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.89

- que ambos necessitam se perceberem como hólons inteiros para promover a inteireza em si, nas suas relações com os outros, com o planeta e com o universo.

# A busca da Inteiraza do Ser

III

## Formulações Imagéticas para a Inteiraza do Ser



## Aonstrução das Formulações Imagéticas

Como vimos até aqui, a totalidade pode ser significada como formada por três constitutivos (denso, movimento e sutil), os quais podem se organizar através de particularizações (elementos, funções e campos arquetípicos) e, cada uma destas, em quatro diferentes aspectos. Estas particularizações podem combinar-se entre si, manifestando-se em diferentes dimensões ou realidades e, nestas, sua existência é significada enquanto hólón - cada um formado por quatro quadrantes.

Também observamos que existe significação quando ocorre a conscientização, por um determinado hólón, dos padrões de interferência de onda numa determinada escala de complexidade. O processo de conscientização pode perceber realidades em diferentes escalas evolutivas, tal como um vórtice hologramático, o qual pode ser manifestado distintamente, como por exemplo: átomo, molécula, célula, galáxia, dependendo da escala de complexidade observada.

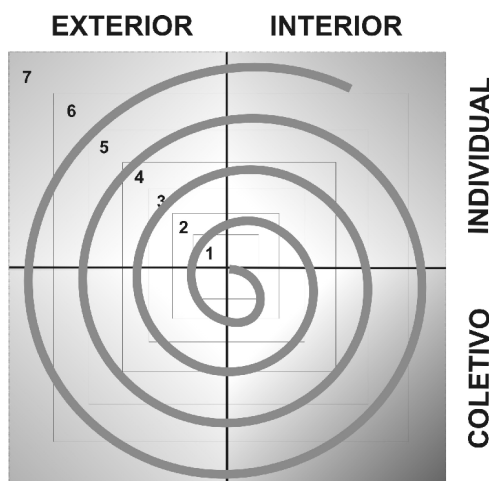


Fig.4  
Holoarquias  
Adaptado de Ken Wilber

Para navegar entre estes diferentes níveis de significação, necessitamos de um 'mapa' que seja simples, que permita-nos compreender com a consciência orienta-se (significar e significar-se) no nível em que se encontra e que possa ser utilizado dos níveis mais complexos aos mais simples. Um 'mapa' com esta proposta apresenta, sinteticamente, uma visão coerente que inclua diferentes caminhos de significação sobre a origem e a natureza do universo, indicando a base fractal de todos os hólons que compõem a totalidade.

Este 'mapa' é o resultado de uma organização das percepções sobre o Real (Totalidade) e sobre realidade, provindas de diferentes caminhos do conhecimento, que foram sintetizadas e simbolizadas através de imagens, em **formulações imagéticas** da totalidade, incluindo seus constituintes, suas particularizações, seus quadrantes e os vínculos entre eles. O 'mapa' resulta de um construto a partir da reunião, integração e harmonização das formulações imagéticas sobre a inteireza do Ser apresentadas.

Distintas formulações deste 'mapa' são conhecidas por inúmeras culturas em todos os cantos do planeta, obviamente com diferentes nomes e com algumas características próprias, porém, em essência, observaram campos semelhantes.

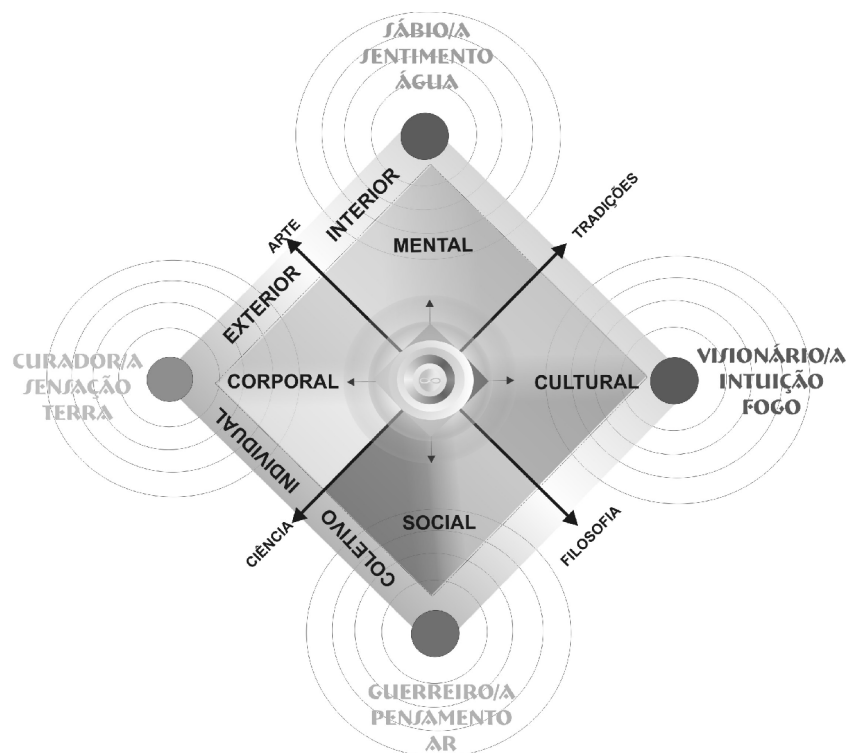
A partir dos estudos realizados para esta tese, percebi que podemos organizar as particularizações dos constitutivos da totalidade em quatro pontos equidistantes formando um quadrado, em cujos vértices estão quatro diferentes combinações e, em cada uma, o complexo constitutivo **dms** – (denso, sutil e movimento), independente da escala observada, permitindo a geração de formulações imagéticas que possam orientar ações na realidade humana.



Com este referencial, pode-se perceber uma maneira de como compor uma interação entre os quatro caminhos do conhecimento citados: a arte, filosofia, ciência e as tradições sapienciais. Quando interagimos com as funções da consciência, podemos perceber uma determinada organização dos caminhos do conhecimento. Se pensarmos (pensamento) sobre o concreto (sensações), sobre aquilo que tem forma, densidade, sobre a matéria, temos o caminho da Ciência. Quando raciocinamos (pensamento) sobre aquilo que visualizamos (intuição), temos o caminho da Filosofia. Quando sentimos (sentimento) que a nossa visão pode ser verdadeira (intuição), podemos ter fé, o caminho das Tradições Sapienciais. E, quando damos forma (sensações) aquilo que sentimos (sentimento) ou sentimos a estética, a forma, temos o caminho da Arte. Nenhum é melhor ou pior que o outro, apenas são caminhos distintos que a consciência humana trilhou para conhecer a si mesma e seu vínculo com a totalidade.

Quando ocorre uma harmonização entre as quatro manifestações da energia, é gerada uma expansão da consciência, semelhante a um salto quântico para um nível qualitativamente diferente. A seqüência de ondas acaba formando uma espiral evolutiva.

Quando integramos estas formulações imagéticas com o dos quadrantes do hólón, temos um 'mapa' integrado do hólón humano, que pode sintetizar a inteireza humana onde é possível observar seus constitutivos (denso, movimento e sutil), suas particularizações (elementos, funções e arquétipos) e seus quadrantes (corporal, mental, social e cultural).



Formulação Imagética 05  
Mapa Integrado da Inteiraza do Ser

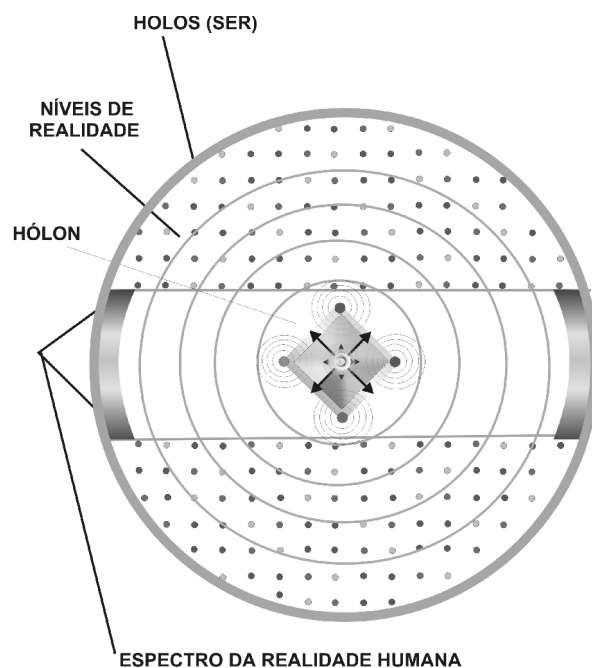
Já observamos que, a consciência, ao vibrar em unísono entre as quatro combinações básicas, se harmoniza, transcende, vai além, podendo perceber outros níveis de realidade, outras significações. Em outras palavras, quando ocorre esta harmonização ocorre uma expansão da consciência iniciando um novo ciclo de experiências que tanto podem ser experiências de um novo ciclo vital ou de um outro estado da consciência.

Neste sentido, a quinta combinação possui um significado de transcendência, um significado de ir além do nível de significação usual. Então, o ponto central do 'mapa' pode ser percebido como um ponto de equilíbrio num determinado nível e, ao mesmo tempo, uma passagem para outros níveis. Existe um caminho do meio, onde podemos manter uma certa unidade e essa unidade está em sinfonância<sup>124</sup> com o Ser, com a totalidade.

<sup>124</sup> Esta palavra foi cunhada num debate com o físico Harbans Lal Arora, quando discutíamos sobre que palavra daria mais sentido a relação do indivíduo com a totalidade: harmonia, sinfonia ou ressonância? Ficamos com o neologismo de sinfonância, que integra a possibilidade de consonância de vários sons, associada a ressonância, no sentido de retransmitir ondas sonoras. Este neologismo se distingue de unissonância, que é a qualidade de sons em unísono.

Tendo esta observação em mente, podemos formular imagetivamente um ‘mapa’ da inteireza do Ser, associando o mapa integrado do hólon com a representação de outras realidades, unindo a totalidade (Ser) a todas elas.

A nível arquetípico, podemos identificá-lo como o Ser Harmônico, semelhante ao que Huxley chamou de Pontífex – fazedor de pontes (apud Crema<sup>125</sup>); ou que Castaneda<sup>126</sup> chamou de Homem do Conhecimento, ou mais atualmente, Vidente. Erickson fala em Homem Gerativo (apud Moore e Gillette<sup>127</sup>). Sua particularização elementar pode, provavelmente, ser semelhante ao chamado de Etérico ou Akasha.



Formulação Imagética 06  
Mapa Integrado

Durante a realização desta tese, percebi que diferentes combinações destas particularizações seriam possíveis e, como já citei anteriormente, que estas já

<sup>125</sup> Crema, R. Saúde e plenitude. São Paulo: Summus, 1995.

<sup>126</sup> Castaneda, C. A erva do diabo. Rio de Janeiro: Record.1981

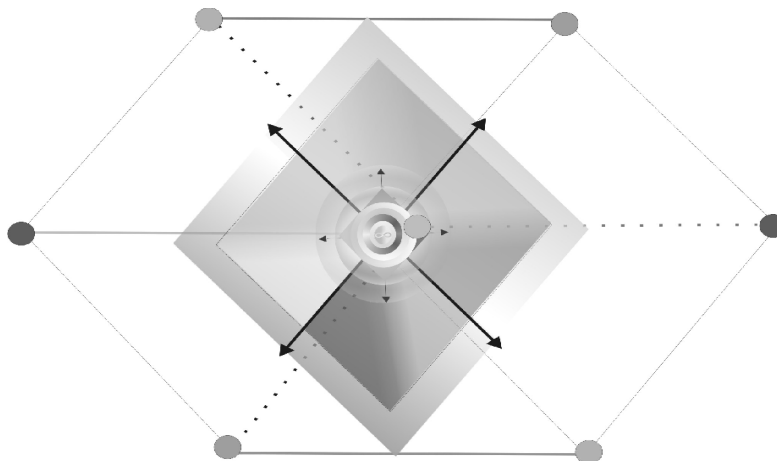
<sup>127</sup> Moore, R. e Gillette, D. O rei dentro de nós. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

havia sido estudadas por sábios das antigas Tradições. Em longos debates com Lúcia D.Torrez, Mestre em Literatura Brasileira e estudiosa das Tradições Sapienciais, particularmente da Tradição Astrológica e da Hinduísta, percebemos três ‘mapas’, os quais eram baseados na Astrologia, nas Tradições Sapienciais Indígenas e aquele baseado nos estudos de Jung sobre a consciência. Estes três diferentes ‘mapas’ permitem distintas disposições entre os quatro conjuntos das particularizações:

<b>Sistemas</b>	<b>Seqüência</b>
<b>Jung</b>	Fogo-Água-Terra-Ar
<b>Tradições Sapienciais</b>	Fogo-Ar-Água-Terra
<b>Astrologia</b>	Fogo-Terra-Ar-Água

O ‘mapa’ utilizado nesta tese está focalizado na seqüência do modelo junguiano, na medida em que fornece possibilidades de olharmos os diferentes caminhos do conhecimento. Porém, nenhuma ordem é hierarquicamente melhor que a outra, são apenas focalizações distintas.

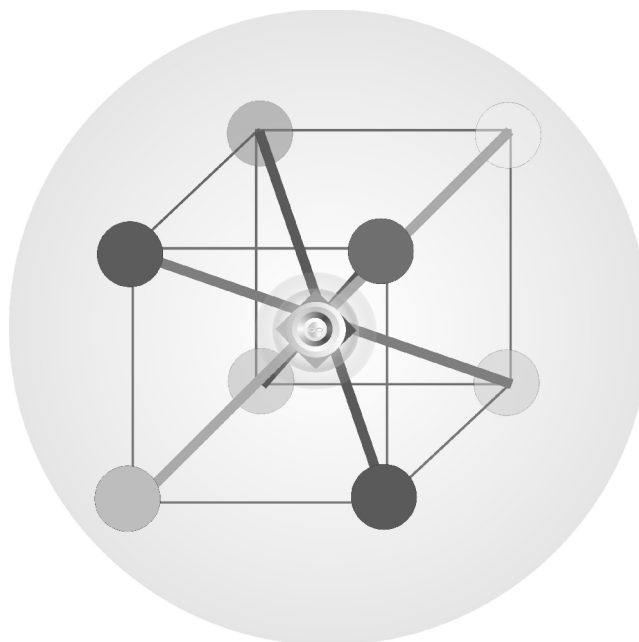
Estes três ‘mapas’ podem ser integrados, por sua vez, num holograma tridimensional. Para a percepção deste holograma, torna-se necessário explicitar que a observação das particularizações dos constitutivos ocorre ao se olhar, simultaneamente, os aspectos densos, os sutis e o movimento entre eles. Em outras palavras, o holograma percebido apresenta um lado luminoso, uma ordem explicada, densa, focalizada e, ao mesmo tempo, indica a existência de sua contraparte: uma ordem implicada, imanifesta, sutilizada através de outro ‘mapa’, com a mesma disposição, porém, invertida, e o caminho entre ambos.



Formulação Imagética 07  
Mapa tridimensional

Usualmente, temos a tendência de observar apenas o lado manifesto, explicado, denso, porque estamos treinados e acostumados a percebê-lo assim, mas, se voltarmos nossa consciência para o lado não manifesto, poderemos observar, também, o que estava sutilizado, implicado, e a sua interação.

Quando olhamos desta maneira, o 'mapa', podemos percebê-lo como uma sobreposição de dois 'mapas' invertidos e suas relações, formando um holograma tridimensional, ou um cubo. Este cubo imagético seria formado, então, por um 'mapa' manifesto e seu inverso, imanifesto, que, quando unidos através de seus vértices, formam um cubo com seis faces, com as três diferentes composições das particularizações nos seus aspectos denso e sutil.



Formulação Imagética 08  
Os mapas do cubo

Quando observamos as ligações entre os vértices deste cubo imagético (ou formulação imagética tridimensional da realidade), percebemos campos de força, ou nuances arquetípicas, que geram o cubo. As ligações entre estes vértices formam campos vibracionais distintos.

Cada vértice do cubo está vinculado a três outros. Ao vincular um vértice com outro, criam-se determinadas dualidades do tipo água/pensamento-fogo/intuição, as quais geram características distintas de vibração arquetípica. Com esta percepção em foco, podemos perceber doze interações vibracionais, campos de força, padrões energéticos ou arquétipos distintos e correlacionados formando um holograma tridimensional.

<b>Interações Vibracionais</b>		
<b>Elementos</b>	<b>Funções</b>	<b>Arquétipo</b>
Fogo-Água	Intuição-Sentimento	Pioneiro (a)
Fogo-Terra	Intuição-Sensação	Rei/Rainha
Fogo-Ar	Intuição-Pensamento	Visionário (a)
Terra-Água	Sensação-Sentimento	Amante
Terra-Fogo	Sensação-Intuição	Curador (a)
Terra-Ar	Sensação-Pensamento	Artesão (ã)
Ar- Água	Pensamento-Sentimento	Mensageiro (a)
Ar-Terra	Pensamento-Sensação	Guerreiro (a)
Ar-Fogo	Pensamento-Intuição	Líder
Água-Terra	Sentimento-Sensação	Aprendiz
Água-Fogo	Sentimento-Intuição	Iniciado (a)
Água-Ar	Sentimento-Pensamento	Sábio (a)

Ao harmonizar estas informações, poderemos perceber certas realidades como uma inter-relação de diferentes complexidades destes ‘mapas’ tridimensionais, conforme a escala de observação e conscientização. A representação tridimensional do ‘mapa’ – o cubo -, pode ter um significado semelhante ao de um fractal, com arranjos de forças semelhantes em distintos níveis de complexidade.

Sendo o ‘mapa’ um referencial semiótico, podemos significar a realidade tanto pelo caminho das tradições, como pela arte, pela filosofia ou pela ciência. Este conhecimento integrado não é novo, é muito antigo; contudo, oferece uma maneira contemporânea de nos situarmos no aqui e agora e, a partir daí, começarmos a trabalhar uma existência coerente, e perceber uma nova visão de mundo.

É característica de alguns dos caminhos do conhecimento realizar um processo de análise da realidade, expandindo este conhecimento, o que culmina num afastamento da fonte, da origem desta realidade. Neste sentido, o ‘mapa’ pode ser uma formulação imagética sintética, simbólica que orienta para um re-ligare. O ‘mapa’ fornece um centro, uma origem, uma maneira simples de olhar e de se voltar para o centro, para o equilíbrio, conectando-o com a totalidade.

Esta integração de distintos ‘mapas’ culturais, sintetizados e organizados em um só, torna possível sua utilização como um ‘mapa’ referencial em diferentes níveis de realidades.

O conhecimento deste ‘mapa’ transcultural e transdisciplinar, além de simbolizar e orientar a inteireza do Ser, permite a sua aplicação a situações específicas, tanto na observação da consciência humana como nas ações de saúde e na educação.

Nas próximas páginas, seguem as formulações imagéticas I a XV, cuja descrição sumária é a seguinte:

FI 01 – Constitutivos do Ser – informa sobre os três constitutivos da totalidade e suas qualidades.

FI 02 – Particularizações – informa sobre as quatro particularizações dos constitutivos e a relação entre elas.

FI 03 – Estabilização das particularizações – informa sobre a focalização e estabilização dos padrões de interferência das particularizações.

FI 04 – Mapa transcultural – informa sobre a manifestação hologramática das particularizações.

FI 05 – Mapa integrado do hólón humano – informa sobre o mapa básico e sua integração com os quadrantes do hólón humano, com o ponto central representando o quinto portal.

FI 06 – Mapa da inteireza do Ser – Informa sobre o mapa integrado do hólón e seu vínculo com outras realidades possíveis e a totalidade.

FI 07 – Mapa tridimensional (cúbico) – informa uma visão tridimensional do mapa integrado do hólón humano em relação a especificação dos constitutivos.

FI 08 – Os “mapas do cubo” – informa sobre o mapa tridimensional e suas interações.

FI 09 – Os seis mapas do cubo – informa sobre seis leituras possíveis contidas no mapa tridimensional.



FI 10 – A teia de mapas – informa sobre as possibilidades de interações dos mapas observados no cubo.

FI 11 – Modais masculino e feminino – informa sobre os modos de significação masculino e feminino da consciência humana, com a figura de Janus simbolizando a integração da dualidade.

FI 12 – Mulheres e homens – diferentes percepções da mesma realidade – informa sobre as diferenças de percepção da mesma realidade por hólons humanos.

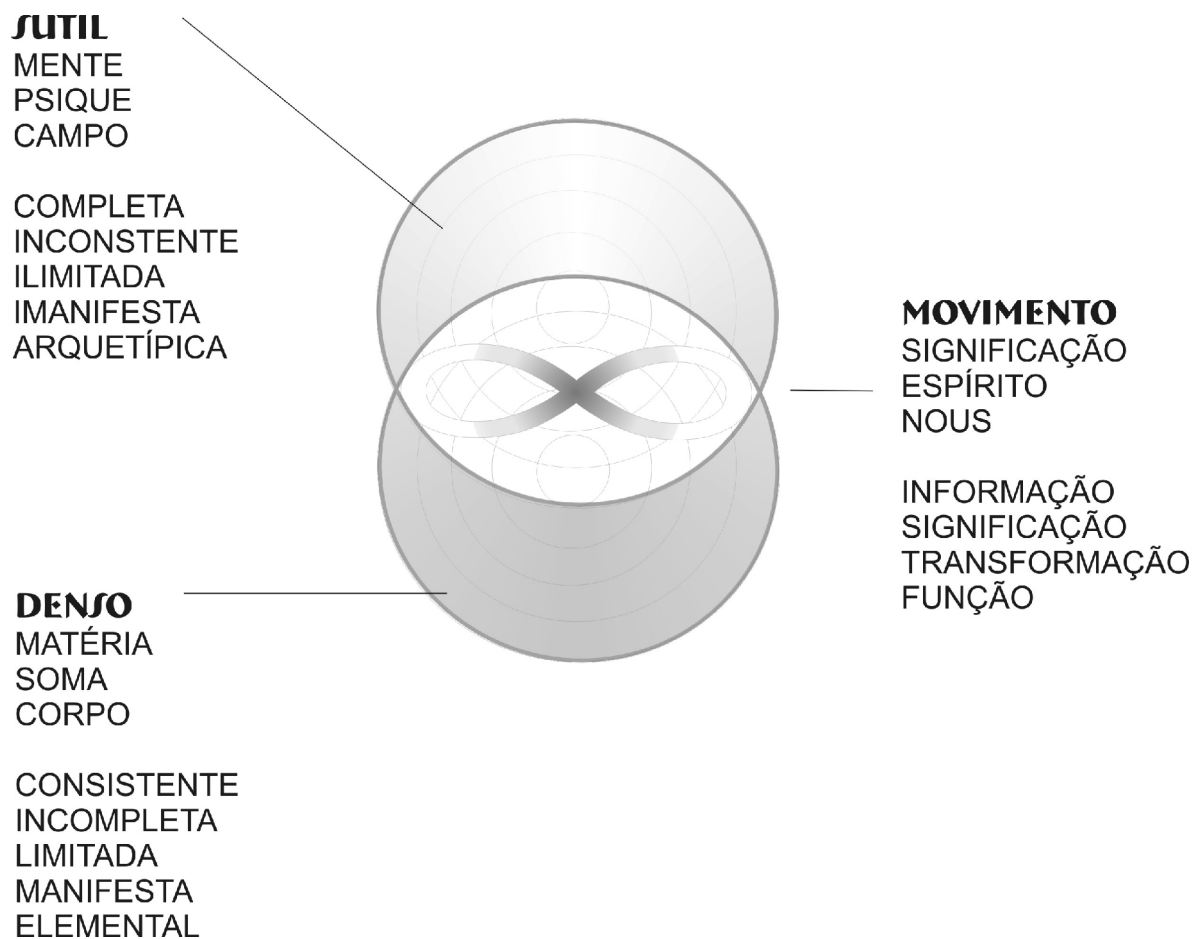
FI 13 – Desenvolvimento da consciência humana – informa sobre o processo espiralático do desenvolvimento da consciência humana baseado em Fibonacci e Bentov.

FI 14 – Possibilidades de desenvolvimento da consciência humana – informa sobre as diferentes possibilidades da consciência humana baseados no modelo espiralático.

FI 15 – Terapias holônicas e trans-holônicas – informa sobre as possibilidades de visualização das diferentes terapias, utilizando-se o mapa da inteireza do Ser como referência.

FI 16 – Ações educativas holônicas e trans-holônicas – informa sobre as possibilidades de integração das propostas do Relatório Delors utilizando-se o mapa da inteireza do Ser como referência.

FI 17 – Educação e valores humanos - informa sobre as possibilidades de integração das propostas do Relatório Delors e da educação de valores humanos, de Sai Baba, utilizando-se o mapa da inteireza do Ser como referência.

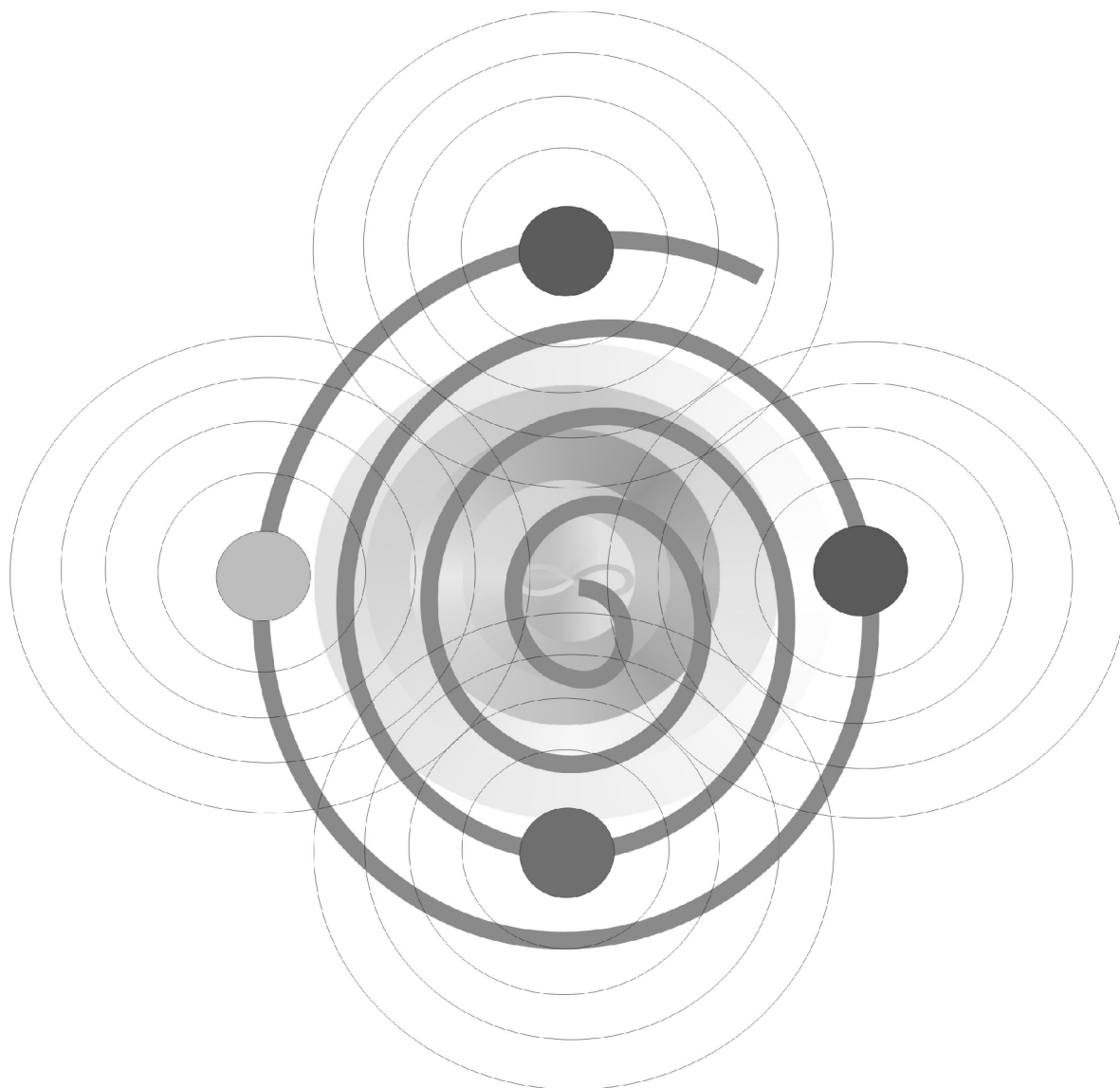


# CONSTITUTIVOS DO SER

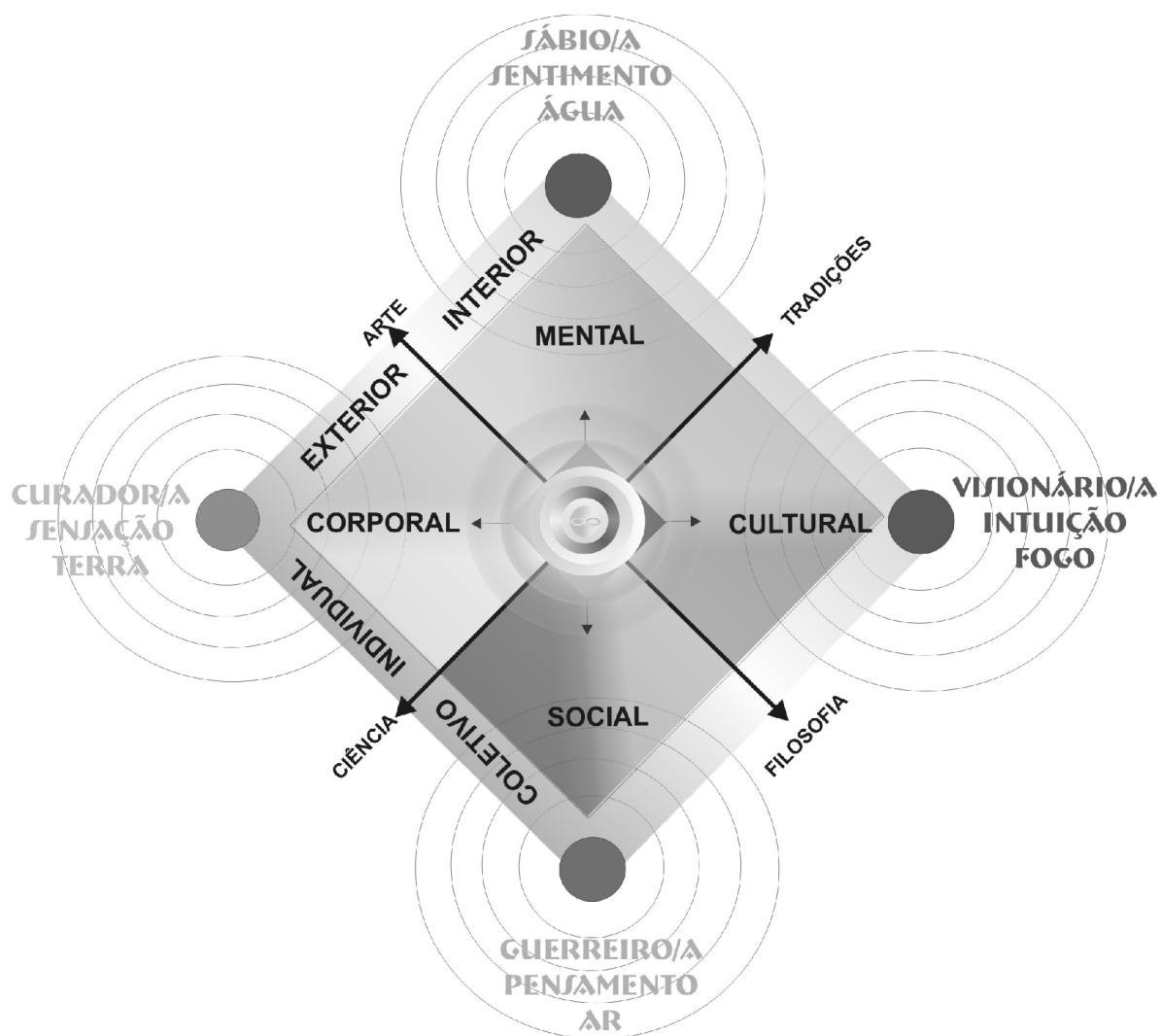


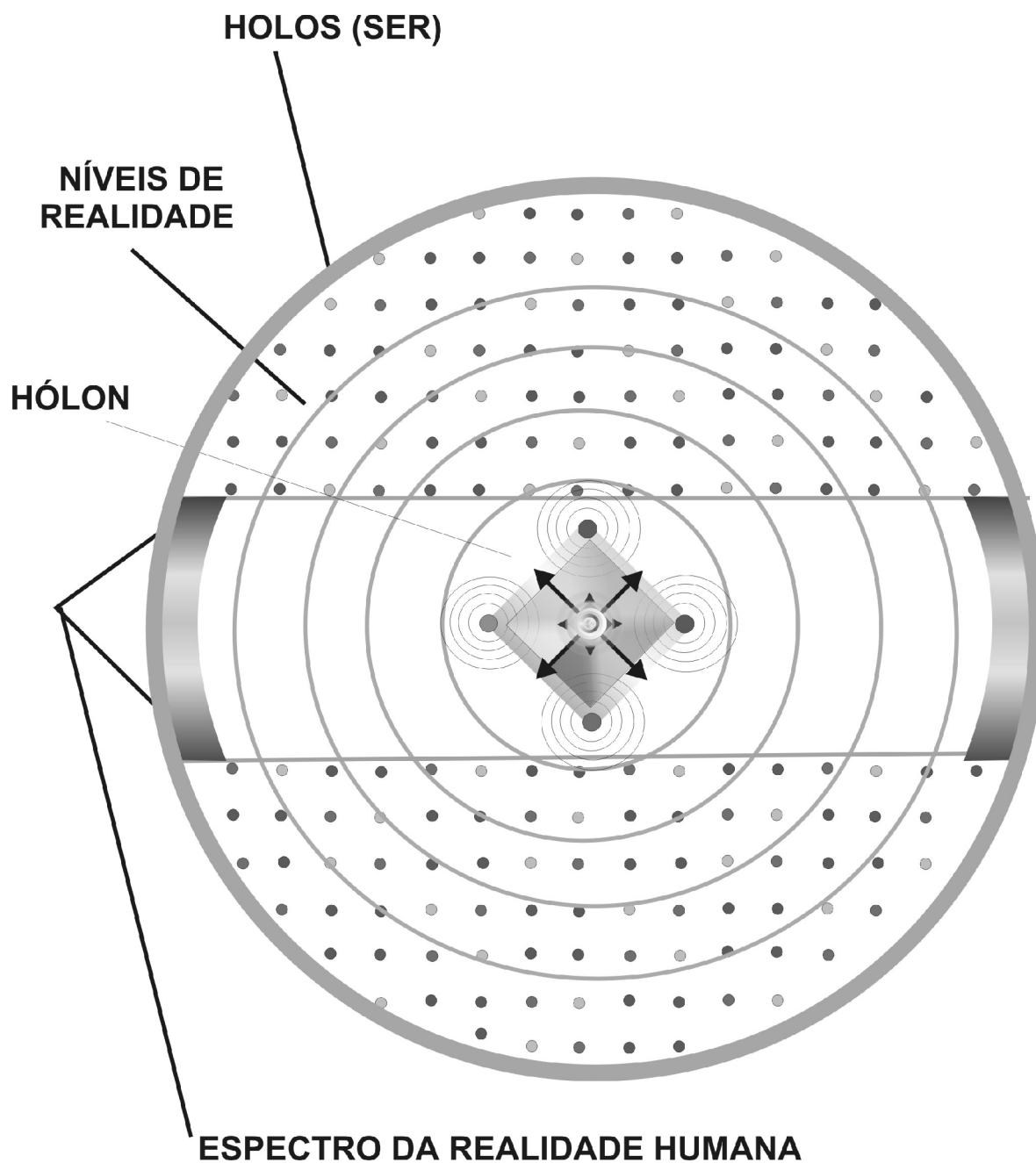
# E SUAS PARTICULARIZAÇÕES

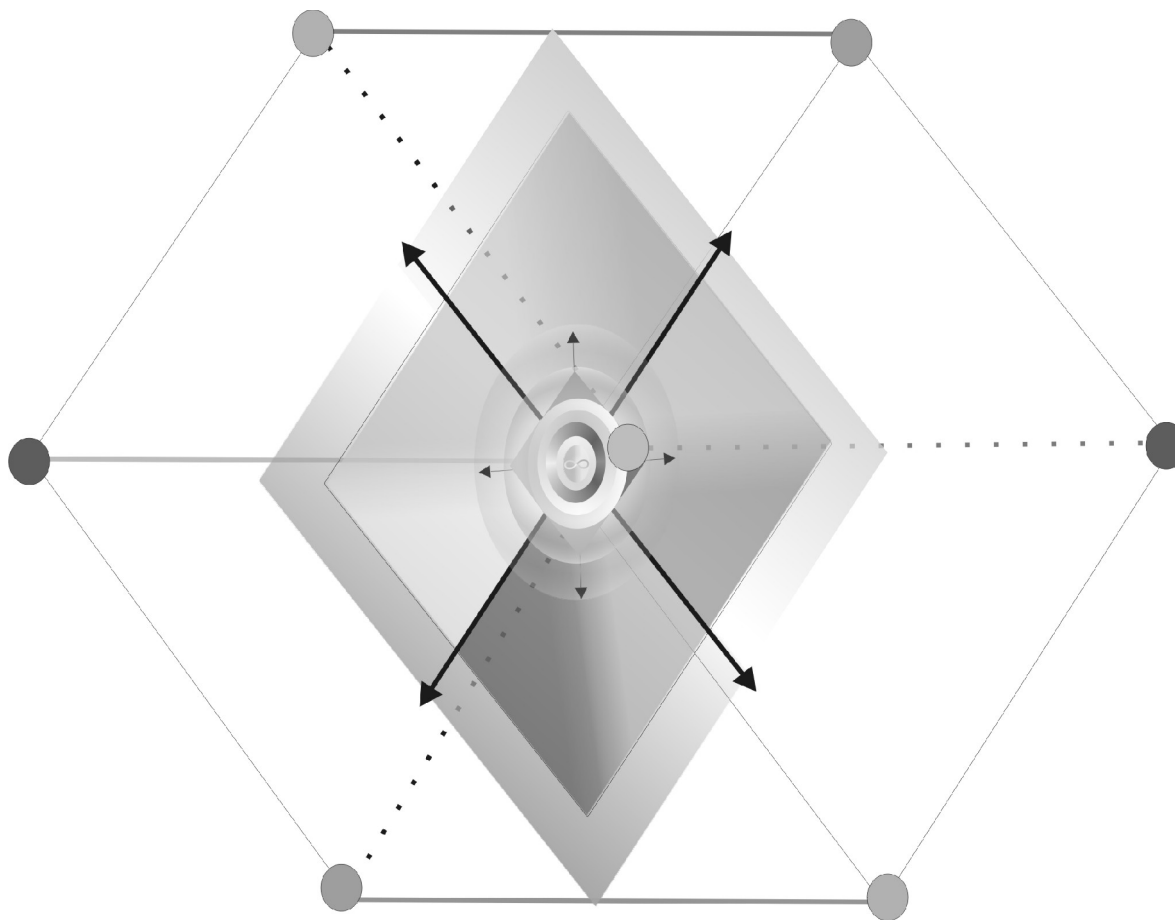
ELEMENTOS	FUNÇÕES	ARQUÉTIPOS
● AR	● PENSAMENTO	● GUERREIRO (A)
● FOGO	● INTUIÇÃO	● VISIONÁRIO (A)
● ÁGUA	● SENTIMENTO	● MESTRE (A)
● TERRA	● SENSAÇÃO	● CURADOR (A)



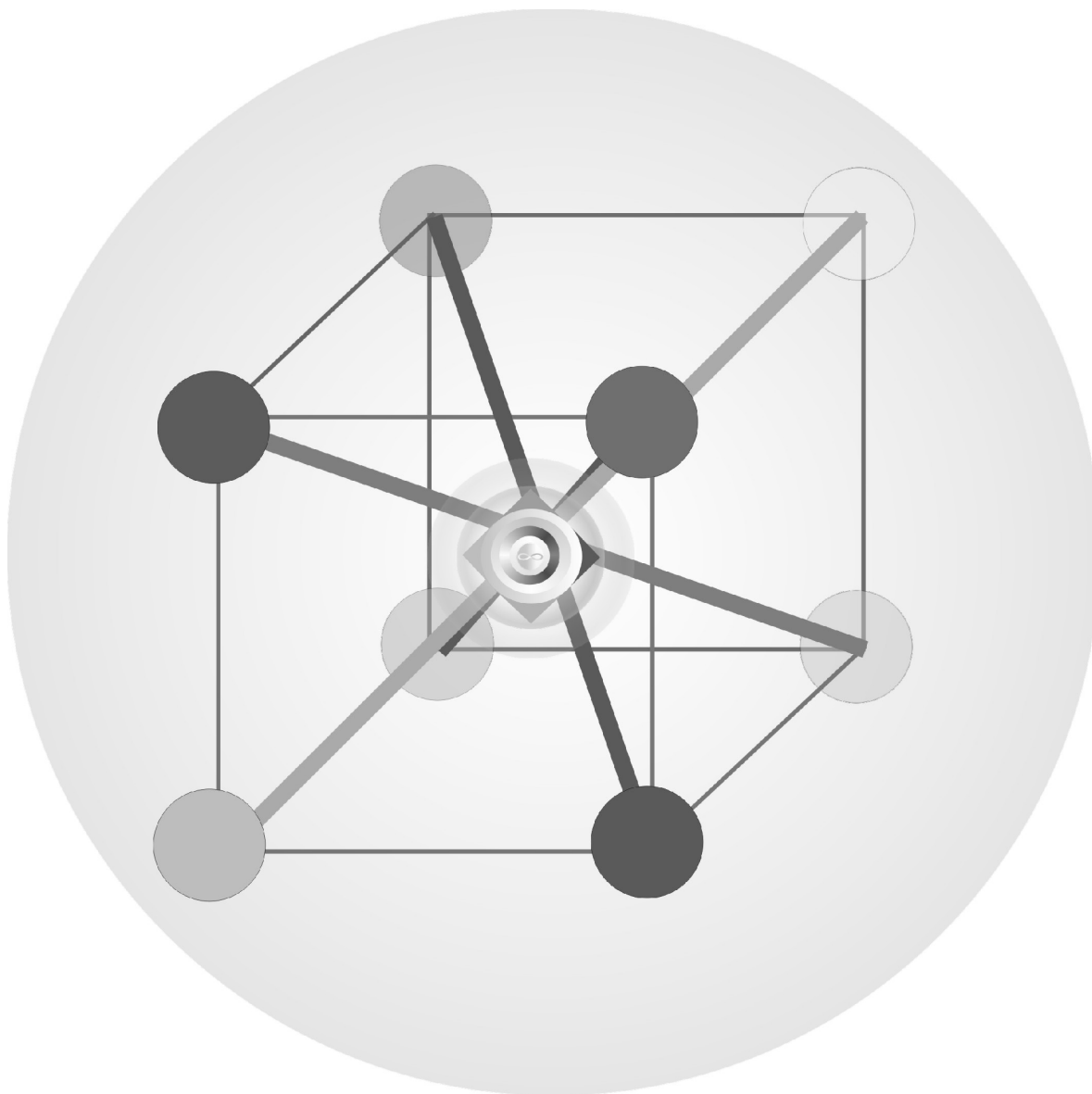


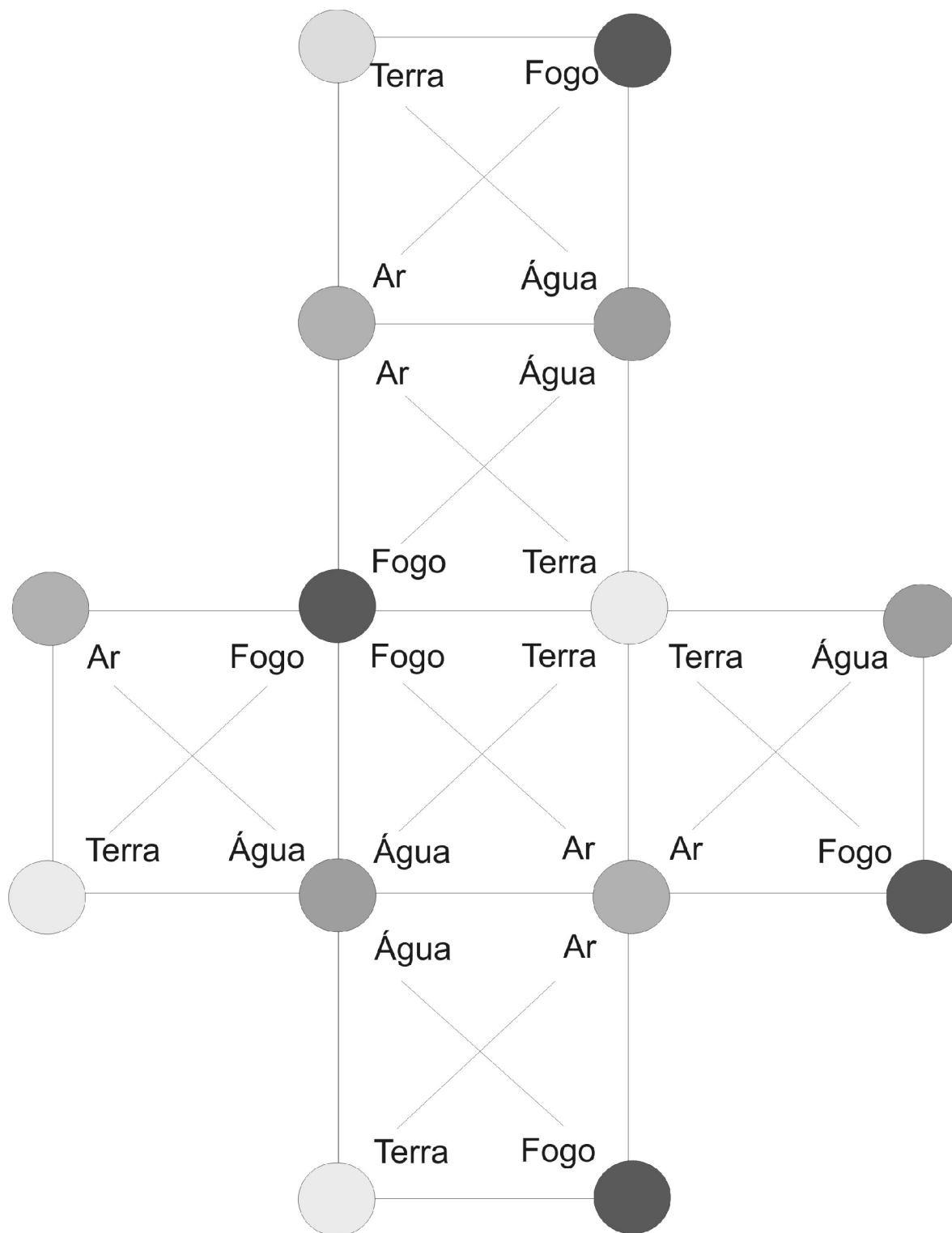


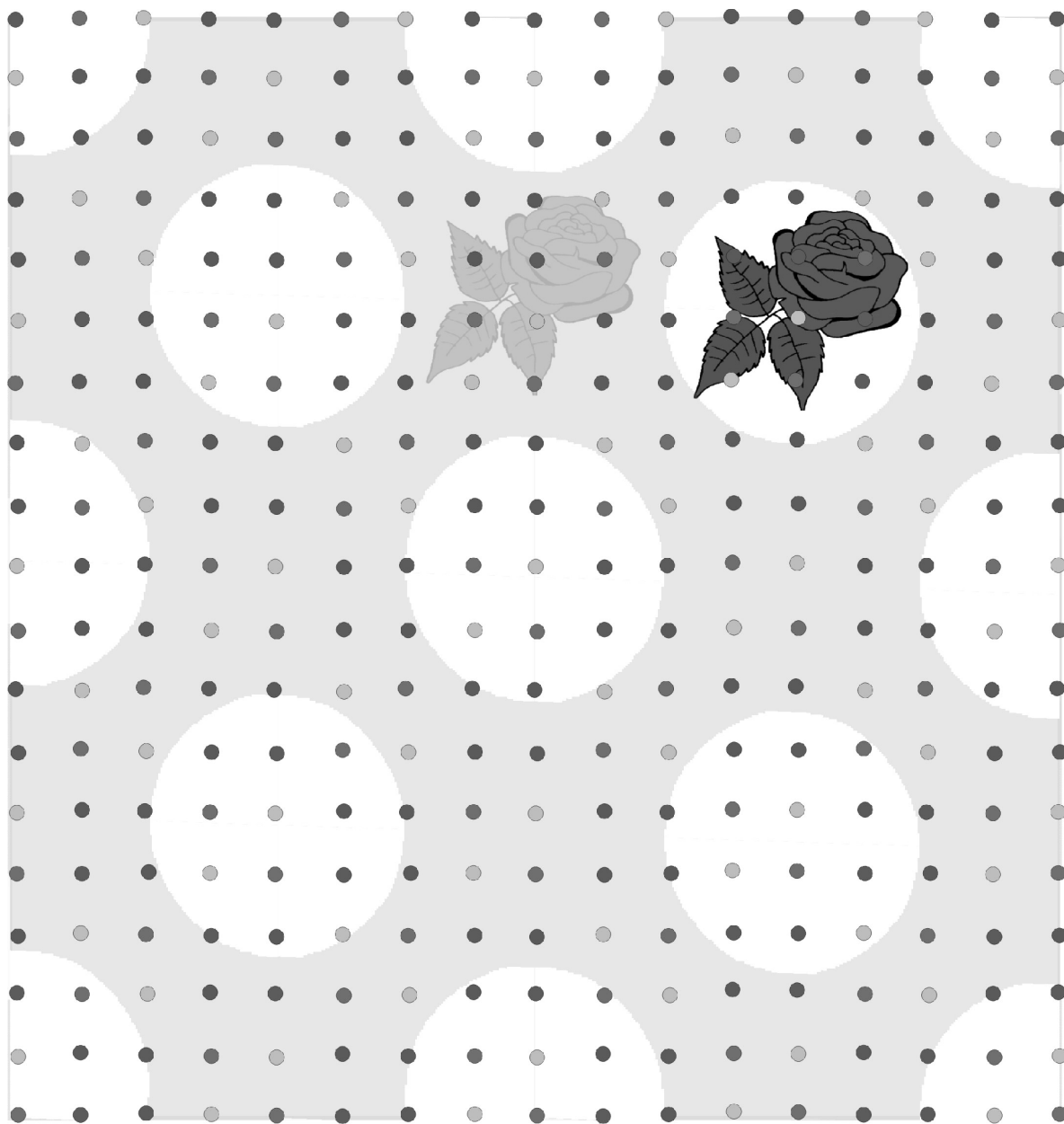




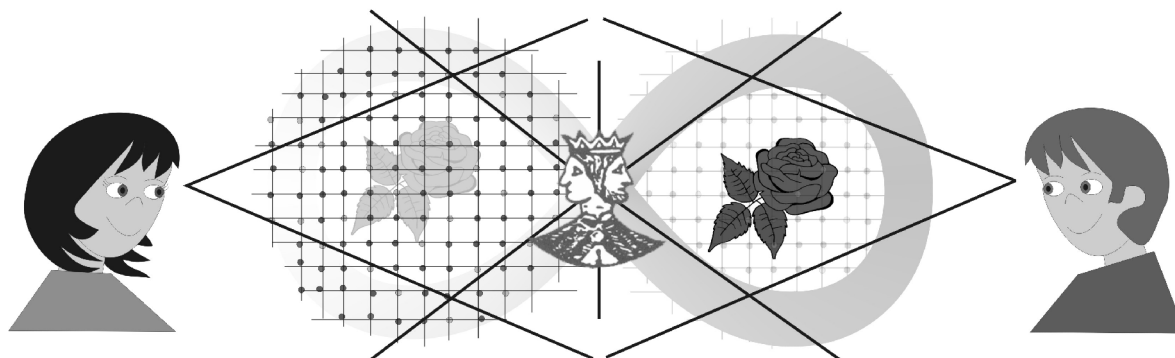


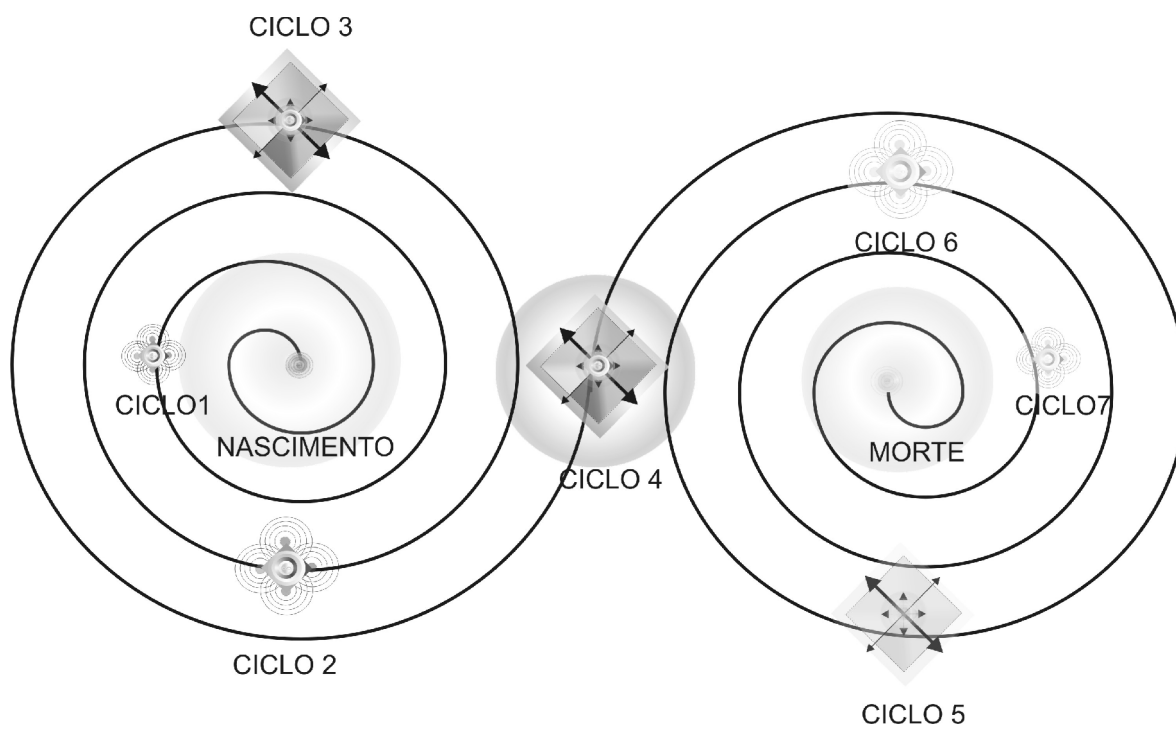


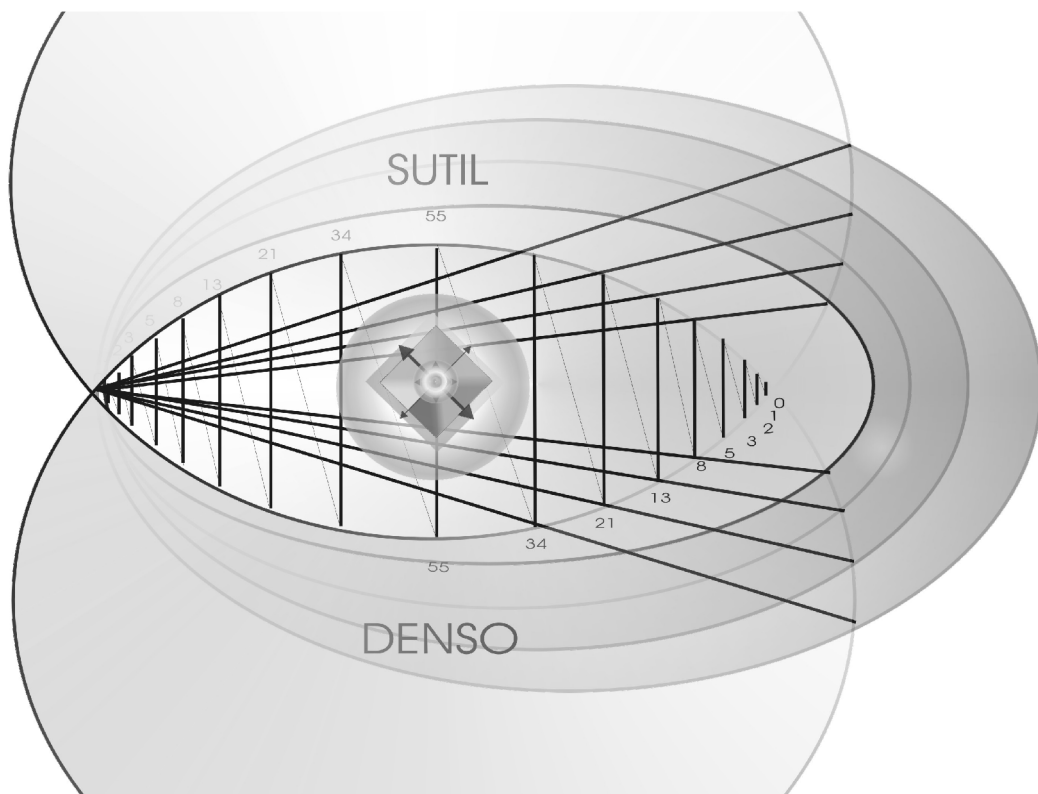




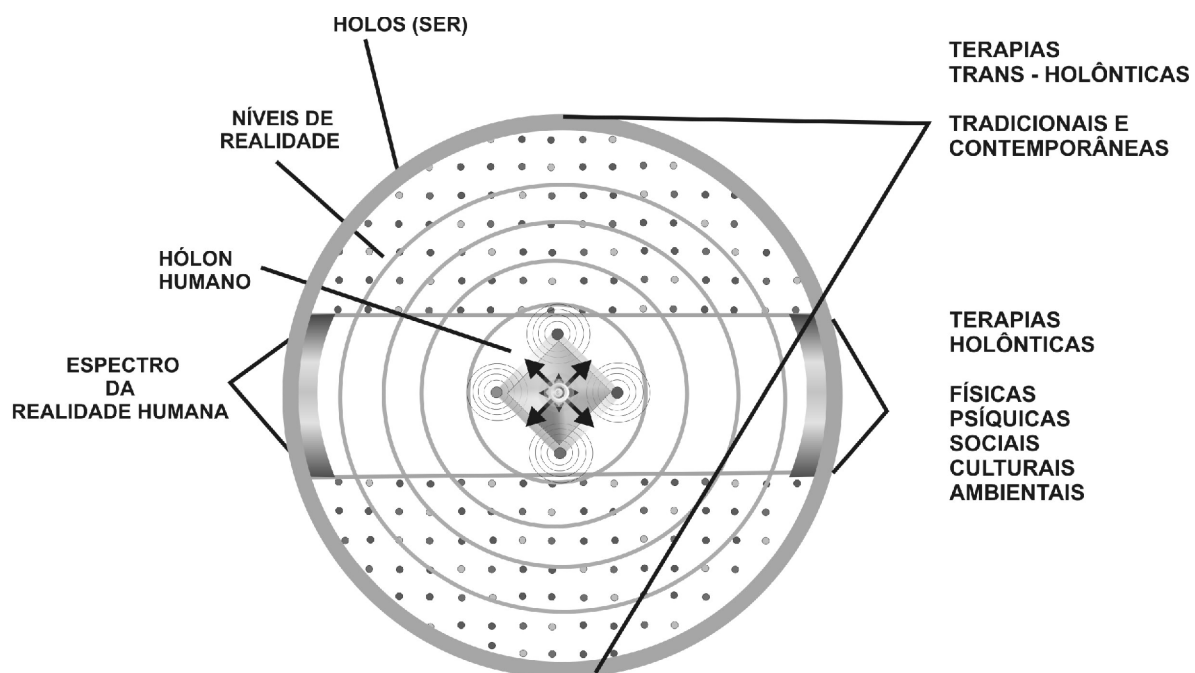
## A PERCEÇÃO DE HOMENS E MULHERES

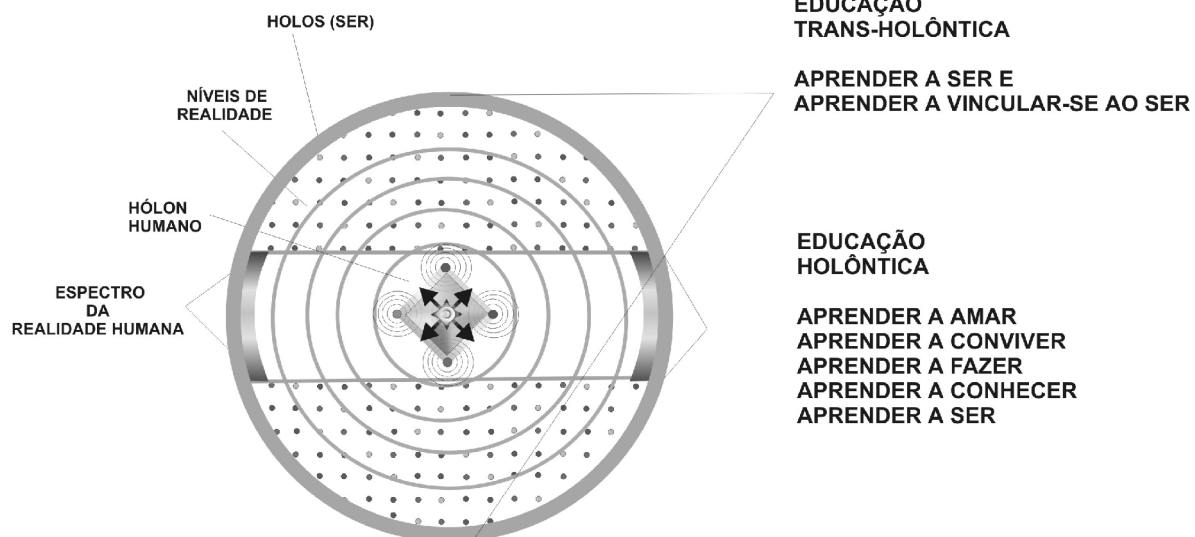






C  
O  
N  
S  
C  
I  
Ê  
N  
C  
I  
A

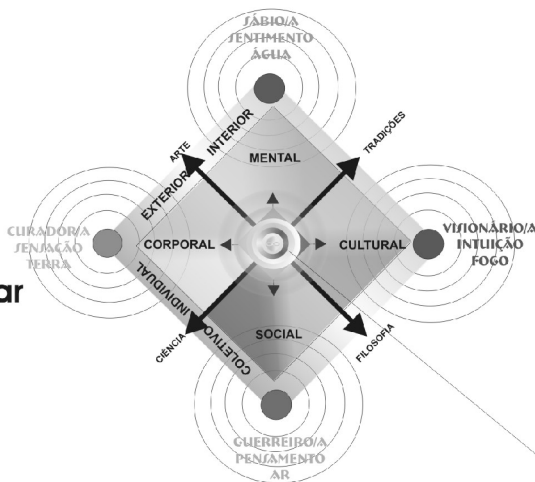






Valor humano:  
**não-violência**  
 Ação educativa:  
**aprender a conviver**

Valor humano:  
**amor**  
 Ação educativa:  
**aprender a amar**



Valor humano:  
**verdade**  
 Ação educativa:  
**aprender a conhecer**

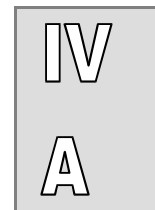
Valor humano:  
**ação correta**  
 Ação educativa:  
**aprender a fazer**

Valor humano:  
**paz**  
 Ação educativa:  
**aprender a ser**

# A busca da Inteiraza do Ser

## IV

# Desenvolvimento da Consciência Humana



## Consciência e desenvolvimento humano

A partir dos estudos realizados para esta tese e, principalmente, ao refletir sobre as possíveis ações de saúde e educação com base nas formulações imagéticas, surgiu no horizonte perceptivo um lento desabrochar sobre o desenvolvimento da consciência humana. Na busca de ações de saúde e educação para promover a inteireza do Ser em todos os ciclos da existência humana, iniciou-se um desvelamento do processo de expansão da consciência humana, baseado na literatura e numa metodologia de observação que, creio, muito diferente das usualmente utilizadas. Este conhecimento, associado às formulações imagéticas, será muito útil na determinação de ações de saúde e educação para a inteireza do Ser.

As informações que dispomos nos levam a pensar que as interações entre constitutivos (denso, sutil e movimento) geram pulsos que originam ondas quânticas, as quais formam padrões de interferência entre si. Estes padrões, à semelhança do holograma, podem ser significados em ordens de diferentes complexidades, produzindo consciência. A consciência, neste sentido, promove e é resultado do movimento da onda quântica entre estes constitutivos da totalidade, integrando em si mesma, portanto, a interação permanente de campos, elementos e funções.

Os pulsos, entre os constitutivos, manifestam-se em todas as dimensões do Ser e, quando focalizados a partir de uma determinada dimensão, orientam a tomada de consciência da mesma, criando uma determinada realidade. As realidades, como integrantes do Real, são constituídas, portanto, pela focalização consciente

em determinados espectros das ondas em seu movimento entre o denso (elementos) e o sutil (campos).

Numa forma sintética, Goswami<sup>128</sup> esclarece, através da física, este conceito de consciência:

“... mas – insisti teimosamente – suponhamos que definimos consciência como o agente que afeta objetos quânticos para lhes tornar o comportamento apreensível pelos sentidos... Inicialmente, expliquei que os objetos quânticos eram ondas que surgiam e se espalhavam por mais de um lugar e que a consciência poderia ser a agência que focaliza as ondas, de tal modo que podemos observá-las em um único lugar”.

A esta capacidade de manter a consciência focalizada numa determinada realidade é chamada, por Castaneda<sup>129</sup>, de *ponto de aglutinação da consciência*.

Para seu mestre, Don Juan:

“Somos seres luminosos. Somos os percebedores. Somos uma consciência; não somos objetos; não temos solidez. Somos ilimitáveis. O mundo dos objetos e solidez é um modo de tornar cômoda nossa passagem pela Terra. É apenas uma descrição que foi criada para nos ajudar. Um guerreiro fluido não pode mais tornar o mundo cronológico. E, quanto a ele, o mundo e ele não são mais objetos. Ele é um ser luminoso existindo num mundo luminoso”.

A consciência, significando realidades, permite a experimentação de novas significações mais complexas, num processo de transcendência de si mesma. Neste sentido, a consciência humana, como parte da consciência do Ser é, também ela, uma co-criadora de realidades. O ser humano é, ao mesmo tempo, criador e criatura, um ser inteiro e parte de um todo maior, ligados pelo sagrado. Na visão de Nicolescu<sup>130</sup>:

“Os diferentes níveis de compreensão resultam da integração harmoniosa do conhecimento de diferentes níveis de realidade e do conhecimento de diferentes níveis de percepção. A realidade sendo múltipla e complexa, os níveis de compreensão são múltiplos e complexos. No entanto, a realidade sendo também uma unidade aberta, os diferentes níveis de compreensão estão ligados entre si num único e todo aberto, que inclui tanto o sujeito transdisciplinar como o objeto transdisciplinar. Esse Todo se abre para a zona de não-resistência do sagrado, que é comum ao sujeito e ao objeto.

128 Goswami, A. 1998. op.cit. p.23 e 25.

129 Castaneda, C.1974. op.cit.

130 Nicolescu, B. 1999. op.cit. p.73

O sagrado adquire uma condição de realidade do mesmo modo que os níveis de realidade, sem, no entanto, constituir um novo nível de realidade, porque ele escapa a todo o saber. Entre o saber e a compreensão, há o ser.”

Enquanto significa a realidade humana, a consciência percebe o mundo com um espaço e tempo definido. Ao perceber uma temporalidade, tanto em nível individual como em nível coletivo, cria-se uma história que permite manter as relações entre os membros que compartilham a mesma realidade. Com essa noção de consciência em mente, é possível, inclusive, aceitarmos a possibilidade de viajar para diferentes realidades - tempo/espaço distintos - deslocando-se em diferentes níveis de consciência. Para Toben e Wolf <sup>131</sup>:

“Não há começo, não há fim, só há mudança. Cada realidade está constantemente formando e afetando todas as outras realidades além do tempo... e... se nossos pensamentos são transportados por ondas quânticas, não há razão lógica que as impeça de viajar para fora ou para dentro, procurando, no buraco negro mais próximo, pontos de saída para mundos paralelos – que podem ser o nosso próprio mundo, no passado ou no futuro. Se nossos pensamentos fossem transportados por ondas quânticas, eles poderiam mover-se até as margens do universo e voltar mais depressa que a luz.”

Durante sua existência enquanto realidade humana, a consciência, ao deslocar-se, parece espiralar-se em ciclos evolutivos holoárquicos distintos. A cada ciclo amplifica-se a intersemiose da consciência, tornando mais clara sua condição humana. Já observamos a possibilidade da consciência humana deslocar-se para outras realidades, aprendendo a significá-las. Podemos imaginar este deslocamento como sendo uma escada de alguns degraus, onde cada degrau representa uma escala de desenvolvimento da consciência e uma bolha de luz (consciência) circulando lentamente entre estes degraus. A consciência se deslocaria, num determinado nível, com cinquenta por cento neste nível, vinte e cinco por cento no anterior e vinte e cinco por cento já no próximo<sup>132</sup>. Ou seja, apesar da consciência estar focalizada num nível, está, ao mesmo tempo, percebendo níveis próximos de maior e menor complexidade.

<sup>131</sup> Toben, B. e Wolf, F. 1982, op.cit. p. 24 e 59

<sup>132</sup> Wilber, K. 1997. op.cit., .

A passagem de um ciclo para outro gera crises, as quais são necessárias para a mudança de atitude. Guardini<sup>133</sup>, num excelente estudo sobre fases da vida, nos lembra que:

“... existem crises entre idades da vida. Idades que, elas mesmas, representam formas básicas da existência humana; são atitudes características assumidas pelas pessoas desde o nascimento até a morte. Constituem formas de percepção, de compreensão e de comportamentos em face do mundo. Sua força é tal que o homem, no curso da vida, não passa simplesmente de uma para a outra: cada passagem significa uma ruptura, que pode ser difícil e até trazer perigo. Pode requerer um tempo maior ou menor; realizar-se com violência ou com uma relativa harmonia; alcançar êxito ou fracassar – fracasso no sentido de a fase já vivida persistir, tornando mais curta a fase seguinte, ou ocorrendo à repressão de cada uma das fases em curso em favor da próxima”.

Este impulso de *des-envolver-se*, *des-enrolar-se* em direção a manifestação na realidade humana parece ser realizado numa dinâmica espaço-temporal muito semelhante à série matemática observada por Fibonacci aplicada ao desenvolvimento dos campos arquetípicos.

Fibonacci, ou Filius Bonacci, ou ainda Leonardo de Pisa, foi um matemático do século XIII, que, em 1200, após ter participado das Cruzadas, aprendeu, desenvolveu e publicou uma série que ficou conhecida como Série de Fibonacci, a qual é composta por uma seqüência de números resultados da adição da soma dos dois números anteriores da série, ou seja,  $a+b=c$ . Ao observarmos esta seqüência durante uma freqüência de mais de doze adições, percebemos que ela se estabiliza numa proporção de 0,618, conhecido como *phi*. Esta proporção aplicada ao quadrado áureo forma um retângulo áureo, da geometria sagrada, que, se observado numa determinada sucessão irá formar um espiral logarítmica. Esta série pode ser assim representada:  $(1+1=2)$ ,  $(2+1=3)$ ,  $(3+2=5)$ ,  $(5+3=8)$ ,  $(8+5=13)$ ,  $(13+8=21)$ ,  $(21+13= 34)$ ,  $(34+21= 55)$ ,  $(55+34= 89)$ ,  $(89+55=144)$ ... Muitas formas da natureza são construídas de acordo com a seqüência numérica Fibonacci e da espiral resultante. Um exemplo observável é a forma espiral dos caracóis; porém, também nas proporções do corpo humano está oculta a espiral

133 Guardini, R. A. aceitação de si mesmo. São Paulo: Palas Athena. 1987. pg. 54.

de Fibonacci. Esta série é muito utilizada na botânica e reconhecida como um princípio inerente à estrutura dos seres vivos<sup>134</sup>.

À semelhança da influência do clima na formação de vórtices (furacões, etc), os campos arquetípicos exercem uma força ordenadora cujos efeitos influenciam a formação de padrões de interferência hologramáticos relativamente estáveis, permitindo a manifestação de hólons distintos (tal como os vórtices), porém, similares tal como os fractais (auto-similaridade em muitas escalas diferentes<sup>135</sup>) em seus diferentes níveis de complexidade, sendo um deles, o hólón humano.

---

<sup>134</sup> Doczi, G. O poder dos limites: harmonias e proporções na Natureza, Arte e Arquitetura. São Paulo: Mercuryo, 1990.

<sup>135</sup> Briggs, J. e Peat, FD. A sabedoria do caos. Rio de Janeiro:Campus. 2000. p.98

## SÉRIE DE FIBONACCI

1	0	
2	1	0,0000000000000000
3	1	1,0000000000000000
4	2	0,5000000000000000
5	3	0,6666666666666670
6	5	0,6000000000000000
7	8	0,6250000000000000
8	13	0,6153846153846150
9	21	0,6190476190476190
10	34	0,6176470588235290
11	55	0,6181818181818180
12	89	0,6179775280898880
13	144	0,6180555555555560
14	233	0,6180257510729610
15	377	0,6180371352785150
16	610	0,6180327868852460
17	987	0,6180344478216820
18	1597	0,6180338134001250
19	2584	0,6180340557275540
20	4181	0,6180339631667070
21	6765	0,6180339985218030
22	10946	0,6180339850173580
23	17711	0,6180339901755970
24	28657	0,6180339882053250
25	46368	0,6180339889579020
26	75025	0,6180339886704430
27	121393	0,6180339887802430
28	196418	0,6180339887383030
29	317811	0,6180339887543230
30	514229	0,6180339887482040
31	832040	0,6180339887505410
32	1346269	0,6180339887496480
33	2178309	0,6180339887499890
34	3524578	0,6180339887498590
35	5702887	0,6180339887499090
36	9227465	0,6180339887498900
37	14930352	0,6180339887498970
38	24157817	0,6180339887498940
39	39088169	0,6180339887498950
40	63245986	0,6180339887498950

Fig. 5  
Série de Fibonacci



Ao estabilizarem padrões de interferência (holograma) os hólons seriam passíveis de se tornarem *estruturas dissipativas*<sup>136</sup>, ou seja, estruturas distintas em relação ao seu meio-ambiente, mantendo-se durante algum tempo como autônomas (individualização) e realizando uma convivência significativa com outras estruturas semelhantes (comunhão); na medida em que o hólón amplia sua consciência, desenvolve a capacidade de transcender-se a si próprio, gerando maior complexidade. Caso os campos arquetípicos não forem bem assimilados neste processo, possibilitam o aparecimento de alguns padrões desarmônicos, gerando desestabilização e uma tendência à autodissolução.

Tenho chamado de campos arquetípicos porque são semelhantes aos campos morfogenéticos de Sheldrake<sup>137</sup> e aos arquétipos de Jung<sup>138</sup>. Seus pulsos parecem influenciar a formação da consciência humana em ciclos cujas proporções entre si lembram a série de Fibonacci, aplicada junto com o modelo de formação do universo de Bentov<sup>139</sup>. Este autor estudou o movimento pendular, buracos negros e brancos, criando um modelo para a formação do universo conhecido:

“Configuramos nosso modelo do universo, que é adicionado por um *big bang* contínuo, com base no exemplo do quasar que emite um jato. Nesse modelo, o jato se desacelera, expande-se e volta-se sobre si mesmo, delineando eventualmente uma forma ovóide, em cujo centro há uma núcleo, que é um objeto do tipo buraco negro/buraco branco. Esse objeto é a fonte e o sorvedouro (isto é, o depósito último) de toda a matéria do universo. Nesse modelo, o “tempo” é concebido como sendo a distância coberta pela matéria expulsa do núcleo pelo lado do buraco branco, e que percorre o envoltório do toro até entrar no buraco negro. Nosso “universo observável” é uma bolha minúscula dentro do toro do universo. A expansão geral da consciência está vinculada à expansão que ocorre no toro do universo”.<sup>140</sup>

<sup>136</sup> Prigogine, I. *El nacimiento del tiempo*. Buenos Ayres: Tusquets. 1991

<sup>137</sup> Sheldrake, R. 1993. op.cit.

<sup>138</sup> Jung, C. 1983. op.cit.

<sup>139</sup> Bentov, I. São Paulo: Cultrix/Pensamento. 1990. p.188.

<sup>140</sup> Bentov, I. op.cit. 1990. p.188.



Fig. 6  
Modelo de Universo de Itzhak Bentov

Os campos arquetípicos parecem influenciar a consciência do indivíduo, impulsionando-o ao exterior, até em torno dos cinquenta e cinco anos de existência, estabilizando-se e, a partir daí, gerando um pulso em direção ao profundo do Ser. Estão presentes desde a fecundação, porém, passam a manifestar-se, enquanto funções da consciência, no início da infância.

Estes ciclos humanos indicam mudanças no foco da consciência do hólón humano. Num período que pode ir do zero aos cento e poucos anos, podemos delinear alguns ciclos evolutivos mais ou menos comuns a todos os humanos. Nomes para estes ciclos são conhecidos há séculos, por exemplo: as fases fetal, infantil, puberdade, adolescência, juventude, adultez, maturidade e velhice. Estes ciclos, de certa maneira, repetem a evolução filogenética da consciência da humanidade:

“No curso do seu desenvolvimento ontogenético, a consciência individual do ego tem de passar pelos mesmos estágios arquetípicos que determinaram a evolução da consciência na vida da humanidade”<sup>141</sup>

Quando observamos o desenvolvimento da consciência do hólón humano, podemos perceber uma seqüência de *trans-forma-ções* em seus distintos quadrantes ao longo de um espaço/tempo. As primeiras transformações são objetos de estudos da educação, da filosofia e da psicologia há muitos anos, já as

<sup>141</sup> Neumann, E. História da origem da consciência. São Paulo: Cultrix. 1995. p.13.

transformações finais passaram a ser mais estudadas atualmente, em virtude de ser a faixa de população que mais cresce no mundo. Para estes ciclos existem diferentes abordagens sobre a duração e o que acontece com os indivíduos nesta etapa da vida.

Através de uma síntese particular dos ciclos evolutivos do hólion humano, procurei formular estas transformações permitindo, com isso, orientar ações de saúde e de educação adequadas ao desenvolvimento da inteireza do Ser, utilizando-me do mapa da inteireza em diferentes escalas. O mapa foi utilizado como referência para formular imageticamente estes ciclos, lembrando aqui, mais uma vez, que cada ciclo não é fixo, integrando os anteriores, desenvolvendo-se e transcendendo-se.

Como vimos, o mapa permite a observação de doze campos arquetípicos, os quais procurei identificar em como e quando apareciam no hólion humano. Percebi que, num primeiro momento, havia um movimento do interior para o exterior do indivíduo, iluminando cada um dos quatro quadrantes até estabilizá-los. Num segundo momento, passavam a ser desenvolvidos, em grupos de quatro, completando as doze nuances arquetípicas até chegar a uma nova estabilização e, a partir daí, o pulso retorna para o interior do indivíduo num processo semelhante ao anterior.

Neste processo, a consciência vai iluminando os quatro quadrantes passando por sete ciclos ao total. Aos poucos, ela vai diferenciando-se, seguindo a espiral evolutiva: num primeiro momento, se identifica com os campos arquetípicos daquele ciclo; depois, se diferencia, complexifica-se, integra os ciclos anteriores e inicia outro ciclo.

Além de Fibonacci e de Bentov, para esta síntese, utilizei também a visão de Wilber<sup>142</sup> sobre os quadrantes e as holoarquias; a de Castaneda<sup>143</sup> – ponto de

---

142 Wilber, K. 1997. op.cit.

143 Castaneda, C. 1974. op.cit.

aglutinação; os estudos de Grof<sup>144</sup> sobre a fase perinatal; os estudos de Lievegoed<sup>145</sup> e de Guardini<sup>146</sup> sobre as fases da vida; de Neumann<sup>147</sup>, sobre a história da consciência; de Arrien<sup>148</sup> e de Moore e Gillette<sup>149</sup>, sobre os arquétipos humanos, associados a minha própria experiência como terapeuta.

Seguindo a série de Fibonacci, parece que o desenvolvimento da consciência segue uma seqüência semelhante a esta: em torno de um ano, a função intuição torna-se mais presente; em torno dos dois anos, a função sensorial salienta-se; em torno de três anos, a função emocional e, pelos cinco anos, a função pensamento marca sua forte presença. Em torno dos oito anos, parece existir uma primeira estabilização destas quatro forças. Pelos treze anos, com o aparecimento dos hormônios sexuais, os pulsos parecem dirigir-se à descoberta do mundo exterior; aos vinte e um, parecem dirigir-se ao estabelecimento de um mundo individual e, aos trinta e quatro, o indivíduo toma consciência de um mundo coletivo. Chegando aos cinqüenta e cinco anos, existe como que um salto quântico, um período de relativa estabilidade, cuja duração varia de cinco a trinta e quatro anos, dependendo da inteireza que o indivíduo experienciou os ciclos anteriores. Os próximos ciclos – ancianidade e senectude – parecem ser uma repetição dos pulsos anteriores, com o diferencial que estes se dirigem para o interior, o profundo do indivíduo. Sua duração depende da inteireza em que foram vivenciadas as etapas anteriores e parece seguir a série de Fibonacci em ordem inversa.

---

144 Grof, S. A aventura da autodescoberta: São Paulo:Summus, 1997.

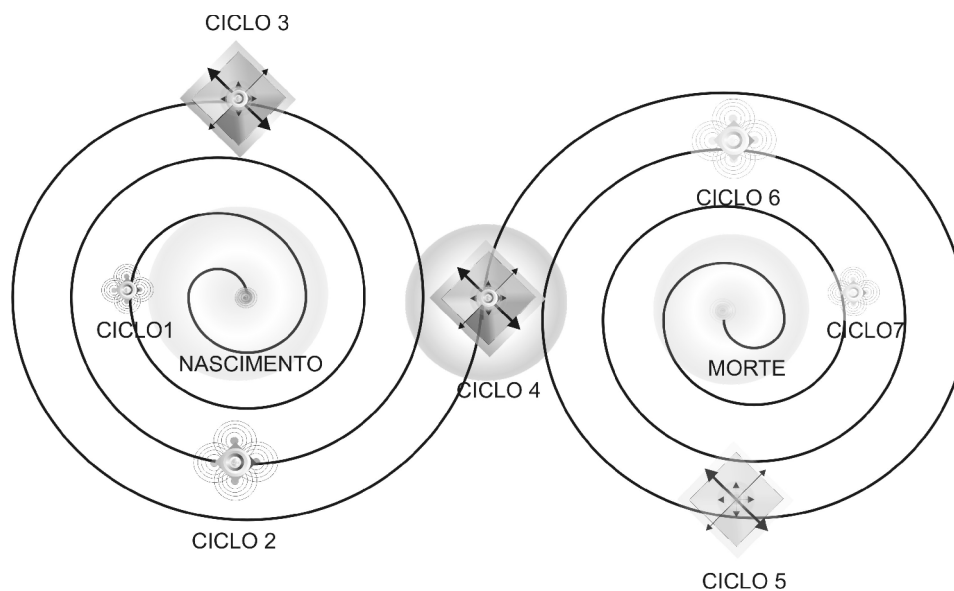
145 Lievegoed, B. Fases da Vida. São Paulo: Antroposófica. 1991.

146 Guardini, R. 1987. op.cit..

147 Neumann, E. 1999. op.cit.

148 Arrien, A. 1997. op.cit.

149 Moore, R. e Gillette, D. 1993. op.cit.



Formulação Imagética 13  
Ciclos de desenvolvimento humano

Percebi que, dependendo da experiência mais ou menos inteira dos ciclos até os cinquenta e cinco anos, forma-se como que um “ângulo de inteireza” que orientará a expansão da consciência nas fases seguintes – quanto mais inteiros os ciclos experienciados, maior o “ângulo da inteireza”. Através de métodos de educação e saúde creio, que seja possível resgatar a inteireza de cada ciclo, permitindo, ao indivíduo, viver de forma plena os ciclos subseqüentes. Para isso, é necessário conhecermos um pouco mais sobre cada ciclo e, neste sentido, percebi que podemos agrupá-los em sete grandes ciclos, a saber:

O primeiro ciclo (C1) ocorre da fecundação aos primeiros meses após o nascimento. É um aspecto indiferenciado, *urobórico*, da consciência humana. Entre o feto e a totalidade, não existem diferenças, ele está fundido com ela. A consciência está imersa na totalidade, sendo despertada por estímulos provenientes tanto da realidade humana, através da mãe e de seu próprio corpo em transformação, quanto por impulsos provenientes de outros campos, de maior ou menor complexidade que o seu. Somente na hora do nascimento é que passa a ser iniciado na consciência da sua individualidade. Grof<sup>150</sup> observou um conjunto

<sup>150</sup> Grof, 1997. op.cit.

de quatro etapas durante a gestação, as quais chamou de matrizes perinatais. Elas são perceptíveis e identificáveis na medida em que acompanham as etapas clínicas do parto.

No segundo ciclo (C2), uma consciência, ainda muito incipiente, vai desenvolvendo-se, construído-se, principalmente, a partir da influência familiar, desvelando a realidade humana. Após a fase perinatal e até em torno dos dois anos, encontramos um estágio aonde a consciência humana tem uma visão de mundo *arcaica*, muito antiga, mais próxima da origem dos tempos. O desenvolvimento da consciência é semelhante ao arquétipo da Criança Divina, citada por Moore e Gillette<sup>151</sup>. Vinculado ao quadrante do elemento fogo, impulso intuitivo, é uma consciência iluminada, mágica, encantada, criativa, inocente e muito vulnerável. A partir daí, passa a ser semelhante ao arquétipo da Criança Edipiana<sup>152</sup>. Vinculado ao quadrante que envolve o elemento terra, impulso sensorial, entre dois a três anos, começa a testar a sua relação com os outros. É um tempo onde o indivíduo vivencia uma criança emotiva, afetuosa, admiradora e sensível ao mundo em redor. Ingressando no ciclo seguinte, a criança começa a perceber o mundo de um jeito *mágico*, semelhante ao arquétipo da Criança Precoce<sup>153</sup>. Vinculado ao quadrante do elemento água, impulso em direção aos sentimentos, em torno dos três a cinco anos, passa a conhecer e avaliar o mundo. É uma criança curiosa, exploradora e graciosa. A partir daí, passa a desenvolver seu aspecto de Herói ou Heroína<sup>154</sup>. Quadrante do elemento ar, impulso racional, em torno dos cinco a oito anos, passa a perceber qualidades como poder, força, e aprende a ser destemida, firme, corajosa e racional.

Estes ciclos, dos zero aos oito anos, correspondem ao período que foi chamado por Eric Berne<sup>155</sup>, criador da Análise Transacional, como de desenvolvimento do “Script de Vida”: *“um programa desenvolvido na infância, sob influência parental,*

---

<sup>151</sup> Moore e Gillette, 1994. op.cit.p.

<sup>152</sup> Ibid. p.

<sup>153</sup> Ibid. p.

<sup>154</sup> Ibid. p.

<sup>155</sup> Berne, E. O que você diz depois de dizer olá. São Paulo: Summus, 198.

*que decide os momentos mais importantes da vida de um indivíduo*”. É um esboço de visão de mundo que o indivíduo poderá utilizar para guiar-se dali para diante.

No ciclo três (C3), aproximadamente dos oito aos treze anos, a consciência começa a estabilizar um mundo humano à sua volta, amadurecendo suas funções da consciência (intuição, sentimentos, sensações e pensamentos), traçando um primeiro esboço da realidade humana.

No próximo ciclo (C4), parece que a consciência é impulsionada a percorrer por três vezes, os quatro cantos do mapa, gerando nuances semelhantes aos doze arquétipos adultos, em impulsos cuja direção parece ser voltada ao exterior do indivíduo. Estes três percursos são conhecidos como adolescência, juventude e adultez. Nesta fase, o indivíduo participa da construção da realidade humana.

No primeiro percurso, dos treze anos aos vinte um anos, quatro impulsos se apresentam nesta etapa: a busca do novo, a força, o entusiasmo, o trânsito entre fronteiras e o de buscar significados para a vida. O indivíduo busca sair de seus limites, quer aprender novos caminhos, arrisca-se a atravessar fronteiras exteriores (físicas e morais), busca o prazer sensorial e aprende a canalizar energias e significados. Testa novas formas de relacionamento com os amigos e amigas da escola; arrisca-se para o novo e o diferente; constrói uma noção de eu; apaixona-se com facilidade, ficando a mercê de seus sentimentos e emoções; busca conhecer melhor seu corpo; desenvolve atividades físicas; desperta para sua sexualidade; desenvolve suas habilidades sociais, passa a definir suas fronteiras e um sistema de crenças. Num nível reflexivo, questiona os papéis que lhe são oferecidos: “o que eu faço aqui? Qual a minha função neste mundo?” Passa boa parte do tempo sonhando realizar atividades que visam buscar novas realidades. Ao final deste percurso, já tem maior clareza de qual é sua modalidade humana (homem/mulher). Neste estágio são iniciados e vivenciados o que podemos configurar como os arquétipos do/a **Pioneiro/a**; do/a **Aprendiz**; do/a **Amante** e do/a **Mensageiro/a**. Suas características arquetípicas mais presentes, são as seguintes:

**Pioneiro/pioneira** (intuição/sensação):

Padrão da busca do novo  
 Percebe o obsoleto  
 Ânsia pelo inteiro  
 Impulso rumo à inteireza  
 Deseja transcender  
 Aspira algo novo  
 Aventura-se  
 Desapega-se  
 Aceita morrer  
 Quer renascer

**Aprendiz** (sentimento/sensação):

Padrão da busca de canalização do conhecimento  
 Aprende sobre o profano e o sagrado  
 Interessa-se pelas tradições ancestrais e rituais  
 Percebe o que não é óbvio, buscando a luz  
 Orienta-se para processos de transformação  
 Aprendiz da tecnologia

**Amante** (sensação/sentimento):

Padrão da força, do entusiasmo, da paixão  
 Busca a experiência sensual  
 Quer tocar e ser tocado  
 Insufla energia vital no mundo profano  
 Busca satisfação de necessidades básicas  
 Busca a ligação com a totalidade  
 Sente empatia com o mundo  
 Sensível às mudanças de humor

**Messageiro/messageira** (pensamento/sentimento):

Padrão do trânsito entre fronteiras  
 Experimenta caminhos diferentes  
 Dança diferentes ritmos  
 Lida com o sentir-se forasteiro/a  
 Aprende a buscar verdades  
 Percebe e comunica diferenças  
 Afasta-se de cativeiros (*status quo*, papéis, etc.)  
 Significa o que é



O próximo percurso desta fase, entre os vinte e um e os trinta e quatro anos, é tempo do indivíduo instaurar e implantar a sua visão de mundo. Mostra coragem ao escolher e seguir um caminho, arriscando-se no processo de transformação que a caminhada exige. Ele testa suas possibilidades de existência, aprendendo a reconhecer limites e a possibilidade da morte. O ser humano, nesta etapa da jornada, começa a instaurar um mundo concreto, material. Muitas vezes, este processo é acompanhado pelo desenvolvimento profissional na busca de um lugar no mercado de trabalho. Começa a comprometer-se cada vez mais com sua auto-sustentabilidade econômico-financeira e a exercer papéis bem definidos. É comum nesta fase, a formação de acasalamentos e a busca de procriação. Experimenta manter um relacionamento estável. Ao final dessa fase, tem condições de se colocar no lugar do outro. Quatro nuances arquetípicas se apresentam nesta etapa: a busca de estabilizar uma determinada visão de mundo, a busca da inteireza e da impecabilidade naquilo que é e faz e um impulso de transformar-se, configurando os arquétipos do **Rei/Rainha**; **Iniciado/a**; **Curador/a** e **Guerreiro/a**. As características arquetípicas mais luminosas desta fase, sinteticamente, são as seguintes:

**Rei/rainha** (intuição/pensamento):

- Padrão de instauração do mundo
- Canaliza sua visualização
- Orienta o propósito
- Estabiliza o mundo – torna-o real
- Instaura o mundo
- Implanta sua visão
- Codifica e orienta
- Distribui, acolhe e celebra

**Iniciado/iniciada** (sentimento/intuição):

- Padrão de transformação
- Reconhece limites e sua mortalidade
- Procura o mistério e a mudança
- Renúncia ao antigo, se abre ao novo
- Transforma sua jornada
- Busca controlar a psique
- Busca o conhecimento último de tudo
- Fixa novas experiências
- Contém e canaliza energias em diferentes realidades

**Curador/curadora** (sentimento/intuição):

Padrão de vínculo com a totalidade  
 Reconhece o poder do amor  
 Atenção ao coração e ao que tem significado  
 Conscientiza-se de que é parte de uma comunidade  
 Sente a dor – a sua e do outros  
 Aprende a cuidar de si e do outro  
 Cura praticando a sinfonância

**Guerreiro/guerreira** (pensamento/sensação):

Padrão da impecabilidade  
 Decide e determina-se a seguir um caminho  
 Compromete-se com algo maior que si mesmo/a  
 Torna-se discípulo/a de si mesmo/a  
 Aprende a usar corretamente o poder  
 Sabe ser agressivo/a, estratégico/a e tático/a  
 Honra e respeita o outro  
 Responsabiliza-se por suas ações  
 Torna-se emocionalmente distante  
 Comunica-se claramente  
 Treina suas habilidades constantemente  
 Tem consciência da morte

Em torno dos trinta e quatro aos cinqüenta e cinco anos, realiza o último percurso deste ciclo, sem descartar nenhum dos ciclos anteriores, desenvolvendo seu carisma na coordenação do mundo exterior, buscando um ordenamento estético da vida e das relações. Tem contato com aquilo que tem significado, percebendo realidades diferentes da sua. Talvez tenha experimentado diversas relações profissionais. Questiona os objetivos e propósitos dados e estimulados pela sociedade da qual faz parte. Tece e dá forma a sua existência, adquirindo bens e assumindo a responsabilidade por sua própria vida. É entusiasmado e aplica sua energia vital em atingir seus propósitos. Muito sensível à realidade exterior, tece ligações entre as muitas possibilidades de existir. Às vezes, já experienciou a dor e o prazer de um relacionamento estável, talvez até de uma separação; pode ter filhos adolescentes. Pode ter experimentado alguma desilusão com a profissão e com os propósitos materiais da sociedade. Agora tem condições de ouvir o

chamado da alma<sup>156</sup>. Passa a buscar um significado maior em estar vivo. Quatro nuances arquetípicas se apresentam nesta etapa: a busca de significado, a vontade de criar novas formas, o uso do poder da autoridade e a percepção do profundo, configurando os últimos quatro arquétipos desta ciclo: **visionário/a**; **artesão/ã**; **líder** e **sábio/a**, cujas características, sinteticamente, são as seguintes:

**Visionário/visionária** (intuição/sentimento):

Padrão de significação  
 Busca a ajuda em seu interior  
 Ouve o chamado da alma  
 Busca aquilo que tem significado  
 Vidente – vê o profundo, o secreto, o profundo  
 Intui o oculto  
 Percebe outras realidades  
 Vincula-se ao sagrado  
 Gera entusiasmo  
 Aceita o novo

**Sábio/sábica** (sentimento/pensamento):

Padrão de significação do profundo  
 Conhece o visível e o invisível  
 Sabe o que os outros não sabem  
 Percebe a verdade  
 É paciente e flexível  
 Exercita a abertura  
 Confia no inesperado  
 Regula as funções da psique  
 Pratica o desapego  
 Sabe harmonizar suas energias feminina e masculina  
 Visa a plenitude do ser

**Artesão/artesã** (sensação/pensamento):

Padrão da consciência estética,  
 Sensível ao mundo manifesto, externo  
 Reconhece formas que expressam beleza  
 Ordena experiências sensoriais  
 Interpreta o mundo à sua volta  
 Significa realidades  
 Tece significados

<sup>156</sup> Hilmann, J. O código do Ser. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

Mostra diferentes olhares sobre o mundo  
Reproduz o essencial

**Líder** (pensamento/intuição):

Padrão da autoridade, vitalidade e carisma  
Reconhece suas potencialidades  
Sabe aonde quer chegar  
Estabelece limites, posiciona-se  
Sabe quando usar o poder  
Sabe criar e gerar  
Possui abertura, sabendo valorizar diferenças  
Consistente em palavras e ações  
Diz o que quer e faz o que diz  
Honra os contratos  
É eficiente e eficaz nas suas ações

No ciclo cinco (C5), que se inicia em torno dos cinquenta e cinco anos, potencialmente o indivíduo estaria capacitado a perceber-se como um ser inteiro, onde os doze arquétipos humanos estão presentes e em processo de amadurecimento. Este ciclo corresponde ao que tenho chamado de arquétipo do **Ser Harmônico**, semelhante aos arquétipos conhecidos como *pontifex*<sup>157</sup>, *generativo*<sup>158</sup> e do *conhecimento*<sup>159</sup> onde o indivíduo pode experienciar-se como um campo de interação e harmonia. Com os doze campos arquetípicos em condições de serem experimentados de forma integrada, testados em diferentes experiências de vida, maturados, o indivíduo pode aprender a dançar entre eles. Pode descobrir que estes padrões dirigem-se a um centro (core) e que este centro é a própria totalidade, podendo saber-se como expressão desta. Pode iniciar um processo de buscar a harmonia consigo mesmo, com os outros, com o planeta e com o universo.

**Harmônico** (pensamento/intuição/sentimento/sensação):

Padrão de integração  
Pode ser capaz de mergulhar em suas profundezas e ser sensível  
Pode ser provedor, procriador, protetor  
Sabe ser saudável, firme e vigoroso

<sup>157</sup> Crema, R. Saúde e plenitude: um caminho do para o Ser. São Paulo: Summus, 1995

<sup>158</sup> Moore, R e Gillette, D. 1994. op.cit.

<sup>159</sup> Castaneda, C. 1974. op.cit

Utiliza o poder de forma honrada e ética  
 Sabe ser eficiente e eficaz  
 Pode apresentar capacidade para mediar conflitos e reconciliar-se  
 Procura ser autêntico e íntegro  
 Torna-se mais centrado, transformador e consciente de si e da totalidade

Ao término deste ciclo, a consciência continua a desenvolver-se, porém, num padrão de crescimento distinto do anterior: a cada momento diminui a proporção de tempo de vida. Se, nos ciclos anteriores, houve um desenvolvimento adequado, o potencial do indivíduo pode ser manifesto. Se, por outro lado, não ocorreu um florescimento adequado, o indivíduo poderá sofrer uma variação profunda no início da próxima etapa. Gardini assim percebe este momento:

“Pois o que dá um verdadeiro sentido à vida não é o extensivo, o *quantum*, mas o intensivo, a força de uma vivência plena de sensibilidade. O resultado é uma crise. Seu desfecho vai depender de duas alternativas possíveis, e de qual prevalecerá. Ou o homem se entrega ao desencanto e às desilusões, à sensação de miséria da vida, tornando-se cético e depreciativo, fazendo mecanicamente apenas o estritamente necessário, porque precisa viver... ou então, em contrário, concede à sua existência aquele assentimento que advém da seriedade e da lealdade, e adquire um novo sentimento de valor da vida... Se prevalecer a segunda alternativa, emergirá a figura vital do homem sereno. Caracteriza-se por enxergar e aceitar as fronteiras, limitações, deficiências e misérias da vida.”<sup>160</sup>

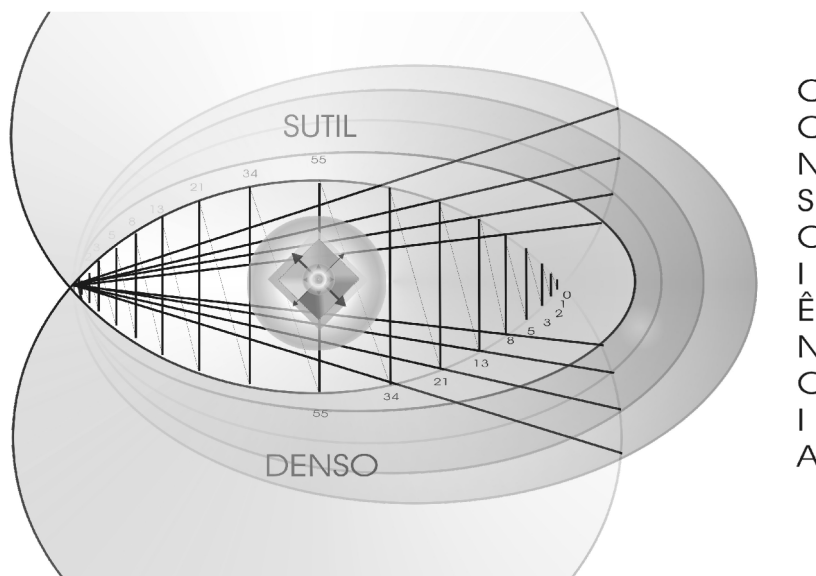
A respeito destas variações, a semelhança de um pêndulo, o hólion humano inicia sua vida com um determinado impulso vital, com força suficiente para chegar a iluminar, exteriormente, todos os seus doze campos arquetípicos de uma forma inteira. Se puder manter e aprimorar este impulso vital, poderá expandir ao máximo sua inteireza. No seu desenvolvimento, pode receber influências humanas (família, escola, sociedade, trabalho, traumas físicos e psíquicos, etc.) e de outras realidades (campos sutis universais). Estas forças podem alterar de sobremaneira sua capacidade de atingir a inteireza em cada fase de seu desenvolvimento. Se estas influências diminuírem seu impulso rumo à plenitude, no momento da reversão do pulso (do exterior para o interior), o indivíduo poderá não aproveitar a força energética acumulada em suas fases anteriores, sofrendo

<sup>160</sup> Gardini, R. 1987. op.cit. p. 62.

uma variação importante na sua condição energética e afetando radicalmente seu desenvolvimento posterior.

Em outras palavras, a cada ciclo de sua manifestação enquanto consciência humana, pode haver situações traumáticas que produzirão fragmentos do hólón em formação, gerando vibrações dissonantes em relação à sua própria inteireza. Estes fragmentos podem ocasionar manifestações em qualquer dos quadrantes do hólón, contudo, sempre afetando-o como um todo. Podem, igualmente, dependendo de seu impacto sobre as fases do hólón em formação, desenvolverem-se como estruturas dissipativas autônomas em relação ao hólón em questão, gerando sistemas automantenedores, vinculados ou interdependentes dele.

Estes sistemas poderão manifestar-se como sombras de campos arquetípicos ou mesmo como sub-personalidades que, em situações propícias, “assombrarão” a consciência do hólón humano, reforçando-se a cada evento em que isto acontecer. Quanto mais inicial for este trauma, mais diferente será o hólón de sua inteireza possível, mais distante de um equilíbrio, de uma harmonia. Quanto maior quantidade de energia para se estabilizar e chegar a sua inteireza, menor a chance de alcançá-la conscientemente.



Formulação Imagética 14  
Ciclos de desenvolvimento humano

Após o ciclo cinco do desenvolvimento humano, parece ocorrer o que percebi como sendo uma reversão da orientação do pulso. Esta percepção parece, também, estar em acordo com a visão de Toben e Wolf<sup>161</sup> sobre a onda quântica:

“Subjacente a tudo no mundo físico, ela (a onda quântica) funciona dessa maneira:... flui entre dois eventos como um rio que, partindo de sua fonte, escoar para um sorvedouro. Então, ela dá “meia-volta” no espaço-tempo e reflui do sorvedouro para a fonte. O reforço que daí se resulta, entre a onda quântica e sua imagem espaço-temporal invertida, produz a experiência a que chamamos de realidade... é a entrada de uma impressão em nossa consciência que altera a função de onda, porque ela modifica nossa avaliação das probabilidades para diferentes impressões que esperamos receber no futuro. É nesse ponto que a consciência, inevitável e inalteravelmente, entra na teoria”.

<sup>161</sup> TOBEN, B. e WOLF, F.A. Espaço-tempo e além. São Paulo. Cultrix. 1982. p.130.

A partir do ciclo cinco, a consciência parece, então, iniciar um processo de desenvolvimento negativo, com uma série de Fibonacci invertida, cuja proporção entre ciclos será semelhante àquela dos ciclos anteriores, contudo, com diferença negativa. Neste sentido, a duração da ciclo cinco parece ser de cinco, oito, treze ou vinte e um anos, indo até sessenta, sessenta e três, sessenta e oito ou setenta e seis anos, dependendo da vivência mais ou menos plena, ou não, das fases anteriores.

No ciclo seis (C6), a semelhança dos três percursos pelos doze arquétipos do ciclo quatro, novamente a consciência parece, também, percorrer três vezes os doze arquétipos. Entretanto, agora, passa a voltar seu desenvolvimento para aspectos interiores, sutis, profundos. Para este ciclo, utilizei o nome de **ancianidade** para reforçar o aspecto da sabedoria baseada na experiência de vida que pode estar presente neste período. Num primeiro percurso, imantam-se os arquétipos do/da Pioneiro/a; Aprendiz; Amante e Mensageiro/a. O indivíduo passa a aprender a comungar consigo mesmo, buscando verdades interiores; as novas fronteiras são psíquicas e espirituais.

Num segundo percurso da ancianidade, desenvolve-se a imantação interior dos arquétipos Rei/Rainha; Curador/a; Guerreiro/a e Iniciado/a, passando a dar atenção ao que tem coração e significado. Inicia um novo entendimento com a morte, talvez buscando reconhecer a existência de vários mundos, de várias realidades, além da humana. O próximo percurso envolve o desenvolvimento dos arquétipos Visionário/a; Artesão/ã; Líder e Sábio/a. É um percurso da ancianidade que re-significa a existência, significando o mundo profundo, sutil e indo em busca da plenitude do Ser.

O ciclo da ancianidade é marcado por um desenvolvimento em direção ao transpessoal. É uma possibilidade de chegar à plenitude da realização humana. Durante o seu percurso, o indivíduo continua tendo potencial de se desenvolver, inclusive a nível físico, quando observados os cuidados corporais necessários



(alimentação, respiração e movimento) e buscando outras fontes energéticas advindas da harmonização e integração de seus outros quadrantes.

No que se refere aos aspectos mentais, a pessoa tem condições de harmonizar suas emoções, desejos e energias contraditórias (masculina e feminina) de uma outra maneira, pois pode olhar os conflitos, as mágoas, os ressentimentos a partir de uma perspectiva diferenciada. Igualmente, lhe é possível desenvolver a consciência da impermanência da vida e da presença próxima da morte, transformando, cada minuto possível nesta existência, em momentos de alegria, paz e serenidade.

Talvez possa expandir sua visão de mundo incluindo outras possibilidades de existência e de vida, tão conhecidas das tradições sapienciais e, agora, também estudadas pela ciência moderna. Através do desenvolvimento de uma espiritualidade sadia, radiante, o indivíduo vai transformando seu conhecimento e suas experiências em sabedoria<sup>162</sup>.

Ken Wilber assinala que são poucas as pessoas que conseguem atingir este estágio, pois, quanto maior a profundidade na consciência da inteireza, menor a amplitude de indivíduos que a realizam.

No ciclo sete (C7), a que denominei de **senectude**, os aspectos racionais, emocionais, sensoriais e intuitivos passam a caducar. Mesmo neste ciclo, o indivíduo pode envelhecer com dignidade, conduzindo a vida através de sua experiência, permanecendo tranqüilo, dedicado ao autoconhecimento, com leveza e aceitando a morte inevitável.

Abaixo, apresento uma tabela contendo as possibilidades de desenvolvimento da consciência humana:

---

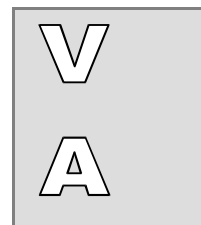
<sup>162</sup> Schachter-Shalomi, Z. e Miller, R.S. Mais velhos mais sábios – uma visão nova e profunda da arte de envelhecer. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

0	0	0	0	0	0	
1	1	1	1	1	1	
1	1	1	1	1	1	<b>CICLO 1: INFÂNCIA</b>
2	2	2	2	2	2	
3	3	3	3	3	3	
5	5	5	5	5	5	
8	8	8	8	8	8	<b>CICLO 2: PUBERDADE</b>
13	13	13	13	13	13	<b>CICLO 3: JUVENTUDE (ADOLESCÊNCIA)</b>
21	21	21	21	21	21	<b>CICLO 3: JUVENTUDE</b>
34	34	34	34	34	34	<b>CICLO 3: JUVENTUDE (ADULTEZ)</b>
55	55	55	55	55	55	<b>CICLO 4: MATURIDADE</b>
34			68	76	89	<b>CICLO 5: ANCIANIDADE</b>
21				89	110	
13					123	
8		63	76	97	131	<b>CICLO 6: VELHICE</b>
5	60	68	81	102	136	<b>CICLO 7: SENECTUDE</b>
3	63	71	84	105	139	
2	65	73	86	107	141	
1	66	74	87	108	142	
1	67	75	88	109	143	
0	67	75	88	109	143	

# A busca da Inteiraza do Ser

V

## Possíveis ações em saúde e educação



## Ações de saúde para a inteireza do Ser

Na visão transdisciplinar e holística da realidade, existe uma percepção integradora de tudo, onde a totalidade com seus constitutivos (denso, sutil e movimento) se distribuem de maneira hologramática em todos os hólons que a compõem<sup>163</sup>.

Como vimos, também o hólón humano é um ser inteiro e, ao mesmo tempo, é parte da totalidade. Ao diferenciar-se de sua realidade exterior, o hólón humano a observa a partir de um interior, individuando-se.

Neste processo de individuação, onde aprende sobre a existência humana, recebe interferências da família, da escola e da sociedade em seu, através de instruções, proibições, estimulações e/ou modelos. Ao mesmo tempo que experimenta sensações, sentimentos, pensamentos e intuições adequadas ao que é permitido pela sociedade e pela visão de mundo vigente. A partir disso, passa a explicar a realidade como separada de si mesmo (sujeito-objeto), gerando uma visão de mundo fragmentada.

Ao buscar desenvolver um si mesmo que lhe propicie equilíbrio vital e satisfação de suas necessidades, organiza sua consciência, passando a estabelecer modos de como sobreviver e satisfazer suas necessidades básicas, gerando um sistema de crenças sobre si mesmo, sobre os outros, o ambiente e o universo. Estas crenças irão orientar a manifestação de novas necessidades e de novas

---

<sup>163</sup>1. Para este texto, realizei uma releitura da Teoria Fundamental da Universidade Holística Internacional in Weil, P. 2000.op.cit.

emoções, ocasionando comportamentos que lhe possibilitem a satisfação destas necessidades.

A repetição destes comportamentos reforça seu sistema de crenças, criando uma noção de eu (ego), que estabelece um determinado conjunto de hábitos e desenha uma determinada visão de mundo que lhe é coerente.

Neste este processo, muito intenso, o hólón humano também se sente separado de seu meio ambiente, dos outros hólons deste ambiente e, dentro de si mesmo, separa-se em aspectos distintos (corpo, mente, organização social, visão de mundo), esquecendo-se de que tudo é parte da mesma totalidade. Esquece-se que é uma “onda do mar”.

Assim começa sua fragmentação e dissociação holoárquica. Através de suas ações, gera apego, tensão, estresse e doença, num contínuo processo auto-reforçador. Esta fragmentação atinge tanto o próprio hólón quanto os de sua espécie, expandindo-se aos hólons mais próximos de sua realidade, podendo levar a uma dissolução da mesma.

Este processo doentio (do-ente) envolve, então, fragmentação, dissociação, apego, dependência e desequilíbrio entre os aspectos que formam o hólón humano, incluindo aí a desarmonia em relação ao ambiente em que vive e uma não-consciência de que é parte de uma totalidade composta por hólons de complexidade menor e maior que si mesmo. É o que conceituamos como doença.

Voltar a ser inteiro, tornar-se regenerado, em outras palavras, é curar-se. A cura do ser humano ocorre quando este consegue dançar em torno de seu centro, de seu core, origem da palavra coração e, a partir daí, religar-se à totalidade.

Quando o hólón humano busca sua inteireza, sua harmonia consigo mesmo, com os outros, com sua realidade e se percebe como parte de uma totalidade, passa a gerar saúde. Neste sentido, podemos conceituar, então, a saúde humana como a

consciência de bem-estar resultante de um processo contínuo de harmonização entre os aspectos físicos, psíquicos, sociais, culturais, ambientais (em seu nível de realidade) e espirituais (entre níveis de realidade).

Leonardo Boff, em sua reflexão sobre o saber cuidar<sup>164</sup> nos lembra que cuidado deriva de cura e que esta “em latim, se escrevia *coera* e era usada num contexto de relações de amor e de amizade”. E que cuidar das pessoas “implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhe-las, respeita-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele”.

Todas as ações utilizadas para a busca consciente da saúde podem ser chamados de terapia, do grego *therapeutés* – a qual tem um duplo sentido de cuidar e de curar<sup>26</sup>. Como ações na terapia, estão incluídas, além dos métodos utilizados para promover a inteireza do hólon, também a educação e a saúde do terapeuta e o relacionamento deste com o ser que busca seus cuidados.

O médico Carl Hammerschlag <sup>165</sup>, psiquiatra que atuou por muitos anos com nativos norte-americanos, ao refletir sobre ser terapeuta descreve que:

“Descobri que nada funciona isoladamente. Tudo se inter-relaciona: corpo, mente e espírito; família, comunidade e nação; emprego, educação, patrimônio e lar; história, cultura, crenças religiosas e princípios. A maneira segundo a qual agrupamos estes blocos é que determina nossas peculiaridades individuais. Meu papel como terapeuta consistia em ajudar as pessoas a resgatar essa identidade singular por meios plausíveis e salutar e encontrar algo que pudesse sustentar esse processo e inseri-lo no contexto mais amplo de experiência humana e espiritual.” 21

Nos últimos anos, muitas formas diferentes de terapias têm sido conhecidas com distintos nomes: medicina científica, medicina tradicional, perene, contemporânea, ortodoxa, alternativa, vibracional, entre outras, formando uma verdadeira Torre de Babel com os defensores de uma abordagem em conflito com os de outra. A

<sup>164</sup> Boff, L. Saber Cuidar. Petrópolis: Vozes. 1999.

<sup>165</sup> Hammerschlag, C.A . A dança dos curandeiros – A iniciação de um Médico nas Artes de cura dos índios Norte-Americanos. Rio de Janeiro: Nova Era. 1993

maioria destas terapias estão vinculadas a visões de mundo mais ou menos específicas, às vezes aparentemente diferentes e contraditórias entre si. Porém, se observadas através de uma visão transdisciplinar e holística, todas estas terapias podem ser percebidas como parte da mesma busca da inteireza do Ser, sendo que algumas são mais adequadas que outras em função da fragmentação e do momento do hólón que está sendo cuidado.

A partir do reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, pode-se observar a existência de terapias que focalizam suas ações a partir do nível de realidade do hólón. Outras, entretanto, focalizam suas ações a partir de distintos níveis de realidade em conexão com o hólón humano. Ou seja, o ponto de partida da ação terapêutica pode estar focalizado em qualquer um dos quadrantes do hólón, na sua realidade (onde ele manifesta-se ou existe) ou em realidades diferentes da sua, com as quais está em conexão.

Neste sentido, e para fins didáticos, enfatizando se o nível de realidade, a partir do qual a terapia está agindo, é igual, ou diferente, do nível ao que o hólón em questão está situado, proponho organizar as terapias em duas grandes categorias: holônticas e trans-holônticas. A categoria das terapias holônticas reúne aquelas cuja ação inicia-se na realidade em que o hólón a ser cuidado está existindo (corporal, mental, social, cultural e ambiental) e a categoria das terapias trans-holônticas reúne as que partem de outro nível de realidade que não o do hólón em terapia.

As terapias holônticas podem ser classificadas de acordo com os quadrantes do hólón como:

- Holônticas corporais (exteriores e individuais)
- Holônticas mentais (interiores e individuais)
- Holônticas sociais (exteriores e coletivas)
- Holônticas culturais (interiores e coletivas)
- Holônticas ambientais (meio-ambiente da realidade do hólón)

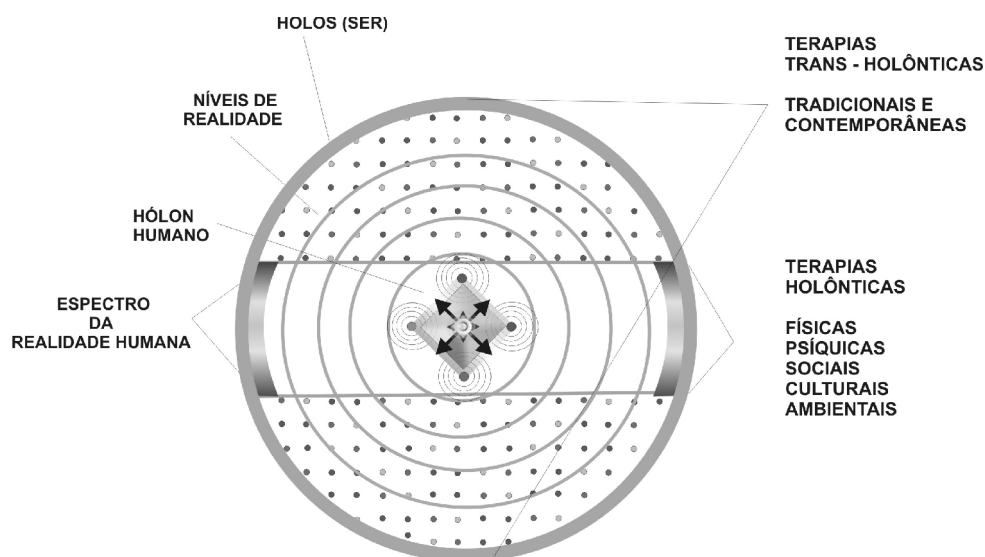
Já as terapias trans-holônicas poderiam ser classificadas como tradicionais, quando derivadas de tradições sapienciais, ou contemporâneas, quando derivadas de estudos e pesquisas científicas.

A título de exemplo, citarei algumas práticas terapêuticas de acordo com esta classificação:

- ❖ Holônicas corporais: Práticas médicas vinculadas à Medicina Científica (Cirurgia, Oftalmologia, Ginecologia, etc.); Nutrição; Fisioterapia; Educação Física; Fonoaudiologia; Fitoterapia; Farmacoterapia;
- ❖ Holônicas mentais: Práticas psicoterápicas vinculadas às Escolas de Psicologia (Behaviorismo, Psicanálise, Psicologia Humanistas e Psicologia Transpessoal); Arteterapia;
- ❖ Holônicas sociais: Imunoterapia; Medicina Comunitária; Epidemiologia; Medicina do Trabalho; Administração de Serviços de Saúde; Saúde Organizacional;
- ❖ Holônicas culturais: Algumas práticas de psicoterapia coletiva, tais como a Biodança, a Psicoterapia de Grupo, Psicoterapia Sistêmica Familiar, entre outras; Ritos de iniciação e passagem; Práticas psicopedagógicas; Aprendizagem de valores humanos;
- ❖ Holônicas ambientais: Práticas de desenvolvimento ambiental sustentável, Permacultura, Agricultura Biodinâmica, Feng Shui, Geomancia;
- ❖ Trans-holônicas contemporâneas: Medicinas chamadas vibracionais ou quânticas tais como a Homeopatia, a Medicina Floral e a Radiestesia;
- ❖ Trans-holônicas tradicionais: Acupuntura, Shiatsu, Medicina Ayurveda, Hathayoga, AiKiDo; Tai-Chi, Práticas derivadas das Tradições Sapienciais, tais como Hinduísmo, Cristianismo, Islamismo, Xamanismo, Judaísmo, Espiritismo, Umbanda, Cadomblé, Budismo.

Para visualizarmos estas diferentes terapias pode-se utilizar a formulação imagética abaixo:





Formulação Imagética 15  
Terapias holônicas e trans-holônicas

Nos últimos séculos, a formação da maioria dos terapeutas profissionais tem sido orientada, basicamente, aos quadrantes individuais, corporal ou mental, do ser humano, com algumas incursões no campo social. Em nosso momento atual, contudo, necessitamos de terapeutas com uma abordagem transdisciplinar e holística, buscando a inteireza do Ser, independentemente de utilizarem métodos de terapia holônicas ou trans-holônicas.

O terapeuta com visão transdisciplinar e holística pode ser definido como aquele que atua no cuidado de seres (hólons) em qualquer nível de complexidade, promovendo sua inteireza (saúde). Ao promover a inteireza daquele que busca seus cuidados, o terapeuta estimula a geração de um campo vibracional harmônico para o hólón, auxiliando-o a voltar ao seu equilíbrio vital.

Para promover a inteireza, um terapeuta necessitaria, em sua formação, desenvolver temáticas vinculadas a todos os aspectos que fazem parte do conceito de saúde, tais como:

Aspectos físicos, implicando o aprendizado da inteligência sensorial; a percepção da unicidade de tudo; é o aprendizado de como é tecida a teia da vida; é o aprender a tocar e ser tocado, estando atento ao que tem coração e significado;

Aspectos psíquicos, implicando a inclusão de práticas pedagógicas que envolvam trabalhos em grupo, psicoterapia individual e grupal, a participação em grupos de diferentes níveis sociais, culturais e ambientais. Implica o aprender sobre o desenvolvimento humano, suas transformações e passagens. Aprender a lidar com os sentimentos, seus e dos outros e, especificamente, o desenvolvimento da tolerância e do respeito às diferenças;

Aspectos sociais, implicando o saber ser líder de si mesmo; desenvolver estudos e práticas dos métodos terapêuticos, aprendendo a utilizá-los; aprender a agir eticamente; abrange, também, o trabalho e a pesquisa transdisciplinar;

Aspectos culturais, implicando o conhecimento de diferentes visões de mundo que acompanharam a humanidade, suas culturas, suas verdades; inclui, igualmente, estudos sobre a visão de mundo que vem se formatando após o advento da física quântica e a utilização da inteligência intuitiva na busca de verdades que possam ampliar os horizontes da consciência humana;

Aspectos ambientais, implicando o conhecimento sobre a busca de equilíbrio com a realidade (meio ambiente) em que vivem os humanos, com o planeta que habitamos, seus seres, seus ciclos, sua saúde e sua doença e, principalmente, como tudo isto afeta o processo saúde/doença humano;

Aspectos espirituais, implicando o resultado harmonioso dos demais aspectos. Implica o desenvolvimento do terapeuta equilibrado, centrado, flexível, transformador e, sobretudo, consciente. Reflete o estudo e o aprendizado dos diferentes caminhos do conhecimento e o desenvolvimento de práticas de conexão espiritual com o sagrado. Implica, fundamentalmente, um aprendizado da harmonia em dançar a vida e desenvolver uma cultura de paz.

Carl Hammershlag<sup>166</sup>, numa belíssima passagem de seu livro, *A dança dos curandeiros*, refere uma conversa com um terapeuta indígena:

Onde você aprendeu a curar? Muito embora presumisse que minhas credenciais acadêmicas pouco significassem para o velhinho, receitei a ladainha de minha formação médica, residência e mestrado. Você sabe dançar? Um tanto melindrado pela pergunta do ancião respondi que sim, que gostava de dançar. E ensinei alguns passos desajeitados à cabeceira de sua cama. Santiago disfarçou um riso entre os dentes, saltou da cama resfolegante e mostrou-me sua dança. Você precisa aprender a dançar se deseja curar as pessoas – disse ele. E você vai me ensinar os passos? – perguntei-lhe. Sim, posso ensinar-lhe os passos, mas você terá que aprender a ouvir sua própria música.

Portanto, para a preparação de terapeuta com abordagem transdisciplinar e holística torna-se necessário uma formação orientada pelo processo de cuidar/curar, tanto do ser que cuida e como do ser que busca seus cuidados.

Para aqueles terapeutas que desenvolvem, profissionalmente, uma ou mais técnicas ou métodos de cura, mas, que ainda não desenvolveram uma visão transdisciplinar e holística do processo terapêutico, creio ser possível uma ação educativa complementar para que possam preparar-se para o cuidar de si e daquele que busca seus cuidados através de uma visão integrada e integradora do processo saúde/doença do ser humano e suas relações. E, através da observação de diferentes visões de terapia holônicas e trans-holônicas, integrá-las através de bases filosóficas, científicas, artísticas e sapienciais, permitindo, com isso, uma atuação terapêutica ética e adequada à realidade atual.

Independente da existência e da necessidade de terapias, todos os hólons humanos podem desenvolver práticas básicas de cuidar de sua saúde, buscando sua inteireza através da realização dos seguintes itens<sup>167</sup>:

---

<sup>166</sup> Hammerschlag, C.A. 1993. op.cit.

<sup>167</sup> Releitura de Pietroni, P. *Viver Holístico*. São Paulo: Summus. 1988. p.35

- Busca de ampliação da consciência do indivíduo sobre si, sobre os outros e suas interações com a natureza;
- Comunicação com o outro e consigo mesmo;
- Alfabetização emocional através do aprendizado da liberação de suas emoções autênticas e das diferentes opções de comportamento;
- Cuidado com a visão de mundo e o sistema de crenças;
- Cuidado com as necessidades atuais e a realização de um planejamento de vida;
- Aprendizado da harmonia entre tensões opostas;
- Desenvolvimento de um sistema de apoio pessoal e social;
- Cuidado de sua alimentação;
- Prática de técnicas de respiração, meditação, exercícios físicos, visualização criativa, etc.

Algumas destas práticas já vêm sendo desenvolvidas por mim junto às disciplinas de Higiene, nos Cursos de Educação Física e de Farmácia da UFRGS; no curso de aperfeiçoamento pessoal Formação Holística de Base, da Unipaz-Sul e no curso de especialização Cuidar do Ser – Formação do terapeuta com Abordagem Transdisciplinar e Holística – Unipaz-Sul/UNESC - Universidade do Extremo-Sul Catarinense, Criciúma/SC.

V

B

## Ações de educação para a inteireza do Ser

Para significar, conhecer e atuar na realidade humana é necessário a utilização de um poderoso sistema organizador consensual que possa descrevê-la e mantê-la estável. Sistemas que descrevem a realidade consensual humana foram desenvolvidos pelas civilizações que nos antecederam e foram aprimorados, em sua quintessência, pela atual. Estes sistemas são passados de geração à geração através de ações educativas que utilizam, fundamentalmente, o modo de consciência hilotrópica para ensinar e, dentro desta, preponderantemente, o modo masculino de perceber e significar o mundo humano. Este processo educativo, de fundamental importância para a existência humana, poderia ser chamado de educação holôntica porque voltada à realidade humana.

Sabemos, no entanto, que um processo educacional altamente centrado na realidade manifesta pode afastar o indivíduo das dimensões mais sutis do ser. Torna-se necessário, então, ações educacionais que possam promover a conexão com as dimensões sutis, com aquilo que transcende. Segundo Martinelli<sup>168</sup>:

“Os atuais sistemas educacionais dissociaram o aspecto material do espiritual, fragmentaram o conhecimento e comprometeram o desenvolvimento integrado da personalidade dos alunos. Inibiram a criatividade e o sentido de percepção superior”

Para uma educação transdisciplinar e holística na busca da inteireza do Ser, temos de lançar mão, também, dos modos hilotrópico feminino e do modo holotrópico de significação e conexão com a totalidade. Uma educação que se proponha a esta conexão harmônica com a totalidade poderia ser chamada de educação transholôntica, permitindo a transemiose entre hólons de complexidades diferentes e/ou de realidades distintas.

<sup>168</sup> Martinelli, M. Aulas de Transformação. São Paulo: Peirópolis, 1996.

A educação holônica a educação trans-holônica não são antagônicas, apenas seu foco é distinto. O foco da holônica é o aprender a existir numa determinada realidade e o foco da trans-holônica é o aprender a significar realidades diferentes. Uma educação holônica excessiva, focada num mundo manifesto, acaba enfatizando os aspectos racionais e sensoriais do indivíduo, robotizando-o. Uma educação trans-holônica excessiva, focada no transpessoal, acaba enfatizando os aspectos sentimentais e intuitivos, mistificando o mundo percebido.

Uma educação para a inteireza necessita de educadores competentes e “coerentes”, conectados com o coração. Martinelli salienta isso ao propor que:

“O educador deve buscar em si o verdadeiro sentido de “educar”, deve ser o exemplo vivo dos seus ensinamentos e converter sua profissão numa atividade cooperadora do engrandecimento da vida”.<sup>169</sup>

Para a educação holônica em direção à inteireza do Ser, existe uma contribuição muito significativa que é a proposta da UNESCO para a educação do III milênio, divulgada num documento conhecido como Relatório Delors<sup>170</sup>. Neste documento, são propostas quatro maneiras de aprender, necessárias para o novo milênio: aprender a conhecer; aprender a conviver com os outros, aprender a fazer e aprender a ser. Se utilizarmos o conhecimento simbólico contido no mapa da inteireza do Ser, perceberemos que é possível acrescentar mais uma: aprender a amar. Estas cinco maneiras entram em ressonância com este mapa na seguinte distribuição:

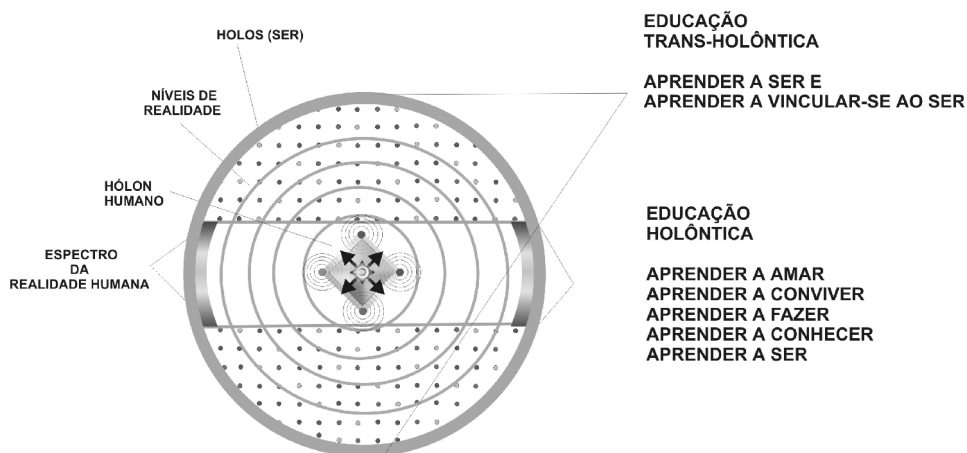
- Aprender a conhecer
  - fogo, intuição, pioneiro, visionário, rei – quadrante cultural.
- Aprender a amar
  - terra, sensação, amante, curador, artesão – quadrante corporal.
- Aprender a fazer
  - ar, pensamento, guia, guerreiro, líder – quadrante social.

<sup>169</sup> Martinelli, .op.cit. p. 12

<sup>170</sup> Delors, J. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2002.

- Aprender a conviver com os outros
  - água, sentimento, iniciado, mestre, sábio – quadrante mental
- Aprender a Ser
  - etérico, transcendência, ser harmônico – centro, o *core* – a harmonia consigo mesmo, com o outro, com o planeta e com o universo.

Uma visualização destas práticas educativas pode ser observadas na formulação imagética abaixo:



Formulação Imagética 16  
Ações educativas holônicas e trans-holônicas

Em uma educação trans-holônica, pode-se observar dois níveis de aprendizado: um vinculado aos diferentes ciclos de desenvolvimento do ser humano e outro vinculado à conexão e significação de diferentes realidades ou campos da totalidade. No caso dos diferentes ciclos de desenvolvimento da consciência humana, é possível a organização de uma educação que permita ao hólón humano estar inteiro a cada momento da sua existência e, neste fluir, viver sua inteireza enquanto Ser.

A consciência humana, desenvolvendo-se em ciclos que ocorrem em tempos mais ou menos conhecidos, pode facilitar a organização de uma educação que permita ao hólón humano estar inteiro a cada momento da sua existência e, neste

fluir, viver sua inteireza enquanto Ser. Ou seja, uma educação para a busca da inteireza do Ser necessita respeitar as etapas do desenvolvimento do indivíduo, entendendo que, em cada etapa, o indivíduo é inteiro. Em quaisquer das etapas de seu desenvolvimento, precisa aprender a conhecer, a amar, a conviver, a fazer, a harmonizar-se e a ser, de acordo com o seu momento.

Ações educativas necessárias para a busca da inteireza do Ser levam em consideração a possibilidade de o indivíduo tornar-se inteiro em cada fase do seu desenvolvimento. Estas ações utilizam o conhecimento transdisciplinar acumulado pela humanidade, permitindo que a conexão com outras diferentes realidades seja mantida e preparando o hólón humano para entrar, inteiro, em todos os seus ciclos existenciais.

Para que as ações educativas holônticas e transholônticas sejam integradas e harmonizadas, necessitam de um centro harmonizador – um coração (core – centro) - e para isso, talvez tenhamos de retomar lições ensinadas por antigas civilizações, as quais tinham métodos para promover a passagem entre níveis da consciência, com suas diferentes realidades, ao mesmo tempo em que educavam para existir nesta realidade.

A consciência do indivíduo, ao expandir-se para uma nova fase ou etapa de seu desenvolvimento, necessita, simultaneamente, desorganizar-se e reorganizar-se. Uma determinada organização da consciência gera uma noção de “eu sou”, a qual pode-se chamar de ego. Quando a consciência atinge um determinado nível de organização e está apta a mudar para outro, o ego (organização) daquele ciclo necessita morrer (desorganização) para dar lugar a um outro ego<sup>171</sup> (reorganização), onde a consciência constitui-se como um novo “eu sou”, mais expandido que o anterior. Em outras palavras, forma um novo hólón que transcende e inclui o anterior.

---

<sup>171</sup> POZATTI, M. e SOUZA, N. *Rituais e Psicoterapia*. Porto Alegre: Ceapia. 1994.



Observamos, no cap. IV, que, como consciência humana, evoluímos através de várias fases de desenvolvimento. Se, em algumas destas fases, nos desenvolvermos de uma maneira desarmônica, provavelmente teremos problemas em nossos relacionamentos conosco mesmos, com os outros, com a sociedade e com o planeta. Esta desarmonia pode ser desde alimentação, carinho, até casa, cultura e estrutura social; ela afeta o indivíduo como um todo. Se a passagem entre as fases não se torna bem demarcada, pode levar a geração de patologias e desvios no desenvolvimento da consciência, afastando-a de sua inteireza, uma vez que o indivíduo levará problemas não resolvidos e hábitos da fase anterior para a próxima.

A fronteira entre fases da consciência humana pode ser trabalhada por um processo educativo integrador conhecido há milênios, usualmente chamado de ritual de passagem. Antigas civilizações e culturas ancestrais conheciam a necessidade de, em determinados períodos do desenvolvimento do ser, marcarem e consolidarem momentos de integração através de ritos que permitem a harmonização do ser em desenvolvimento.

A mudança de uma etapa à outra através da utilização de ritos de passagem pode ser muito útil ao marcar a saída de uma situação obsoleta, já insignificante, para uma situação com novos significantes, pois tais ritos proporcionam a morte simbólica do ego obsoleto e o nascimento de “outro” ego, mais atual.

Para Jung<sup>172</sup>, a mudança de nível de consciência pressupõe um ritual:

“Nas sociedades tribais é o rito de iniciação que resolve de maneira mais eficiente este problema. O ritual faz o noviço retornar as camadas mais profundas da identidade original existente entre a mãe e a criança ou entre o ego e o self forçando-o, assim, a conhecer a experiência de uma morte simbólica. Em outras palavras a sua identidade é temporariamente destruída ou dissolvida no inconsciente coletivo. É então salvo solenemente deste estado pelo rito de um novo nascimento. Este é o primeiro ato da verdadeira assimilação do ego em um grupo maior exprimindo-se sob a forma de totem, clã ou tribo”.

---

<sup>172</sup>JUNG, C. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

Os ritos servem para demarcar, assinalar a morte de uma etapa e o nascimento de outra. Funcionam como um farol, um marco referencial que o indivíduo busca em situações críticas. Para Zoja<sup>173</sup>:

“os rituais estão imperecivelmente enraizados na procura do homem pela transcendência. Eles fornecem ao homem contemporâneo as dimensões simbólicas, sagradas, míticas ou poéticas de sua existência”.

Em praticamente todas as sociedades, existem rituais de iniciação e de passagem, que visam educar para um crescimento integrado de seus membros. Segundo Zoja<sup>174</sup>:

“a iniciação pretende fazer com que o homem renasça, em geral propondo-lhe um modelo mítico: confere-lhe um novo poder que é o da figura mítica e portanto do arquétipo. Ligando-o ao mito, paradigma imutável, a iniciação também confere ao homem um espécie de segurança e o torna de certo modo intocável”.

Zoja ainda coloca que a morte ritualística é condição necessária para que o indivíduo possa ter acesso a um nível mais complexo de consciência humana: “O acesso a uma condição superior é obtido com uma morte e uma regeneração simbólicas e rituais”<sup>175</sup>.

O vínculo entre rituais e educação foi bem estudado por Peter McLaren<sup>176</sup> em sua tese de doutoramento. Para ele: “somos ontogeneticamente constituídos por ritual e cosmologicamente formados por ele”. Os ritos permitem a criação de um mundo onde o indivíduo possa socialmente atuar, uma vez que:

“a ritualização é um processo que envolve a encarnação de símbolos, conglomerados de símbolos, metáforas e paradigmas básicos através de gestos corporais formativos. Enquanto formas de significação representada, os rituais capacitam os atores sociais a demarcar, negociar e articular sua existência fenomenológica como seres sociais, culturais e morais”.<sup>177</sup>

A educação atual, ao não qualificar os ritos como processo educativo, está com dificuldades para marcar as diferentes fases de desenvolvimento da consciência

173 ZOJA, L. Nascer não basta. São Paulo: Axis Mundi, 1992.

174 ZOJA, L. 1992. op.cit.

175 Idem

176 MCLAREN, PETER. Rituais na Escola – Em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Ed. Vozes. Petrópolis.1992.

177 Idem, p.88.

humana. A quase ausência de ritos de passagem em nossa cultura faz com que, para ingressar em novas etapas da vida, muitos jovens busquem no álcool, droga, fumo, carros, gangues ou grupos, formas de iniciação ou de passagem.

Mclaren também percebeu que ensino e ritos podem ser trabalhados como um campo unificado. Para ele, os rituais podem ser percebidos como “transmissores de códigos culturais”. Reflete, porém, que o vínculo entre rituais e pedagogia tem sido pouco estudado, principalmente por que, em virtude de concepções errôneas sobre o termo ritual, o ensino não tem sido considerado como uma transação ritualística.

O rito pode ser uma ação educativa por excelência em direção à educação para a inteireza do Ser na medida em que pode integrar a educação holôntica e a tranholôntica. Um ritual em direção a inteireza do Ser auxilia o indivíduo a demarcar tanto sua passagem para outro ciclo de seu desenvolvimento humano como lhe permite abrir-se para realizar uma transemiose com outras realidades, ressignificando sua vida.

Para Campbell<sup>178</sup>, o terapeuta, e creio que o educador também, é um propiciador de rituais de cura e de passagem. O terapeuta/educador necessita conhecer as dimensões externas e internas; o mundo humano e o além do humano. Por conhecer mundos (realidades) diferentes e, principalmente, o caminho entre ambos, é que o iniciador pode ser revestido do sagrado papel do iniciador. A partir deste papel, o terapeuta/educador pode orientar e coordenar a passagem entre etapas e entre mundos através de ritos de passagem, conhecidos ou não.

Porém, sem uma preparação dos terapeutas/educadores, existe o risco de que o uso indiscriminado de rituais sem os elementos básicos e fundamentais dos mesmos pode levar o iniciante a abrir campos arquetípicos sem sua necessária passagem, o que possa levá-lo não à morte psíquica, mas à morte física, pois,

---

<sup>178</sup> CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990..

como refere Zoja<sup>179</sup>, “a necessidade frustrada em sua expressão simbólica, tende a se literalizar”.

Campbell<sup>180</sup> compara um místico, alguém que foi iniciado através de rituais com um esquizofrênico que não teve uma iniciação adequada entre níveis de consciência:

“O místico, dotado de talentos inatos..., e seguindo... a instrução de um mestre, entra na água e descobre que sabe nadar; o esquizofrênico, por sua vez, despreparado, sem orientação e sem dotes, caiu nela, ou mergulhou voluntariamente, e esta se afogando”.

Praticamente todos os processos ritualísticos possuem elementos comuns tais como: um toque de sagrado e de mistério, serem quase religiosos em sua prescrição e execução; possuírem respeito, silêncio e segredo; utilizarem-se de elementos que desacomodem e que confortem; tendo seus passos e etapas definidas e, não muito racional ao iniciado.

Os três momentos básicos de um ritual, segundo Zoja,<sup>181</sup> são os seguintes:

- a passagem pressupõe a **saída de uma situação insignificante** ou de pouca significância para o indivíduo rumo a uma situação significativa ou de maior significância. Ou seja, há um ritual de saída de uma situação já obsoleta, ou já inadequada, para uma nova identidade que lhe permita atuar de forma mais inteira, mais completa, mais presente;
- a etapa seguinte pressupõe a **morte iniciática**, ou simbólica, que implica em fechar a passagem, a renúncia da identidade anterior, a morte do ego.
- para completar a passagem, é necessário um ritual de entrada, um **renascimento iniciático e simbólico**, onde o indivíduo é aceito em sua nova identidade, compartilhando com os demais, suas experiências.

---

<sup>179</sup> ZOJA, op.cit.

<sup>180</sup> CAMPBELL, op.cit.

<sup>181</sup> Idem

Os rituais necessitam, para sua execução, de elementos que são fundamentais ao seu sucesso, os quais poderiam ser descritos a partir de três conjuntos: o ritual propriamente dito, o iniciante e o iniciador. Baseado no estudo de Zoja, organizamos estes níveis da seguinte forma:

Ritual propriamente dito necessita de:

- Objetivo de ampliar a consciência;
- Inserção em um novo sistema cultural coerente;
- Processo anterior de purificação, de limpeza;
- Ligação a um contexto que transcenda o indivíduo;
- Necessidade do sagrado, algo maior que o iniciador e o iniciado dando aval a passagem;
- Aceitação da morte;
- Delimitação do processo;
- Definição do novo caminho;
- Preparação para a nova identidade, em um estágio evolutivo superior;
- Espaço ritualístico organizado;
- Mobilização de arquétipos;
- Utilização de símbolos potentes;
- Momentos de silêncio;
- Compartilhamento de experiências;
- Aceitação da comunidade.

Ao iniciante é solicitado:

- O desejo de mudar;
- Paciência;
- Humildade;
- Reverência ao processo;
- Disciplina.

Do iniciador espera-se:

- Paciência;
- Autenticidade e congruência;
- Ritmo, cadência;
- Segurança;
- Potência, permissão e proteção;
- Acompanhamento do processo;
- Conhecimento do tema do ritual e suas etapas a que se refere o processo.

A título de ilustração, apresento três programas com ações educativas voltadas à inteireza do Ser que contemplam, à sua maneira, o que foi visto sobre o hólón humano, sua inserção na totalidade, seus ciclos de desenvolvimento, seus quadrantes e suas modalidades de consciência. Estes programas, todos eles com mais de dez anos de execução, podem auxiliar-nos a observar as possibilidades de ações educativas para a inteireza do Ser. São eles:

- **A arte de viver em Paz**, idealizada por Pierre Weil<sup>182</sup>, psicólogo, Reitor da Unipaz e Prêmio Internacional de Educação para a Paz, da Unesco. Este curso é promovido pela Unipaz – Universidade Holística Internacional e recomendado pela 26ª. Assembléia Geral da Unesco. Possui uma metodologia própria vinculando teoria e vivências sobre a Paz e suas possibilidades. Seus objetivos levam em consideração uma teoria não fragmentada do universo e uma perspectiva que abrange o homem, a sociedade e a natureza. Propõe-se a transmitir e desenvolver a arte de viver em paz em três planos:
  - O homem: refere-se à ecologia interior ou à arte de viver em paz consigo mesmo. Simultânea ou sucessivamente, corpo, coração e espírito encontrarão seu estado de equilíbrio.

---

<sup>182</sup> Weil, P. A arte de viver em paz. São Paulo: Gente, 1993.

- A sociedade: refere-se à ecologia social ou à arte de viver em paz com os outros. Basicamente, afeta os domínios da economia, da vida social e política e da cultura.
- A natureza: refere-se à ecologia planetária ou à arte de viver em paz com a natureza. Tem como objetivo principal a paz com o meio ambiente.
- **Formação Holística de Base**<sup>183</sup> – realizado pela Unipaz em todos os seus Campii e Núcleos, no Brasil e exterior, desde 1988. Utiliza-se de uma metodologia que integra holologia e holopraxis, visando:
  - A busca da inteireza do ser;
  - O desenvolvimento de uma visão holística da realidade;
  - A promoção de uma cultura de paz.
- Na Unipaz-Sul, este programa desenvolve-se em 25 meses, em seminários de 12 horas, cuja temática circula pelos quadrantes do mapa da inteireza do Ser. A partir de uma informação generalizada – Caminhos do conhecimento – o Aprendiz percorre a dinâmica proposta no conjunto de seminários intitulados “Artes de Viver a Vida”; realiza um estágio de 42 horas onde são estudados os doze arquétipos, encerrando sua jornada na reflexão d que é Ser Harmônico.
- **Grupo Guerreiros do Coração** – Movimento de educação de homens que iniciei em 1994, objetiva a preparação de homens com uma consciência holística da realidade de ser e, para isto, pretende que durante o curso, o aluno:
  - desenvolva estudos sobre as bases teóricas físicas, psíquicas, culturais, sociais e espirituais da realidade e da consciência do ser homem;
  - desenvolva estudos sobre as relações que o homem desenvolve em sua vida, buscando reconhecer as pontes entre as mesmas;

---

<sup>183</sup> Unipaz-Sul. Manual da Formação Holística de Base. Porto Alegre. 2000

- desenvolva estudos sobre os campos de consciência vinculados ao ser homem;
- desenvolva estudos sobre a consciência humana e seu desenvolvimento no homem;
- compartilhe momentos de vida, permitindo a cura de suas feridas enquanto homem;
- inicie-se no contato com suas energias masculina e feminina;
- realize ritos de iniciação e passagem clarificando sua identidade em ser homem;
- desenvolva uma visão ética para o desenvolvimento de uma humanidade mais harmônica.

Através de ações educativas holônicas e trans-holônicas, utilizando de vivências ritualísticas, estamos atingindo homens de acordo com seu ciclo evolutivo na busca da inteireza do Ser.

- **Programa Educação em Valores Humanos**<sup>184</sup> – idealizado pelo mestre espiritual e educador Sri Sathya Sai Baba, foi adotado em mais de 100 países, existindo há mais de trinta anos. Para Martinelli<sup>185</sup>, os valores humanos são:

“fundamentos morais e espirituais da consciência humana...não é possível encontrar o propósito da vida sem esses valores que estão registrados em nosso ser profundo, ainda que adormecidos na mente e latentes na consciência.”

No Brasil, este curso tem sido realizado pela Fundação Peirópolis – SP. Tem como proposta que “o humanismo e os valores ético-espirituais sejam fundamentos de uma nova ordem social”<sup>186</sup>. Propõe cinco valores humanos fundamentais ou absolutos: verdade, ação correta, amor, paz e não-violência, os quais correlacionam-se, perfeitamente, no mapa da inteireza da seguinte maneira:

<sup>184</sup> Martinelli, M. 1996. op.cit

<sup>185</sup> Idem. p.15

<sup>186</sup> Idem, p. 11



- **Verdade** - “é um valor humano porque só a espécie humana pode encontrá-la e vivenciá-la. A verdade é o que dá significado e dignidade à vida”<sup>187</sup>.  
Correlação com o mapa – Fogo; Intuição; Arquétipos Rei/Rainha, Pioneira/a, Visionário/a; Quadrante Cultural.
- **Ação Correta** – “A ação correta surge do aprimoramento do caráter pela contínua busca de si mesmo. É um valor humano porque só o homem pode moldar e escolher o próprio comportamento”<sup>188</sup>.  
Correlação com o mapa - Ar; Pensamento; Arquétipos Mensageiro/a; Guerreiro/a, Líder; Quadrante Social.
- **Amor** – “O amor é a energia inesgotável que move o mundo, os universos e os seres. É a força de criação, coesão e sustentação da vida. O amor é a energia de unicidade e transformação”<sup>189</sup>.  
Correlação com o mapa - Terra; Sensação; Arquétipos Amante, Curador/a, Artesão/ã; Quadrante Corporal.
- **Não-violência** – “O ser humano que conquistou a si mesmo é manso de coração, incapaz de ferir algo ou alguém. Respeitar as leis naturais, os seres e as coisas criadas com humildade e sabedoria é vivenciar a não-violência como valor absoluto.”<sup>190</sup>.  
Correlação com o mapa - Água; Emoção; Arquétipos Aprendiz; Iniciado/a; Sábio/a; Quadrante Mental.
- **Paz** – “É a base da felicidade humana. Na experiência da paz é que se processam as transformações profundas na nossa personalidade. A interiorização gera a alquimia divina que modifica a vibração energética e aprimora a consciência”<sup>191</sup>.  
Correlação com o mapa - Etérico; Transcendência; Arquétipos do Ser Harmônico; Quadrante Central.

Visualizados, através de uma formulação imagética, estes valores, associados às ações educativas, poderia ser vistos assim:

---

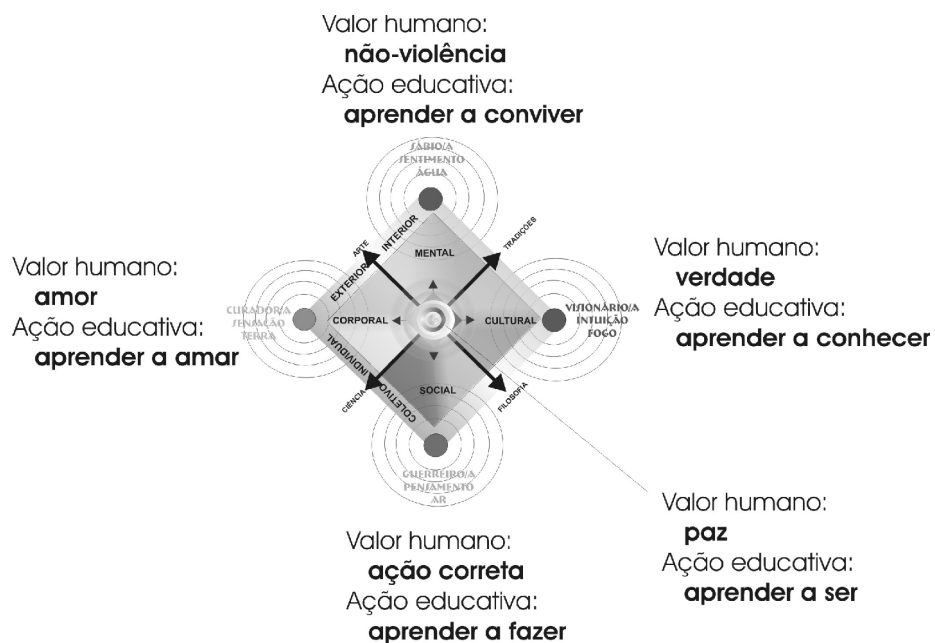
<sup>187</sup> Idem p.18

<sup>188</sup> Idem p.18

<sup>189</sup> Idem p.18

<sup>190</sup> Idem p.19

<sup>191</sup> Idem p.18



Formulação Imagética 17  
Valores humanos e ações educativas

# A busca da Inteireza do Ser

## VI

### Conclusão: inferências possíveis

## VI

**Aferências Possíveis**

Nesta tese, observamos é necessário estar na fronteira entre caos e cosmos, entre o holotrópico e o hilotrópico, entre o criado e o incriado para que possamos ser inteiros. É ali que o Ser se torna vital, animado, consciente, pleno de significados. Entre o caos e o cosmos, o sutil e o denso, movimenta-se o espírito em permanente autocriação. Ali padrões (ondas, campos, hábitos) sutis são interligados, apresentados, reapresentados, conectados, gerando hábitos que geram estruturas (densas), que geram novos hábitos, novos padrões, que geram ... o novo.

Integrando o denso, o sutil e o movimento, temos a totalidade, com suas infinitas dimensões em conexão. Na dança entre caos e cosmos, a ordem e a desordem, o yin e o yang, uma dança criativa, que plasma e modela, a vida vai se complexificando, dando saltos quânticos ... O ser cria continuamente a si mesmo e, ao criar-se, gera novas conexões e novas formas passam a existir em diferentes níveis de complexidade, se diferenciando em diversos hólons; entre eles, o hólón humano.

Percebemos a existência de hólons (algo que é inteiro e parte de um todo maior) e que os hólons estão sujeitos a quatro grandes impulsos: individuação, comunhão, dissociação e transcendência. Percebemos que a existência do hólón humano é simultânea à existência de outros entes e de outras realidades e que é possível, ao hólón humano, ampliar sua consciência a estas outras realidades, aprendendo com elas através de uma educação trans-holônica.

Neste sentido, pode-se dizer que o hólón, enquanto um holograma fractálico da totalidade, é uma imagem e semelhança da mesma, e, por isso, os hólons humanos também são seres inteiros, necessitando, para atingir esta condição, estar em sinfonância com o Ser em todos os momentos de sua existência.

Observamos, também, que é possível ao hólón humano ampliar sua consciência de uma maneira harmônica através de ações educativas de saúde e educação que contenham uma visão transdisciplinar e holística, permitindo que o indivíduo possa apreender, manter e transcender sua inteireza, sendo, com isto, um co-criador do mundo.

Vimos que, para sermos co-criadores do mundo, necessitamos estar conectados nesta dança cósmica, inteiros e ligados com a totalidade, com o hólón, porque é nessa interação que chegaremos aos pontos de bifurcação, aos pontos que nos permitiram dar saltos quânticos de consciência. Quando o hólón humano deixa de criar, de dançar, de fazer sentido, de transformar, ele se fragmenta, fica doente.

Fragmentado, bifurcado, contata necessariamente com a possibilidade da morte, do caos; contata com a necessidade de mudança de padrão, de paradigma e, conseqüentemente, de estrutura, podendo autodissolver-se em hólons de menor complexidade ou transcender: buscando um novo equilíbrio, gerando algo novo, modelando, plasmando uma nova existência. Esta transcendência ocorre naturalmente durante sua existência enquanto ser humano, em diversos ciclos de desenvolvimento.

Se estes ciclos não forem devidamente orientados por educadores e cuidados por terapeutas coerentes, os seres humanos terão dificuldades em criar um novo eu a cada ciclo. Possivelmente, encontraremos potenciais de mudança esquecidos, não utilizados, que ficaram perdidos e fragmentados em sua existência. Estes fragmentos podem tornar o seu sistema instável, de tal maneira que isto dificultará sua existência.

Compete a homens e mulheres, enquanto modalidades de consciência humana, aprender a dançar entre os quatro impulsos do hólón, buscando esta semelhança e integração com a totalidade. Nesta dança, cada um necessita aprender a individualizar-se (ação de se perceber dividido entre o observador e o observado), ao mesmo tempo em que se percebe uno consigo mesmo, com os outros semelhantes, com os não semelhantes e com a totalidade (comunhão, união com); concomitante, necessita aprender a fluir entre o engessamento de uma identidade (uma parte da totalidade), com o que perderia a vitalidade e dissociar-se-ia em fragmentos do Ser, e a complexificação transcendente a que necessariamente está exposto ao ampliar sua consciência enquanto hólón.

E, aqui, observamos o papel fundamental da saúde e da educação num desenvolvimento do ser humano, de maneira que, em cada ciclo de sua existência, possa tornar-se inteiro, conectado com a totalidade da qual é parte.

Hoje, é necessário, e possível, estimular, desenvolver e aproximar o trabalho dos inúmeros terapeutas e educadores que estão buscando ultrapassar as formas rígidas da visão mecanicista de mundo. Para isso, já contamos com um substrato transdisciplinar e holístico, teórico e prático, que permite a integração de forças rumo a uma humanidade inteira. Uma humanidade que possa integrar seus diferentes caminhos do conhecimento: ciência, filosofia, tradições sapienciais e a arte. Neste sentido, as formulações imagéticas apresentadas podem orientar a integração destes caminhos, norteando ações de saúde e educação para a inteireza do Ser. Estas formulações permitem-nos buscar a ampliação da consciência humana individual e coletiva, e, com isso, um desenvolvimento saudável para a humanidade.

Precisamos ouvir o que as tradições sapienciais ancestrais de nossos povos têm a nos dizer, e, juntos criarmos o novo. Creio que temos condições de estimular os terapeutas e educadores criativos a compartilharem suas idéias e experiências que promovem a emergência do novo, buscando sua integração com as experiências ancestrais de promoção da vida, percebendo conexões e criando um

novo cuidado do ser. Isto poderia ser um salto quântico necessário à humanidade hoje.

Sabendo-se da possibilidade de integração de todos os caminhos que a humanidade percorreu, o desafio está em nossas mentes aceitarem esta integração. Lembrando Paulo Freire: “o impossível de amanhã só será possível se fizermos o possível hoje”.

Penso que as perguntas orientadoras iniciais desta tese, a saber: a) a visão transdisciplinar e holística da realidade torna possível uma formulação teórica sobre a inteireza do Ser? b) o mapa da inteireza poderia ser uma formulação imagética que permitisse a compreensão de caminhos para a busca da inteireza do Ser? c) um mapa da inteireza poderia indicar, através de formulações imagéticas, ações de saúde e educação para a busca da inteireza do Ser?, são assim respondidas.

A partir de minha vivência em ações de saúde e educação, estudando, experienciando, refletindo, pude perceber formulações imagéticas que podem significar a inteireza do Ser e do ser humano inteiro, como um fractal do Ser. O mapa, como síntese das formulações imagéticas constituídas, indica caminhos possíveis de ações em saúde e educação para a busca da inteireza.

Então, assim constituída, minha reflexão pode ser aplicada a práticas de saúde e educação. Algumas das práticas apresentadas, como o Programa Cuidar do Ser, disciplinas de Higiene e Higiene Social e o Programa Guerreiros do Coração, já são aplicações atuais geradas pela reflexão realizada.

Percebo que esta tese produziu, além das formulações imagéticas (o mapa da inteireza do Ser aplicado às ações de saúde e educação), algumas reflexões novas como o desenvolvimento da consciência humana a partir de Bentov e Fibonacci, o processo de desenvolvimento consciencial gerado pelos doze campos arquetípicos, os modais da consciência na construção e estabilização da realidade humana e a retomada do ritual de passagem como método de estimular

a busca da inteireza do Ser em todas as fases da existência humana. Concluindo, esta tese auxiliou-me na melhor compreensão do meu trabalho atual como terapeuta e educador.



# A busca da Inteiraza do Ser

## VII

### Bibliografia



## Bibliografia

- ALCANTARA, A.G. Vila Augusta: uma experiência de Análise Transacional em Saúde Comunitária. Arq. Med. Prev. Porto Alegre. 1(3): 19-25. Out-Dez.1980.
- ALLENDY, R. Le symbolisme des nombres. Paris, 1948, in Chavalier, J. e Gheerbrant, A. 1962.
- ARRIEN, A. O caminho quádruplo: trilhando os caminhos do Guerreiro, do Mestre, do Curador e do Visionário. São Paulo: Ágora, 1997.
- BENTOV, I. A espreita do pêndulo cósmico: a mecânica da consciência. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998.
- BERNE, E. O que você diz depois de dizer olá. São Paulo: Summus, 198.
- BOFF, L. Saber Cuidar. Petrópolis: Vozes. 1999.
- \_\_\_\_\_ Tempo e transcendência. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BOHM, D. A totalidade e a ordem implicada: uma nova percepção da realidade. São Paulo: Cultrix, 1992.
- BRIGGS, J. e PEAT, F.D. A sabedoria do Caos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAPRA, F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1986.
- \_\_\_\_\_ A teia da vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.
- \_\_\_\_\_ As conexões ocultas – ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CASTANEDA, C. Porta para o infinito. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- \_\_\_\_\_ A erva do diabo. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- \_\_\_\_\_ O presente da águia. Record. Rio de Janeiro. 1981.

- CHEVALIER, J. e GHEERBRANDT, A. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- CREMA, R. Saúde e plenitude: um caminho para o Ser. São Paulo: Summus, 1995.
- DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2002.
- DOCZI, G. O poder dos limites: harmonias e proporções na Natureza, Arte e Arquitetura. São Paulo: Mercuryo, 1990.
- ELIADE, MIRCEA. O sagrado e o profano. Lisboa: Ed. Livros do Brasil. S/d.
- FERGUSON, M. A conspiração aquariana. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- GUARDINI, R. A aceitação de si mesmo. São Paulo: Palas Athena, 1987.
- GERBER, R. Medicina vibracional. São Paulo: Cultrix, 1997.
- GOSWAMI, A. O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.
- GREENE, L. Relacionamentos. São Paulo: Cultrix, 1988.
- GREIMAS, A.J. Dicionário de semiótica. São Paulo: Cultrix. 1989.
- GROF, S. A aventura da autodescoberta. São Paulo: Summus, 1997.
- GUÉNON, R. Os símbolos da ciência sagrada. São Paulo: Pensamento, 1984.
- HAMMERSCHLAG, C.A. A dança dos curandeiros – A iniciação de um médico nas artes de cura dos índios norte-americanos. Rio de Janeiro: Nova Era, 1993.
- HILMANN, J. O código do Ser. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- JECUPÉ, K.W. Tupã Tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- JUNG, C. G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- \_\_\_\_\_ Interpretação psicológica do dogma da trindade. Petrópolis: Vozes, 1983.
- KOSS, M. Feminino + masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras Ed., 2000.
- KRIPPNER, S & DILLARD, J. Dreamworking. New York: Beary Limited, 1984.
- LAL ARORA, Harbans. Qualificação da Tese. 2001.
- LASZLO, E. Conexão cósmica. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LELOUP, JEAN-YVES; WEIL, P. e CREMA, R. Espírito na Saúde. Vozes.

- Petrópolis. 1997.
- LIEVEGOED, B. Fases da vida: crises e desenvolvimento da individualidade. São Paulo: Antroposófica, 1991.
- LOURO, G. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. Porto Alegre: Educação e Realidade. Vol 20(2), Julho/Dezembro, 1995.
- MCLAREN, P. Rituais na escola. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MARTINELLI, M. Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.
- MOORE, R. & GILLETTE, D. Rei, guerreiro, mago e amante: os arquétipos do masculino. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- \_\_\_\_\_. O rei dentro de nós. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.
- NEUMANN, E. História da origem da consciência. São Paulo: Cultrix, 1995.
- NICOLESCU, B. O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.
- NOVAK, P. A sabedoria do mundo – textos sagrados sobre as religiões universais. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.
- OMS. Atenção primária de saúde. 1978.
- PIETRONI, P. Viver Holístico. São Paulo: Summus. 1988.
- POZATTI, M.L & POZATTI, J.M.C. Bases para a organização de uma comunidade na busca de melhores condições de vida. Arq. Méd. Prev. Porto Alegre, 2:p6-14, Ago-Set. 1980.
- POZATTI, M.L. Paradigmas médicos e práticas médicas – análise de suas influências em um estágio de Medicina Comunitária da UFRGS. Porto Alegre: PPGEDU-UFRGS, 1990. (Dissertação de Mestrado).
- POZATTI, M.L. & Souza, N. S. Rituais e psicoterapia familiar sistêmica. Porto Alegre: CEAPIA, 1993. (Trabalho de Conclusão – Especialização).
- POWELS, L. e BERGIER, J. O despertar dos mágicos – introdução ao realismo fantástico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, (27ª. ed.).
- PRIGOGINE, I. El nacimiento del tiempo. Buenos Ayres: Tusquets, 1991.
- SAMS, J. Cartas do caminho sagrado. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SCHACHTER-SHALOMI, Z. e Miller, R.S. Mais velhos mais sábios – uma visão nova e profunda da arte de envelhecer. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- SHELDRAKE, R. O renascimento da natureza: o reflorescimento da ciência e de

- Deus. São Paulo: Cultrix, 1993.
- \_\_\_\_\_ Sete experimentos que podem mudar o mundo. São Paulo: Cultrix. 1999.
- SILVA, D.F. Anotações de sala de aula. PPGEDU-UFRGS. 1999.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade. Vol 20(2), Julho/Dezembro, 1995.
- SUSUKI, D.T. in Wilber, K. Espectro da Consciência. São Paulo: Cultrix. 1990.
- TILLER, W. W. in Bentov, I. Á espreita do pêndulo cósmico. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998.
- TOBEN, B.; WOLF, F.A. Espaço: tempo e além. São Paulo: Cultrix, 1982.
- WEIL, P. A arte de viver em paz. São Paulo: Gente, 1993.
- \_\_\_\_\_ Esfinge: estrutura e símbolo do homem. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
- \_\_\_\_\_ O sentido da mudança e a mudança de sentido. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2000.
- WILBER, K. Espectro da consciência. São Paulo: Cultrix, 1990.
- \_\_\_\_\_ Breve história de todas las cosas. Barcelona: Kayrós, 1997
- WHITROW, G.J. O tempo na história. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1993.
- WHORF, B.L>, Language, Thought and Reality, org. J.B. Carrol, Cambridge Mass, MIT Press, 1956, p. 57-64. in Whitrow, G. 1993.
- ZOJA, L. Nascer não basta. São Paulo: Axis Mundi, 1992.
- UNIPAZ-SUL. Manual da Formação Holística de Base. Porto Alegre: Unipaz-Sul. 2002.